

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA SÃO PAULO

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de setembro de 1960

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr.

Diretor — Mário Alves

Nº 82

Redator-Chefe — Fragmon Borges

Kruschiov na ONU Contra a Vontade de Eisenhower: Desarmamento

Texto na 7ª pág.

DENUNCIA PRESTES EM SÃO PAULO:

Jânio Pediu Votos Dos Comunistas em Troca da Legalidade do Partido



Jânio: Demagogo de Duas Caras

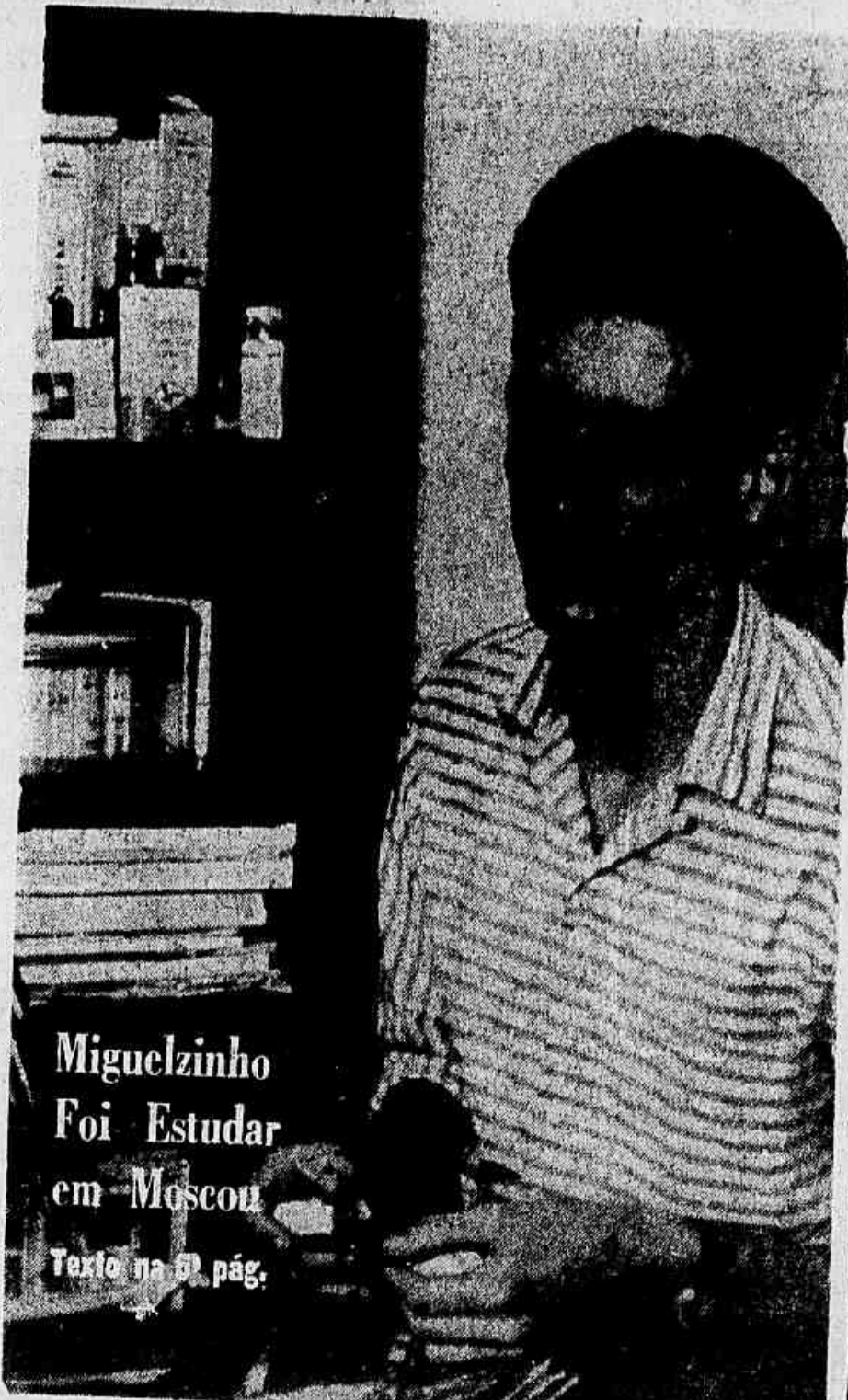
Texto na 1ª pág. do 2º cad.



LUIZ CARLOS PRESTES está dando um grande exemplo de participação entusiástica e eficiente dos comunistas na campanha eleitoral. O ex-senador carioca vem se desdobrando na propagação da candidatura Lott-Jango. Na última semana, percorreu diversas cidades de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Irá em seguida ao Nordeste, voltando ao Rio para o final da campanha. Nessa verdadeira maratona, o líder comunista fala em comícios e estações de rádio, dá entrevistas à imprensa estabelece contatos políticos. Sua principal preocupação é esclarecer o eleitorado, analisar os principais problemas que afligem o povo, mostrar o conteúdo nacionalista das candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart, a importância de sua vitória para o avanço da democracia e o progresso, para a completa libertação de nossa Pátria da exploração estrangeira e para a elevação do nível de vida dos brasileiros. Tem denunciado, na base de argumentos, o caráter entreguista da candidatura Jânio Quadros. E, num de seus comícios, mostrou que o amigo de Rockefeller, agora entregue a uma campanha anticomunista de tipo Pena Boto, por duas vezes mandou emissário pedir os votos dos comunistas e assegurar que, se eleito, daria imediatamente legalidade ao Partido Comunista do Brasil. Em ambas as vezes foi repellido. (Leia reportagem na terceira página do primeiro caderno).

Salário mínimo antes das eleições contra a carestia

A ELEVACÃO do custo da vida tem sido vertiginosa ultimamente. E de maneira arrebatadora todos os orçamentos dos que vivem de salários ou vencimentos. Os trabalhadores e o povo em geral sofrem, em consequência, brutal redução em sua capacidade aquisitiva. E o resultado é o que se sabe: aumento das privações, menos pão na mesa do homem que vive de uma renda fixa. Impõe-se, assim, a determinação de novo salário mínimo, acompanhado da majoração geral dos salários. Será, nessas condições, um mero reajustamento. Os trabalhadores não irão ganhar mais, o que, afinal de contas, seria justíssimo. Irão apenas voltar a ganhar o que ganhavam antes. E isso se o novo salário mínimo for fixado de acordo com a elevação do custo da vida, o que consideramos um critério aceitável. Devendo, naturalmente, manifestar-se a respeito os interessados, que são os trabalhadores, através das assembleias dos Sindicatos. Por outro lado, o novo salário mínimo deve ser fixado pelo governo agora, porque o contrário seria condenar os operários a suportar uma situação que já é insustentável. Contra isso tramam, muitas vezes apresentando o contrário, as correntes que apoiam o entreguista Jânio Quadros. As forças agrupadas em torno de Lott e Jango compreendem que este é o seu interesse: novo salário mínimo antes das eleições. (2ª pág. 1º cad.)



Miguelzinho Foi Estudar em Moscou

Texto na 6ª pág.

Salto Para a Frente

ORLANDO BOMFIM JR.

JÁ NOS PRIMEIROS momentos em que a prélio eleitoral começou a tomar impulso, certos órgãos de imprensa, reconhecidamente obscurantistas, se empenharam em fazer crer que era falsa a afirmativa de que a luta tinha o sentido principal de um embate entre patriotas e entreguistas. O nacionalismo, diziam eles, não será o divisor das candidaturas. Marchando ao lado do sr. Jânio Quadros, o que pretendiam, na verdade, era baralhar as coisas para impedir que contra o seu candidato formasse a maioria da Nação.

MÁS O CERTO é que, nesta campanha sucessória, as forças nacionalistas desempenham papel importante, até mesmo decisivo, desde o surgimento dos candidatos. O marechal Lott, no âmbito nacional, e o sr. Sérgio Magalhães, no Estado da Guanabara, são dois exemplos significativos. Ao contrário da costumeira imposição vinda das cúpulas partidárias, houve, por assim dizer, uma escolha prévia do eleitorado mais consciente. E, longe das cambalachos realizados em torno de restritos interesses personalistas ou de grupos, essa escolha nasceu de um critério que partia exatamente das conveniências dos interesses nacionais. Cuidou-se de fazer candidatos homens que, pelo crédito do seu passado, fossem capazes de possibilitar a aglutinação, ao seu redor, das correntes orientadas no rumo de uma solução democrática e patriótica para os problemas do nosso povo.

CREMOS ser impossível negar a participação abnegada dos comunistas dentro do conjunto das forças nacionalistas. Souberam agir de acordo com uma orientação política de princípios. Na perspectiva das aspirações finais da classe operária, viram os objetivos imediatos a atingir, que são os de toda a Nação, desejosa de se libertar por completo das condições espoliadoras impostas pelos monopólios estrangeiros, principalmente os norte-americanos.

SOB OUTRO aspecto, a atividade dos comunistas, nas eleições, também revela a estrutura efetivamente

nacional do seu movimento, que não se quebra e enfraquece por considerações regionalistas secundárias. Sua posição, nos Estados, é ditada pelo interesse superior de levar à vitória as candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart. Trata-se, pois, do mais ampla mobilização das forças locais para garantir esse resultado.

POR ISSO mesmo, a campanha nos Estados cresce de importância e significação. Daí por que os comunistas na Guanabara compreendem a necessidade de empregar todo o vigor de sua dedicação para a vitória da candidatura Sérgio Magalhães, anulando o divisionismo de Mendes de Moraes e Tenório Cavalcanti e derrotando o entreguista desbragado que é o sr. Carlos Lacerda. O mesmo alcance tem o esforço para eleger, pela mais larga margem de votos possível, Tancredo Neves para governador e Santiago Dantas para vice-governador de Minas Gerais. E são idênticas as razões que levam os comunistas a apoiar as candidaturas de Aurélio Carmo no Pará, Newton Belo no Maranhão, Aluísio Alves no Rio Grande do Norte, Silvestre Pérciles de Goes Monteiro e Aurélio Viana em Alagoas, Janduy Carneiro e Jacob Franz na Paraíba, Mauro Borges em Goiás, Wilson Fadul em Mato Grosso.

ESSA ATIVIDADE, coerente e ao mesmo tempo despida de personalismo, constitui, inegavelmente, um dos fatores do prestígio que cerca a ação dos comunistas e facilita seu esforço unificador, das demais correntes na busca de objetivos comuns. E a visão nacional da batalha política que está sendo travada robustece a consciência de que o resultado das urnas, a 3 de outubro, poderá significar um grande salto para a frente. Não será vão o papel decisivo que os nacionalistas, hoje, mais do que nunca, desempenham. A vitória da chapa Lott-Jango alargará as possibilidades de reagrupamento das forças políticas num sentido favorável à luta democrática e emancipadora do nosso povo.

REPÓDIO AOS 30%

Assembléia-Monstro Reafirma a Posição Bancários Cariocas

Depois daquela assembléia-monstro que se realizou no Teatro João Caetano, no último dia 15, com a participação entusiástica de mais de cinco mil bancários da Guanabara, os cariocas assumiram, praticamente, a liderança da campanha nacional da corporação pela conquista da proposta de emergência, que consubstancia um aumento salarial de 50%, extinção do trabalho aos sábados, fixação do salário mínimo profissional, e prazo de 90 dias para início da elaboração do Contrato Coletivo de Trabalho.

Para eles, os bancários da Guanabara, estão voltadas as atenções de todos os seus colegas dos demais Estados.

Essa posição de destaque se justifica pela atitude firme e unitária que os liderados de Aluizio Palhano vêm mantendo face as constantes investidas dos banqueiros, que pretendem fracionar a campanha nacional de reivindicação dos bancários, golpeando, em primeiro lugar, a campanha no Estado da Guanabara, através de propostas divisionistas, como aquela de aumento puro e simples de 30%, repudiada energeticamente na assembléia do Teatro João Caetano.

Assembléia-monstro

Na assembléia do Teatro João Caetano, os bancários cariocas deram mais uma soberba demonstração de firmeza e de inquebrantável unidade. A proposta patronal de um aumento de 30% foi repudiada com uma vaia maciça que se prolongou por vários segundos. A mesma sorte teve a sugestão de um orador, propondo considerar apenas o aumento salarial, embora em bases mais elevadas, deixando de lado as outras reivindicações.

As denúncias

No relatório da diretoria do Sindicato, apresentado à assembléia, foi denunciada a situação privilegiada dos banqueiros, cujos lucros confesosados vêm em elevação crescente, acusando no ano de 1959 a cifra de 13 bilhões de cruzeiros, 42%, a mais em relação aos lucros de 1958. O relatório salienta que, enquanto isso, mais de 70% dos bancários recebem salários de fome, que variam de 6 a 12 mil cruzeiros apenas.

Após salientar que os banqueiros, sem qualquer motivo sério e razoável, negam-se atender o convite do Governador Federal para participarem das reuniões da Comissão Mista Nacional, os líderes bancários voltaram a denunciar as manobras do diretor do Banco do Brasil e ucranista Artur Santos, objetivando afastar os funcionários daquele Banco dos acordos salariais.

Resoluções

Sob uma explosão de aplausos, foi aprovada, por unanimidade absoluta,

Defende Teu Direito

H.A. (Londrina — Est. do Paraná).

O consulente, que é dirigente sindical, secretário do sindicato da categoria a que pertence, foi despedido — segundo alega — sem que tenha dado motivo, e somente em virtude da atividade que exercia. Nestas circunstâncias, pode o patrão despedi-lo?

— Tenho que, além de imotivada, a despedida foi ilegal. O patrão tem o direito de despedir empregado não estável, quando bem entendido. Pagará indenização e Aviso Prévio quando a dispensa for injusta. E ficará isento deste pagamento se o empregado tiver incorrido em qualquer das faltas previstas no art. 482 da Consolidação das Leis do Trabalho.

Sendo estável o empregado, entretanto, a rescisão do contrato só é válida em dois casos, a saber:

- quando o empregado cometeu falta e esta falta resultar, apurada em inquérito judicial, julgada procedente. Então, com autorização da Justiça, o contrato será desfeito.
- quando empregado e empregador concordarem, amigavelmente, com a rescisão do contrato, preenchidas as formalidades previstas no art. 500 da Consolidação; — assistência do sindicato e, à falta de sindicato, homologação da autoridade local competente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio ou da Justiça do Trabalho.

O consulente, secretário do sindicato representativo da categoria profissional a que pertence, é provisoriamente estável, até quando perdurar a investigação, de acordo com o art. 543 da Consolidação das Leis do Trabalho, que dispõe: — «O empregado eleito para cargo de administração sindical ou representação profissional não poderá, por motivo de serviço, ser impedido do exercício de suas funções, nem transferido da comissão ou do mandato». Com efeito, despedir o empregado, em razão apenas de sua qualidade de dirigente sindical, é impedir o exercício de suas funções, pondo entretanto ao livre desenvolvimento da entidade.

Os Tribunais do Trabalho, em pronunciamento expressivo, têm sufragado a tese de que o empregado, exercente de cargo de administração sindical é provisoriamente estável, durante o período da investigação, declarando, em tal caso, ilegal a dispensa, determinando a sua reintegração nas funções anteriormente ocupadas e condenando a empresa ao pagamento dos salários a que faria jus, se estivesse normalmente trabalhando.

O consulente, pois, deve dirigir-se à Justiça do Trabalho, pedindo a sua reintegração, bem como os salários.

O Supremo Tribunal Federal, julgando hipótese semelhante, entendeu que: — «Entendeu o Tribunal Superior do Trabalho que a mera indenização ao empregado exercente de mandato sindical, com a cominação de multa, quando dispensado injustamente, frustraria o propósito da proteção visada pelo legislador e anularia o amparo por ele pretendido, por isso que à indenização farão jus quaisquer empregados e a imposição de multa, por sua natureza, não impediria a violação da lei. É incensurável a restrição que, por motivo de serviço, ser impedido do exercício de suas funções, nem sequer transferido sem causa justificada. A decisão recorrida, deferindo a reintegração do reclamante, não violou o § 3º do art. 543 da Consolidação Trabalhista. Recurso Extraordinário não conhecido. Ac. STF 1a. Turma (Rec. Ext. 34.676). Rel.: Ministro Mota Filho, publicado em audiência de 28-5-1957, in Dicionário de Decisões Trabalhistas, B. Calheiro Bonfim, ed. de 1959, pág. 67.

a proposta da Diretoria do Sindicato dos Bancários, que é a seguinte: a) rejeitar a contra-proposta patronal, na base de 30%, sem mínimo nem máximo, e com as compensações de praxe; b) manutenção da assembléia permanente, a fim de possibilitar à Diretoria uma rápida consulta à classe, em qualquer emergência; c) autorizar a Diretoria a novos contatos com os srs. banqueiros, tendo como base a proposta de emergência; d) promover demonstrações públicas da classe em grau sempre mais elevado, visando a demover os banqueiros de sua atual posição de intransigência; e) concluir os bancários a ampliar e consolidar sua organização nos locais de trabalho; f) autorizar a criação do fundo de solidariedade; g) promover reuniões com os colegas do Banco do Brasil, a fim de tomar medidas contra as manobras que visam a excluir os acordos salariais que venham a ser firmados.

Solidariedade

Após essa inequívoca demonstração de unidade, os bancários cariocas começaram a receber novas manifestações de solidariedade dos seus colegas de todo o país.

Os bancários de Minas Gerais, reunidos em assembléia geral, decidiram rejeitar qualquer proposta semelhante a que foi repudiada pelos cariocas. Nesse mesmo sentido manifestaram-se os trabalhadores em estabelecimentos de crédito de Fortaleza, Recife, e Niterói, que endereçaram telegramas de solidariedade aos seus colegas cariocas.

Essas manifestações de apoio que chegam de todo o Brasil vêm constituindo um estímulo apreciável à luta dos bancários cariocas que, desde segunda-feira última, ganharam às ruas da cidade, promovendo novas manifestações públicas pela conquista da proposta de emergência.



Lei da Previdência Regulamentada

Em solenidade que contou com a presença dos srs. João Goulart, vice-presidente da República; Batista Ramos, ministro do Trabalho; parlamentares e centenas de líderes sindicais, o presidente Kubitschek assinou o decreto que regulamenta a Lei Orgânica da Previdência Social. Na solenidade, realizada na manhã de dia 19, no Palácio das Laranjeiras, fizeram uso da palavra o líder bancário Huberto Meneses,

em nome dos participantes do III Congresso Sindical Nacional, e Deoclécio Cavalcanti, presidente da CNTI. Na foto, os membros da Comissão Paritária que regulamentou a Lei, vende-se os srs. Waldemar Alves e Geraldo Campos, representantes dos empregados. A Comissão era composta ainda dos srs. Moacir Velloso e Mário Passos, representantes do Governo, e Antônio Monteiro Cruz e Milton Bezerra Cabral, representantes dos empregadores. As eleições para os órgãos colegiados dos IAPs serão realizadas até 5 de novembro próximo.

Campanha Para Apressar Novo Salário Mínimo

Todas as Comissões de Salário Mínimo já estão recompostas, e em condições de se reunir para julgar a necessidade da revisão dos novos níveis salariais, em caráter excepcional. O SEPT (Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho) órgão encarregado de promover o levantamento do custo da vida nas 22 Regiões e 55 sub-Regiões de Salário Mínimo, já se encontra, por outro lado, capacitado para fornecer as certidões sobre o encarecimento do custo da vida em todo o território nacional.

Campanha de massas

Já existem, portanto, todos os elementos indispensáveis para que se culde de imediato a revisão dos atuais níveis salariais. Os líderes sindicais que se avistaram com o presidente da República, em Brasília, pediram ao presidente Kubitschek a elevação geral de 70% nos atuais níveis de salário mínimo, até 1º de outubro vindouro, e a promoção do zoneamento, 90 dias após a decretação do novo mínimo. O Diretor do SEPT, em conversa com a reportagem, assegurou que o zoneamento poderá ser feito dentro de 120 dias, desde que autorizado pelo ministro do Trabalho.

Para tornar vitoriosas essas reivindicações, os líderes sindicais continuam promovendo assembléias em todo o país, e endereçando telegramas e apelos ao presidente da República e ao ministro do Trabalho, exigindo a imediata revisão do salário mínimo. A excepcionalidade, como se sabe,



As dependências do Teatro João Caetano foram pequenas para abrigar a imensa massa de bancários que atendeu à convocação do seu Sindicato para a assembléia do último dia 15, onde foi repudiada, com uma vaia ensurdecedora, a proposta patronal de um aumento de 30%, que acham insuficiente. Querem 50% e o atendimento das demais reivindicações

O teatro foi pequeno

Com a Equiparação: Unidos os Marítimos e os Portuários

No próximo dia 29, no Teatro João Caetano, os trabalhadores marítimos e portuários cariocas promoverão a primeira das grandes manifestações públicas em favor da equiparação dos seus vencimentos aos dos militares. Nessa luta já se encontram unidos 12 Sindicatos marítimos, a União dos Portuários do Brasil e a Federação Nacional dos Portuários. A campanha se desenvolverá em todo o território nacional, e poderá culminar com uma greve geral se até 8 de novembro a equiparação não estiver em vigor.

Nova fase

O movimento dos trabalhadores de mar pela equiparação dos seus vencimentos aos dos militares entrou em sua fase decisiva após terem sido solucionadas algumas das reivindicações dos 5 Sindicatos marítimos que, encabeçados pela entidade dos oficiais de náutica, ameaçavam paralisar a atividade nos seus setores, à zero hora de dia 15 de corrente. Superada a crise inicial, tudo indica que todos os Sindicatos marítimos, inclusive o dos oficiais de náutica, oficiais de máquina, radiotelegrafistas e de enfermeiros, venham a participar do movimento que une os homens de mar e dos portos de todo o país.

Conquistas parciais

Muitas reuniões interministeriais e inúmeras assembléias sindicais precederam a decisão dos marítimos de dar marcha-à-ré na greve articulada para zero hora de dia 15. A solução concili-

atória foi encontrada, ficando decidida a anulação da greve, em virtude de o ministro do Trabalho haverem se comprometido a conseguir a liberação da verba de 240 milhões de cruzeiros destinada ao pagamento dos atrasados devidos aos pensionistas e aposentados da IAPM.

O ministro da Viação, por outro lado, reunido com os membros da Comissão de Marinha Mercante e do Lóide Brasileiro, decidiu mandar incorporar o abono provisório de 30% aos vencimentos dos marítimos, para efeito dos cálculos das gratificações. Inúmeras outras reivindicações, constantes do acordo salarial de novembro de 1959, foram atendidas pelas autoridades.

União com os "barnabês"

Em reunião intersindical realizada na manhã de dia 16 do corrente, na sede do Sindicato Nacional dos Marinheiros, ficou deliberado que se procedesse a entendimentos com todas as entidades de funcionalismo público e autárquico, de modo a que se unificassem, num poderoso movimento de massas, todas as categorias empenhadas em conquistar a equiparação de vencimentos entre civis e militares.

Um apelo direto foi feito à Federação Nacional de Marítimos e Federação Nacional do Grupo de Máquinas, para que se lancem imediatamente na campanha.

Assembléias

Desde o dia 20 que os Sindicatos marítimos e suas Delegacias Regionais receberam instruções da Comissão Intersindical para convocarem assembléias gerais, visando a mobilizar todo o seu quadro social para desenvolver a campanha pela paridade. Os líderes que aderiram ao movimento pelo paridade são os seguintes:

Armando Maia, presidente do Sindicato dos Mestres de Pequena Cabotagem; José Ananias dos Anjos, dos Práticos de Arrais de Rio de Janeiro; Waldir Gomes dos Santos, do Sindicato Nacional dos Marinheiros; José Ribeiro da Silva, do Sindicato Nacional dos Foguistas; Pedro Torres, do Sindicato Nacional dos Taisfeiros; Joaquim Peres, dos Motoristas; Firmino Fernandes, dos Operários Navais; Carlos Gerardi, dos Empregados em Escritórios; Waldemar Monteiro da Silva, dos Carpinteiros Navais; Manoel Jerônimo Dias, da União dos Portuários do Brasil, e Felipe Ramos, da Federação Nacional dos Portuários.

Nota Sindical

A Assembléia Dos Bancários

Os «figurões» do sindicalismo de antanho, cevados no ambiente plácido das reuniões assessoradas pelos agentes da Delegacia de Ordem Política e Social, deveriam ter comparecido àquela assembléia-monstro que os bancários cariocas realizaram no último dia 15, no Teatro João Caetano. Ali, ao calor da imensa massa humana, eles poderiam verificar que os tempos realmente são outros, e teriam motivos de sobra para acabar com as ridículas afirmações que continuam fazendo pela imprensa, sobre os processos coercitivos usados pelos vermelhos no III Congresso Sindical Nacional.

Fato curioso na assembléia dos bancários foi a semelhança das ruidosas manifestações do plenário com as que levaram os presidentes da CNTI, CNTC e CNTT a se retirarem do III Congresso Sindical Nacional.

A massa de trabalhadores presentes era outra. Também outros eram os pontos em discussão. Só uma coisa foi igual, tanto na assembléia dos bancários como na sessão do III Congresso — a vaia maciça contra o orador que se colocou em posição oposta ao pensamento dos milhares de homens e mulheres que ali estavam reunidos.

Como se vê, não são os «vermelhos» que vão. Quem vai, quem cassa a palavra ao orador safado, quem o põe para fora do seu meio quando ele surge como um provocador ordinário, é a massa de trabalhadores. Essa massa que adquiriu uma consciência de classe, a qual, infelizmente, ainda não foi assimilada pelos homens oriundos do sindicalismo do Estado Novo.

Ninguém pode impedir as manifestações espontâneas, profundamente autênticas dos trabalhadores que se reúnem para cuidar dos seus interesses, quando eles percebem a ação dos elementos provocadores e divisionistas. Os trabalhadores têm sensibilidade suficiente para saber quando um orador é safado mesmo, e quando, honestamente, defende um ponto de vista contrário ao da maioria. Neste caso, trava-se o debate; no outro, é o que se viu, tanto na assembléia dos bancários, como na sessão do III Congresso: uma vaia maciça para definir, sem rodeios, a repulsa à tese defendida pelo advogado do diabo.

Os desertores do III Congresso Sindical Nacional teriam mais uma lição e aprender com a assembléia dos bancários, que reuniu mais de cinco mil trabalhadores nas dependências de estabelecimentos de crédito do Estado da Guanabara. Teria sido mesmo muito bom que eles tivessem ido até lá, ao invés de estarem perambulando pela Europa e EUA, com os técnicos da ORIT.

Huberto Meneses Pinheiro, presidente da CONTEC; Aluizio Palhano, presidente do Sindicato dos Bancários; e todos os demais líderes da corporação que se encontravam na mesa da assembléia, cumpriram o seu papel, apelando a imensa massa de bancários que fizessen silêncio e deixassem o homem falar. O apelo foi atendido em parte, mas nem por isso Huberto se retirou da mesa com os seus companheiros, como o fez Deoclécio, Parmigliani, Sindulpho e Campista no III Congresso. O orador bancário também não se retirou do Teatro. Ele viu que a sua opinião era insustentável porque chocava-se com a da maioria esmagadora dos seus colegas.

A assembléia dos bancários cariocas foi, por isso mesmo, um dos mais palpantes exemplos da atual fase do sindicalismo brasileiro: a assembléia reuniu milhares de trabalhadores que já sabiam o que defender, do mesmo modo que sabiam o que queriam os delegados ao III Congresso. Os excessos que às vezes ocorrem, com a verificação de vãos duradouras nos candidatos a ovelha negra, podem ser corrigidos, jamais condenados. Essas manifestações refletem o crescente vigor do movimento sindical brasileiro. Quem não entende assim, está fora da realidade. É inútil se pretender, a essa altura, que as assembléias sindicais se processem como no tempo das intervenções ministeriais, numa serenidade artificial, alimentada a ponta de balonetes. Hoje os trabalhadores são donos dos seus sindicatos.

Everaldo Martins

Nilson Azevedo

Denuncia Prestes em São Paulo:

Jânio Pediu Votos dos Comunistas em Troca da Legalidade do Partido

Falando em São Paulo, na capital e no interior, que percorreu nos últimos dias realizando grandes comícios, Luiz Carlos Prestes fez novas e importantes revelações sobre as manobras com que o sr. Jânio Quadros procurou conquistar o apoio dos comunistas à sua candidatura nas eleições de 3 de outubro próximo. «O sr. Jânio Quadros — disse Prestes — que em Recife e logo após em Porto Alegre vem de investir, com a mesma desmoralizada linguagem do almirante Pena Boto, contra os comunistas, numa evidente demonstração de desespero diante da derrota que o aguarda nas urnas, é o mesmo que em fins do ano passado e no início deste mandava um emissário pedir-me os votos dos comunistas, comprometendo-se, em troca, a dar todas as garantias para a volta de nosso Partido à legalidade. Mas nós, que sempre nos orientamos por questões de princípios — acrescentou — sabemos muito bem que o sr. Jânio Quadros, na sua condição de candidato dos imperialistas norte-americanos e do que há de mais reacionário em nosso País, visava apenas a sua eleição para continuar no caminho das

traições aos interesses populares e nacionais. E por isso continuamos com o marechal Teixeira Lott, que é o candidato dos patriotas, que é um homem honrado e capaz de defender no Governo posições nacionalistas. E certamente por esse motivo é que o sr. Jânio Quadros passa a acusar os comunistas usando a mesma linguagem do ridículo almirante Pena Boto e da polícia. Com isto, no entanto, ele se desmascara mais uma vez, aparecendo tal qual é, como um demagogo e anti-comunista, como homem de confiança dos imperialistas norte-americanos e de seus agentes em nosso País».

«Rush» eleitoral

Prestes, que vem desenvolvendo febril atividade na campanha pela vitória de Lott e Jango, cruzou na semana passada em vários sentidos o Estado bandeirante. Depois de falar em Araçatuba, Bauri e Taubaté, esteve em Jundiá e Campinas, Ribeirão Preto e Presidente Prudente, de onde retornou domingo, via Londrina, à capital paulista pa-

ra falar ali em dois comícios, em Vila Formosa e Santana.

Dezenas de milhares de pessoas, que no curso deste «rush» de Prestes ouviram sua palavra, puderam sentir com mais nitidez os aspectos dominantes da situação nacional e a orientação que os comunistas apontam para a conquista de uma vida melhor para todos os brasileiros. Abordando a questão do domínio dos trustes e monopólios norte-americanos sobre a nossa Pátria, Prestes traçou o paralelo entre a prosperidade e os lucros astronômicos auferidos por essas empresas e a situação de miséria que caracteriza a vida de milhões de brasileiros. «Este tipo de «ajuda» do capital estrangeiro não nos interessa, porque não é ajuda mas espoliação sem piedade do melhor fruto do trabalho dos brasileiros» — disse Prestes, apontando como exemplo a Light, que trouxe 30 milhões quando se instalou e hoje somente de lucros envia à sua matriz, anualmente, a mesma quantia.

Referindo-se ao problema da terra, cujo monopólio pelos latifundiários é a outra causa dos males que torturam a vida dos brasileiros, Prestes desmascarou a chamada «reforma agrária» do governador Carvalho Pinto, simples reforma tributária que não atenderá, de forma alguma, nem mesmo num grau mínimo, às necessidades dos camponeses paulistas. E denunciou o governador janista pelas violências praticadas em Santa Fé do Sul contra os trabalhadores do campo, cujo líder Jofre Corrêa Neto vem de ser condenado a três anos de prisão, com base na infame Lei de Segurança, simplesmente por ter defendido com coragem e lealdade a causa desses trabalhadores. Prestes analisou as características das candidaturas presidenciais, mostrando a verdadeira face do sr. Jânio Quadros e os motivos pelos quais Lott e Jango devem receber os sufragios de todos os patriotas. «A candidatura de Lott nasceu sem que ele o quisesse no mesmo 11 de novembro, quando o marechal se colocou à frente do Exército para esmagar o golpe imperialista já em marcha e garantir a posse dos eleitos. Sua candidatura, por outro lado, é a primeira em nossa história que nasce do próprio povo e não de conchavos nas cúpulas partidárias».

Entre outros vários pontos abordados por Prestes, Cuba figurou em destaque, manifestando o povo, em toda a parte, a sua enorme simpatia pela causa da revolução. «A luta do povo cubano é a nossa luta — disse Prestes — e, se os imperialistas norte-americanos consumarem a agressão que projetam, nossa solidariedade não faltará em nenhum terreno».

Povo esmagou provocações em Taubaté

Em Taubaté, na primeira parte do comício, antes de Prestes ocupar a tribuna, provocadores janistas postados na frente do comitê de «vassoura», junto à praça onde se realizava o «meeting», tentaram promover desordens, apoiados numa aberta benevolência das autoridades policiais presentes. Mas a reação popular não se fez esperar e os provocadores foram postos em fuga. Pouco depois, Prestes dirigia a palavra ao povo e somente os aplausos entusiásticos da multidão interrompiam o seu discurso. E o comício, de proporções sem precedentes na cidade, terminou sem mais qualquer alteração da ordem. Em Jundiá, na Praça da Matriz, cerca de 5 mil pessoas compareceram ao comício, em que também falaram o deputado Luciano Lepera e o vereador Antônio Galdino. Uma hora depois, Prestes falava em Campinas diante de considerável massa popular. Provocadores janistas também surgiram na oportunidade, mas foram prontamente dominados por elementos do próprio povo. Outros oradores do comício foram os líderes sindicais Victorio Chinaglia, Pedro Segundo Simonato e Floriano Dezen, bem como o deputado Lepera.

Em Ribeirão Preto

Ao chegar a Ribeirão Preto, na sexta-feira, Prestes foi recebido por inúmeros patriotas, entre eles o vice-prefeito do município, dr. Orlando Jurca, dirigentes locais do PSB, líderes estudantis e dirigentes sindicais. Ainda no aeroporto Leite Lopes, abordado pelo repórter Silva Bueno, da Rádio Cultura, Prestes dirigiu uma saudação aos ribeirão-pretanos, respondendo também a várias perguntas sobre problemas



Prestes aclamado em toda parte

da atualidade política nacional e internacional.

Depois de receber inúmeras visitas de personalidades locais, na residência onde se hospedou, inclusive delegações de vários municípios vizinhos, Prestes compareceu à noite a um comício na Praça 15 de Novembro. Ai cerca de 5 mil pessoas aguardavam a sua palavra. Depois de falarem os srs. Antônio Giroto, Ramão Fernandes, Antônio Vieira e Luciano Lepera, Prestes ao assomar à tribuna foi acolhido por uma verdadeira ovação. Mais tarde, o dirigente comunista dirigiu-se novamente ao povo, desta vez através da PRA-7, Rádio Clube, numa entrevista gravada.

Em Presidente Prudente

Em Presidente Prudente, na Alta Sorocabana, Luiz Carlos Prestes chegou às últimas horas do dia seguinte, recebendo festiva recepção no aeroporto, onde se encontrava uma pequena multidão, entre os quais o vice-prefeito municipal dr. Hugo Lacorte, dirigentes de vários partidos e grande número de jovens estudantes. O automóvel conduzindo Prestes deixou o local precedido de motociclistas fazendo as vezes de batedores e seguido de diversos carros, rumando para o centro da cidade.

Sempre num ambiente de viva expectativa popular, Luiz Carlos Prestes chegou ao palanque na Praça da Bandeira sob a chuva que caía, sem que, no entanto, ninguém abandonasse o local. Depois de falarem alguns oradores, entre os quais o camponês João Miguel Corrêa, o médico José da Silva Guerra e o vice-prefeito Hugo Lacorte, Prestes iniciou o seu discurso entre vivas da multidão, a maior já concentrada em comícios políti-

Cada comício realizado por Luiz Carlos Prestes foi marcado pela vibração dos nacionalistas de todas as correntes políticas que se unem em torno das candidaturas de Lott e Jango. Prestes foi aclamado em toda a parte, sucedendo às demonstrações de carinho do povo para com o líder comunista. Na foto ele aparece quando subia ao palanque de onde falou, na Praça Quinze, em Ribeirão Preto.

cos naquela praça, e por várias vezes teve de interromper as suas palavras diante dos aplausos.

Para chegar à noite a São Paulo, Prestes teve de descer domingo pela manhã a Londrina e, assim poder tomar o avião que o conduziria à capital bandeirante. Coincidentemente, no mesmo instante em que o líder comunista desembarcava de um táxi aéreo, o marechal Lott e sua comitiva, que haviam realizado na noite anterior um comício na metrópole do Norte do Paraná, tomavam avião para outras cidades do Sul. Prestes e Lott, pela primeira vez depois de longos anos, reviram-se de perto, cumprimentando-se.

Mais dois comícios em São Paulo

Domingo à noite, perante um auditório de mais de 5 mil pessoas,

Curitiba Recebeu Cabot Dando Vivas a Fidel

CURITIBA, 13 (Do Correspondente) — A «visita» do embaixador norte-americano a Curitiba, que acaba de encerrar-se num clima melancólico, constituiu-se numa vibrante manifestação do povo curitibano em favor da revolução cubana e de repúdio à intervenção imperialista dos Estados Unidos em Cuba. Ao chegar à Capital paranaense, mr. Cabot encontrou a cidade coberta de saudações a Cuba. Nas ruas do centro, por onde passou o carro do embaixador, lia-se no asfalto, em enormes letras brancas, centenas de vezes, «Viva Cuba» e «Viva Fidel». Estudantes e operários paranaenses fizeram publicar manifestos vigorosos, através da imprensa, de protes-

to contra a política de rapina adotada pelo Departamento de Estado na América Latina e, especialmente, em relação a Cuba.

O edifício onde tem sede o «Centro Cultural Interamericano», que patrocinou uma conferência do embaixador ianque, estava cercado por inscrições de saudação a Cuba. Essa manifestação de repúdio do povo Paranaense à política imperialista representada por mr. Cabot foi tão eloquente que o jornal conservador «Correio do Paraná» noticiou a chegada do embaixador Cabot com esta manchete: «Embaixador John Cabot recebido com vivas a Fidel Castro».

to contra a política de rapina adotada pelo Departamento de Estado na América Latina e, especialmente, em relação a Cuba.

O edifício onde tem sede o «Centro Cultural Interamericano», que patrocinou uma conferência do embaixador ianque, estava cercado por inscrições de saudação a Cuba. Essa manifestação de repúdio do povo Paranaense à política imperialista representada por mr. Cabot foi tão eloquente que o jornal conservador «Correio do Paraná» noticiou a chegada do embaixador Cabot com esta manchete: «Embaixador John Cabot recebido com vivas a Fidel Castro».

Sabem os norte-americanos que estão fazendo, quando aplaudem, com a falta de malícia que os caracteriza, a candidatura Jânio Quadros, chamando em suas agências telegráficas «o candidato presidencial», como se fosse o único lançado no pleito. O único, para eles...

Com ou sem chuva, os pernambucanos só vieram a ter conhecimento das diretrizes do sr. Jânio poucos dias antes da eleição. O ex-governador de São Paulo procura para esse atraso uma explicação. Disse que o governo não tem facilitado «um levantamento sereno e objetivo das atuais condições do país». Duas semanas antes do 3 de outubro, Jânio desconhecia as atuais condições do país...



A palavra de Prestes soma votos para Lott

Dezenas de milhares de pessoas ouviram, na capital e no interior de São Paulo, na semana passada, a palavra esclarecedora de Prestes, que cruzou o Estado em vários sentidos.

Panorama

A Plataforma de Jânio e o Retrato Entreguista

Em outro local desta edição, NOVOS RUMOS dedica uma de suas páginas à publicação de um retrato de corpo inteiro do demagogo Jânio Quadros. A reportagem mostra como, em seis meses de campanha eleitoral, Jânio foi completamente desmascarado pelo povo, a ponto de já hoje ter praticamente desistido de aparecer como homem de concepções democráticas e nacionalistas, para firmar-se em sua verdadeira face de instrumento dos trustes lanques e do latifúndio.

Como se quisesse dar a esse retrato o toque final e definitivo, Jânio tornou público, em Recife, domingo último, a sua «plataforma de governo». Embora precedendo ainda emburralhar a sua mercadoria antinacional numa linguagem ambígua e confusionalista, Jânio assumiu formalmente, em sua plataforma, quase todas as posições reacionárias e entreguistas que ele antes procurava negar.

Há mesmo um ponto em que Jânio se define sem reservas e sem subterfúgios, a favor dos interesses imperialistas norte-americanos: é na questão cambial. Não há no Brasil, atualmente, problema mais básico e premente. E tampouco há problema onde as posições antagônicas dos nacionalistas e dos entreguistas estejam mais claramente definidas. Os nacionalistas defendem o rígido controle — quando não o monopólio — do Estado sobre as operações de câmbio, para que as receitas do país em divisas estrangeiras não sejam manipuladas pelos grandes trustes lanques que dominam o nosso comércio com o exterior. Os entreguistas, pelo contrário, defendem a instauração do «câmbio livre» como sistema oficial de operações cambiais, para que nenhuma resistência seja oposta à especulação dos «tubarões» norte-americanos do comércio exterior, e para que as empresas estrangeiras no país tenham dólares mais fáceis e mais baratos para as suas remessas de lucros.

Todo o país tem ainda fresca na memória a insuportável pressão exercida pelos imperialistas lanques, através do Fundo Monetário Internacional e dos seus agentes no seio do próprio Governo — o grupo Lucas Lopes-Roberto Campos — para que o Governo brasileiro adotasse o sistema do «câmbio livre». No jargão do FMI, esta operação de entrega de nossas receitas em divisas estrangeiras é chamada de «unificação das taxas cambiais». Na prática, ela se traduz na eliminação do «câmbio de custo» para o financiamento das importações essenciais à população e ao desenvolvimento do país, na supressão do chamado «confisco cambial», com o qual o Estado recupera uma pequena parte das escandalosas subvenções dadas por ele aos produtores e comerciantes do café, e na eliminação das «categorias» oficiais de importação e exportação, com as quais o governo controla as operações comerciais e cambiais com o exterior, para evitar que elas caiam inteiramente nas mãos das «General Foods» e outros trustes lanques que aqui operam.

É a favor dessa reforma cambial, dita de «unificação das taxas cambiais», que Jânio se pronunciou, em sua «plataforma». Diz ele, textualmente, que seu governo promoveria a «eliminação do confisco cambial, visando a obter a unificação das taxas cambiais de exportação e importação». Precisamente esta foi a receita aplicada na Argentina pelos patões lanques de Frondizi, e teve como resultado, em um ano (1959), a queda da produção industrial argentina em 10%, o aumento do custo de vida em 100% e a implantação do regime de terror que vigora naquele país.

Poder-se-ia alegar que essa manifestação entreguista, embora sobre um ponto básico, estivesse isolada na plataforma janista. Mas a realidade é bem outra. Jânio promete «combater a inflação» principalmente através da redução dos investimentos estatais — o que é outra das «recomendações» do FMI repelidas pelo governo Kubitschek — elogia altamente os investimentos imperialistas e promete «oferecer ao capitalista estrangeiro condições justas de concorrência», em vez de preocupar-se, como o marechal Lott, com a necessidade de policiamento das atividades antinacionais desse capitalista; promete «proteção e encorajamento ao ensino privado», alinhando-se, assim, no campo dos comerciantes do ensino e inimigos da escola pública; e ainda reserva espaço para uma ameaça aos democratas e ao movimento operário, aos quais chama, segundo o velho chavão, de portadores «de ideologias incompatíveis com as componentes históricas da formação do povo brasileiro».

Haverá alguma ideologia mais incompatível com a formação histórica de nosso povo do que a fabricada nos gúlbis de Wall Street, e defendida aqui por Jânio e seus comparsas? É a essa pergunta que o povo brasileiro vai responder, em 3 de outubro, elegendo Lott.

Renato Arena

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Noticiou-se que as diretrizes de governo do sr. Jânio Quadros, depois de elaboradas e batidas à máquina, ficaram aguardando divulgação quinze dias, devido à transferência do comício em que, no Recife, o candidato da «Hanson's Latin American Letters» ia lê-las. Causa alegada para adiamento: um temporal.

A história desse temporal só pode ser acreditada no Sul. Em Pernambuco sabe-se que no dia do comício de Jânio havia apenas tempo nublado. Sobre as verdadeiras causas do adiamento há versões contraditórias, uma das quais alustava à intemperança do estadista que pretende moralizar o país.

Setenta e duas horas antes da leitura dessas diretrizes, a serem conhecidas se não chovesse por fora ou por dentro do sr. Quadros, um jornal revelou alguns de seus pontos, entre os quais figu-

ram «liberdade relativa para os capitais estrangeiros» e, quanto a industrialização, «crédito fácil a pequena empresa» e «desenvolvimento sem sacrifício desmedido do elemento humano».

As ideias, segundo o marxismo, têm uma grande importância. Mas é necessário que saibamos de onde elas vêm. «A forma que as ideias tomam no cérebro dependem de circunstâncias», diz Feuerbach. No caso das diretrizes do sr. Jânio adiantadas em face de uma simples ameaça de chuva não devemos dar excessiva importância a circunstantias de ordem gastronômica. A mesquinha com que o candidato entreguista alude ao problema da industrialização, pretendendo atribuir à grande indústria «desmedido sacrifício do elemento humano» e o caso da «liberdade relativa» para o capital estrangeiro, de cuja influência predominante nos e que ainda não temos liberdade absoluta, indicam muito bem as circunstâncias que



Apolado em seu prestígio popular, o presidente Juscelino Kubitschek reafirmou no Recife, por insistência de dezenas de milhares de trabalhadores que o receberam, que votará a 3 de outubro nos candidatos nacionalistas Lott e Jango. Falando ao povo, JK disse que conhece bem e admira as profundas convicções democráticas e nacionalistas do marechal Henrique Lott.

Vou votar em Lott e Jango

Sérgio: Favorito Para o Palácio Guanabara

O deputado Sérgio Magalhães chega ao 3 de outubro como o verdadeiro favorito na eleição para o governador da Guanabara. Dos seus três adversários, Mendes de Moraes nunca chegou a existir realmente, a não ser como «faixa» de Lacerda; Tenório, que teve certo impulso quando estava sózinho na área popular, foi quase inteiramente dominado pela campanha de esclarecimento empreendida pelas forças nacionalistas e populares que passaram a apelar Sérgio; desmascarado aos olhos de todo o povo como um negociante e ladrão de dinheiro com os negócios e o dinheiro público, além de entreguista e reacionário, praticamente está reduzido aos seus redutos tradicionais de lanterneiros. Sérgio surge, assim, com amplas possibilidades de vitória, apoiado pela aliança popular e nacionalista que se formou em torno de sua candidatura, independentemente, e mesmo contra a vontade das cúpulas partidárias.

O próprio surgimento da candidatura nacionalista como aspirante real à vitória se transforma em fator de seu reforçamento. Muitos setores passadistas, que até há pouco preferiam entender-se com Lacerda, para o apoio ao divisionista Mendes de Moraes, já agora são instados a aderir à corrente sergista, porque se vêem na iminência de perder duplamente: com Mendes e com Lacerda. Inúmeros vereadores e candidatos a deputado do PSD estão assim deixando de lado a trama de Mendes de Moraes, e passam abertamente a apoiar Sérgio.

Por esta e por outras razões o sr. Augusto do Amaral Peixoto, já na semana passada, era o único dirigente possedista carrega a continuar ostensivamente defendendo a manutenção da candidatura Mendes de Moraes. Isto se entende, porque o irmão do Ministro da Viação é velho companheiro de negócios e farras de Lacerda e transformou-se inegável-

mente em instrumento do Corvo de Lavradio; mas ele está isolado e não conseguirá empurrar sozinho e contra a corrente o barco furado de Mendes de Moraes. O vereador Frederico Treta, líder de uma das mais fortes clientelas políticas do PSD carioca, já anunciou que encabeçará um grupo de dirigentes «descontentes» para propor ao Diretório Regional de seu Partido a retirada de Mendes de Moraes e o apoio a Sérgio Magalhães.

Este processo de decomposição da frente divisionista do PSD arrebatou de forma pública e espetacular na entrevista dada à imprensa, na semana passada, pelo líder da Maioria na Câmara dos Deputados, e por-tanto oficial de presidente Kubitschek, deputado Abelardo Jurama. Criticando asperamente a ação lacerdistas da candidatura Mendes de Moraes, reconhecendo que a verdadeira luta na Guanabara se trava entre Sérgio e Lacerda e, mais ainda, afirmando a sua convicção de que o candidato nacionalista marcha para uma grande vitória sobre o negociante e entreguista Lacerda, o deputado Jurama deu a prova pública de que o sr. Kubitschek e a cúpula nacional passadista, se de início estimularam o lançamento de Mendes, com vistas a seus próprios planos continuistas, já não se interessam mais pela manutenção dessa candidatura. O líder da Maioria foi ainda adiante, e propôs claramente a retirada de Mendes, dando assim, a um só tempo, um duro golpe no que ainda restava da candidatura de seu Partido, e uma demonstração de fraqueza e incapacidade de decisão por parte do Partido do governo.

Rempeça vigorosamente de seio das forças populares — socialistas, comunistas, líderes sindicais e setores mais combativos do PTB — a candidatura Sérgio venceu a resistência das cúpulas, e penetrou vitoriosamente nos campos disputados por Mendes e Tenório. O vereador Mourão Filho e o deputado Cha-

gas Freitas — aquele ostensivamente e este guardando ainda certas aparências — que representam quase toda a força do PSP na Guanabara, se recusaram a endossar o apelo negociado pelo sr. Ademar de Barros a Tenório, e decidiram-se pelo apoio a Sérgio. A mesma corrente sergista está empolgando os demais partidos que têm vinculações nas áreas populares da Guanabara — PST, PRT, PTB, PSB — e arrastará sem dúvida em 3 de outubro a esmagadora maioria do eleitorado desses partidos...

Vereadores de Ribeirão Preto São Todos Por Cuba

Ribeirão Preto, 19 (Do correspondente) — A Câmara Municipal de Ribeirão Preto e o Diretório Municipal do Partido Libertador, nesta cidade paulista, receberam à semana passada uma mensagem do Encarregado de Negócios de Cuba no Brasil, sr. Domingos Company agradecendo a solidariedade que deram à revolução cubana. O fato ocorreu em decorrência de uma resolução aprovada pelo Diretório Municipal de PL, manifestando repulsa por qualquer intervenção que atingisse a soberania política e a vida econômica da

Kubitschek Uniu-se a Recife Para Exaltação de Lott-Jango

RECIFE, 18 (Do Correspondente) — Fazendo com os dedos da mão o «V» da vitória e o «L» de Lott, os aplausos ruidosos e entusiastas de uma grande multidão, o Presidente Kubitschek tornou-se o centro, no Recife, de uma das calorosas manifestações de apoio popular às candidaturas nacionalistas de Lott e Jango já assistidas na Capital pernambucana. Toda a visita do presidente a esta cidade, que tinha oficialmente o propósito de servir à entrega do título de «Cidadão de Pernambuco», e «Cidadão do Recife», oferecidos a ele pelos legislativos, estadual e municipal, transformou-se em comício pré-Lott-Jango.

Na cerimônia da entrega do título de «Cidadão de Recife», realizada no Teatro Santa Isabel, onde foi aplaudido por uma compacta massa popular, que extravasava pelas proximidades do edifício, o presidente de início evitou referir-se à sucessão eleitoral, até que foi convidado a pronunciar-se sobre a escolha de seu sucessor, por populares que o ouviam. O sr. Kubitschek atendeu imediatamente e prazerosamente ao convite, afirmando que não hesitava em repetir no Recife a recomendação que vem fazendo a todos os brasileiros, para que votem maciçamente no marechal Lott e em João Goulart. Ele recebeu então os mais calorosos aplausos com que o povo pernambucano o agraciou. Durante vários minutos, quase toda de pé, a assistência o aplaudiu, dando vivas aos candidatos nacionalistas.

Horas depois, durante a inauguração de um edifício do IAPI, o presidente dedicou a maior parte de seu discurso a um demorado elogio ao marechal Lott. Referiu-se ao patriotismo e à convicção democrática demonstradas pelo marechal Lott, quando se pôs à frente do movimento de 11 de novembro, para derrotar os golpistas que pretendiam impedir a posse dos eleitos pelo povo. Afirmando que a eleição do marechal representará para o nosso povo a segurança de que teremos cinco anos de progresso e desenvolvimento, e fez um vemente apelo a seus correligionários para que lutem com energia pela vitória de Lott e Jango. Cada vez que suas palavras eram saudadas pela entusiástica ovação popular, o presidente respondia

fazendo os gestos característicos da campanha do marechal Lott o «V» e o «L».

Após deixar o Teatro Santa Isabel, o presidente Kubitschek chegou a participar de um comício de rua, em favor dos candidatos nacionalistas. Atendendo ao convite de um grupo de estudantes, que o alcançaram da densa multidão que o cercava, o presidente subiu a um caminhão, estacionado em frente ao Teatro, para participar de um comício-relâmpago nacionalista. Ao lado de um operário têxtil, de líderes estudantes, e do vice-prefeito Lima Cavalcanti, o Presidente tornou então a exaltar as can-

didaturas de Lott e Jango, recomendando-as ao povo, que recebeu suas palavras com um entusiasmo inextinguível.

A imensa popularidade e o indiscutível favoritismo do marechal Lott no Recife foi reconhecido pelo Presidente Kubitschek, que declarou, ao iniciar a exaltação do candidato nacionalista na inauguração do edifício do IAPI: «Sinto, desde que cheguei ao Recife, que a aspiração geral do povo desta cidade é a de que me pronuncie em favor de Lott e Jango. Faço-o com prazer, pois continuo cada vez mais integrado nos princípios nacionalistas e democráticos que orientam as candidaturas de Lott e Jango».

Com Apoio no Povo Tancredo Promoverá o Progresso de Minas

As vésperas do pleito, a situação do candidato nacionalista ao governo de Minas, Tancredo Neves, aparece ainda mais segura e vitoriosa do que no início da campanha eleitoral, quando sua eleição em 3 de outubro já era tida como certa. As diversas tentativas de sabotagem à sua candidatura — o lançamento da candidatura Ribeiro Penna, o movimento divisionista encabeçado pelo sr. José Maria Alkmin, etc. — não surtiram o efeito esperado pelos seus autores, ou seja, o enfraquecimento do PSD mineiro e o enfraquecimento da aliança PSD-PTB-PR, que apóia o candidato nacionalista. Por seu lado, o sr. Tancredo Neves soube empreender uma campanha de esclarecimento da população mineira, e de divulgação de seu programa nacionalista, percorrendo praticamente todos os municípios do Estado, e com isso firmou-se na simpatia da gente de Minas.

O exemplo de Ribeiro Penna é típico. O quase senil político mineiro do PSD foi lançado como candidato à governança com o claro objetivo de tirar votos de Tancredo, afastando deste setores do PSD e do PR, e assim fortalecer a posição do candidato udenista, sr. Magalhães Pinto. Mas o movimento divisionista foi neutralizado, a ponto de o tiro «sair pela culatra»: hoje, os poucos eleitores prováveis do sr. Ribeiro Penna vêm do campo udenista. Daí o anunciado movimento pela retirada dessa candidatura, em favor do sr. Magalhães Pinto, que é prevista para dias antes do pleito.

Tampouco o sr. José Maria Alkmin logrou êxito em sua tentativa de sabotagem a Tancredo. Frustrado em suas ambições políticas — pretendia ser ele próprio o candidato do PSD — o ex-ministro da Fazenda esteve na origem do lançamento de Ribeiro Penna. Repetindo entretanto a sua conhecida qualidade de homem hesitante, retirou-se à última hora do movimento, com a esperança de arranjar uma compensação pessoal por sua omissão. Esperou sem êxito durante mais de um mês, até desistir, e aceitar o entendimento com Magalhães Pinto, que o lançou como candidato a vice-governador, pelo PDC, na chapa de Ribeiro Penna. Sua ação, contudo, foi imediatamente repudiada pela quase unanimidade dos diretórios do PSD estadual, que manifestaram de pública a sua solidariedade com o esquema Lott-Tancredo.

Para completar a desmoralização de sua atitude divisionista, o sr. Alkmin foi visto em campanha eleitoral no interior mineiro utilizando um avião de propriedade do sr. Magalhães Pinto. Hoje, ele está reduzido praticamente ao apoio que recebe da imprensa do sr. Assis Chateaubriand, a quem se ligou recentemente por laços de família, e do sr. Magalhães Pinto. Mas, dentro do próprio PSD, o número dos que o acompanham é insignificante, segundo levantamentos feitos pela direção deste Partido.

Metas para o povo

O segredo da solidez da candidatura Tancredo Neves está na sua identificação com a corrente nacionalista e popular que já domina a vida política mineira. Durante toda a gestão Bia e Fortes, Tancredo caracterizou-se como representante do setor mais nacionalista e progressista do governo mi-

neiro, dando apoio constante às reivindicações populares e surgindo como um vigoroso defensor de uma política de desenvolvimento nacionalista para o Estado.

Essa política está consagrada no programa de governo de Tancredo Neves, que se divide em quatro eixos: educação, saúde, agropecuária e industrialização. Tal como o marechal Lott, o candidato nacionalista em Minas inclui a meta da educação entre as mais importantes. «O analfabetismo — disse ele — pode ser considerado o maior flagelo em Minas. Uma verdadeira praga, que constitui sério obstáculo ao progresso e desenvolvimento do Estado». Daí a sua meta: destruir completamente, em cinco anos, a praga do analfabetismo em Minas, através da construção de mil e quinhentos novos unidades escolares, e do reforço e aperfeiçoamento da escola pública.

A construção de grande número de hospitais, creches e postos de saúde, o levantamento de uma extensa rede de silos para o estímulo à produção agrícola, um vasto programa de construção de estradas pavimentadas, são outros pontos do «programa de metas» de Tancredo Neves. Sua principal preocupação no terreno econômico, entretanto, é o aproveitamento dos imensos recursos minerais do Estado, não sob a forma de privilégios para exportadores ianques, mas através da criação e estímulo ao desenvolvimento do parque industrial do Estado.

aguarde:

BRASIL SÉCULO XX

NOVOS RUMOS

Diretor Mário Alves
Diretor Executivo Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe Fragmon Borges
Secretário Luiz Fernando Cardoso
Gerente Guttemberg Cavalcanti
Redatores Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103
Tel: 37.7 64
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 250,00
Semestral > 130,00
Trimestral > 70,00
Área anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.
Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado > 8,00

ATUALIDADES SOVIÉTICAS

MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 3ª edição. Importantes aperfeiçoamentos na análise do capitalismo, ciclos econômicos e capitalismo de Estado nos países subdesenvolvidos. Encadernado Cr\$ 1.200,00
Brochura 870,00
HISTÓRIA DE LA FILOSOFIA, de M. A. Dynik, sob o patrocínio da Acad. de C. da URSS. Da antiguidade a começos do Século XIX. Encadernado 1.440,00
MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova, 72 lições. Nova edição, corrigida e aumentada 320,00
EL DERECHO CONSTITUCIONAL SOVIÉTICO, por Denisov e Kirichenko. Um completo estudo da Constituição Soviética, organização social e Estatal, etc. 400 páginas, encadernado 350,00

Pedidos à: Jurandir Guimarães, Agência Intercâmbio Cultural, Rua dos Estudantes, 81 — sala 28, Fone 37-4983 — São Paulo. Atendemos pelo Reembolso Postal. Solicite nosso catálogo de novidades.

Carta do Sertão

Diputado Carro Lacerda: tá feia a situação. Um jornal chamado «HOJE» chamou meco de ladrão.

Vasamicê quis trocar aquilo que num é seu dando pur mais do valô. Safadeza do doutô... mas dessa vez num vaiou.

Nós pur cá lomo a nutiça, o doutô deve tá lido. Os documento qui provam foram também cunhiado. (Cum licença da palavra) mecê é munto sabido!!

Deus nos defenda, doutô, de vasmicê sê inleito. Mermo tando sem mandá querê tomá desse jeito? Caruica tando mandando... o doutô fica babando atrás de moradê o pelto.

Eu vi o doutô falando onte na tivlvisão. Nem siquê se defendeu dessa pécha de ladrão.

Doutô Serjo Magalhães, nunca rôbô de ninguém. Já disse, publicamente, qui deve o péco qui tem.

O Istado da Guânabara percoisa dessa Ingenhêro. Home nobe, de talento, louvave de pensamento, cam pur cente brasileiro!

Brasileiro Intê na cô! Doutô Serjo é bronziado. Cabôco pernambucano, valente, desacombrado! Amigo de todo mundo, humirde, forte e honrado!

Purisso, doutô Lacerda, vasmicê fique ciente. No dia três de outubro do voto de nosa gente: é Serjo como II disse, o doutô Jango pra Vice e Lote pra Presidente.

Quem nesse três num votô é um farço brasileiro! Palavras dum nordestino: o seu puêta vaquêro.



3.000 jovens desfilaram no Maracanãzinho

Domingo último foi inaugurada no Maracanãzinho a V Semana de Educação Física, com um grande desfile de cerca de 3.000 jovens. Depois de acesso o Fogo Simbólico e realizado o desfile, os atletas e o público presentes cantaram o Hino Nacional. Com a participação de 22 educan-

dários, foram iniciados, após o desfile, as competições do XIX Campeonato Intercollegial de Desportos.

As festividades e competições da V Semana de Educação Física são uma promoção do Departamento de Educação Complementar da Secretaria de Educação.

Notas Sobre Livros

O mais recente lançamento da editora Vitória é o livro do historiador soviético L. Vladimirov — A Diplomacia do Dólar, em tradução brasileira de A. Guedes e Z. Alambert. É um interessantíssimo estudo histórico sobre certo período da diplomacia de Washington — o da guerra hispano-norte-americana de 1898, da qual resultou a perda, por parte da Espanha, das Filipinas, de Cuba, de Porto Rico e de outras possessões menores, que passaram ao domínio e ao protetorado dos Estados Unidos.

Escreve o autor: «O presente livro não é senão uma tentativa de esclarecer o verdadeiro caráter da diplomacia dos E.U.A. no período de formação do imperialismo norte-americano e seu papel na preparação da conquista das colônias espanholas». Na elaboração do livro, L. Vladimirov apoiou-se em abundante bibliografia e sobretudo em documentos e materiais de arquivo, principalmente de fontes norte-americanas. Trata-se portanto de uma obra feita à luz de rigoroso critério científico, com a análise dos vários problemas econômicos e políticos que condicionaram a guerra hispano-norte-americana de 1898, e com a caracterização das manobras diplomáticas que a precederam e sucederam.

Escreve ainda o autor: «A análise das concepções e métodos de política exterior da diplomacia norte-americana na época da guerra contra a Espanha permite também compreender melhor os planos agressivos que hoje arquitetam alguns círculos dos E.U.A., uma vez que se observa certa continuidade na política exterior e nos métodos da diplomacia deste país». Esta é com efeito a lição fundamental que o autor nos transmite, e isto empresta ao seu livro, a par de sua importância propriamente histórica, um acentuado sabor de candente atualidade.

A diplomacia do dólar — que é a política ditada ao Departamento de Estado pela potência do dólar — se exerce sob múltiplas formas, porém tendo em vista, em todos os casos, a dominação imperialista. Uma de tais formas, cuja aplicação é feita ostensivamente em nossos dias, pode ser qualificada de diplomacia com dólares — ou seja: a diplomacia do suborno e da corrupção mediante empréstimos concedidos a governos dos países dominados ou que se pretende dominar. O Brasil se acha precisamente enquadrado nesse sistema diplomático, no qual os nossos governos aparecem invariavelmente de chapéu na mão, a pedir ou a receber alguns sacos de dólar. Ainda há pouco, na conferência de Costa Rica, o Chanceler Horácio Lúfer lá estava na postura humilhante, e agora mesmo voou para a Capital do dólar, o ministro Paiz de Almeida, que aliás é um agente conhecido dos monopólios americanos em nosso País, a pedir, a implorar, a esmolar o que «nos cabe» dos 500 milhões prometidos em Costa Rica.

O livro de L. Vladimirov nos ajuda também a compreender e sentir o exato da diplomacia do dólar no concernente às suas fórmulas de «cunidade» de interesse, aspirações e ideais do hemisfério americano. Na guerra contra a Espanha, em 1898, a mesma política e os mesmos métodos foram aplicados pelo Governo de Washington, tanto em relação a Cuba quanto em relação às Filipinas: os mesmos métodos cínicos e brutais para «justificar» a mesma política de dominação e rapina. Hoje é a mesmíssima coisa — tanto em relação aos demais países do hemisfério quanto em relação a Formosa, à Coreia do Sul, ao Japão, às Filipinas, ao Irã, etc., etc. Na realidade, o hemisfério da política imperialista norte-americana alargou-se até ali onde podem alcançar as suas garras arrogantes e insaciáveis. E a sua raiva erudite até o delírio ao sentir que semelhante hemisfério começa a estritilar-se cada dia mais, tudo levando a supor que dentro de pouco tempo ele terá desaparecido até mesmo das nossas fronteiras latino-americanas. O exemplo e a lição de Cuba, na hora presente, estão nos mostrando, de maneira contundente, o que em verdade significa a «cunidade do hemisfério» para os diplomatas do dólar que fazem funcionar o Departamento de Estado.

Astrólogo Pedro

IONESCO: A MISTIFICAÇÃO DA LINGUAGEM

JOAO DAS NEVES

Eugene Ionesco chegou ao Brasil. E sua presença está alvoroçando alguns círculos intelectuais, ávidos das palavras, das declarações estudadas com o fito evidente de «chocar», da superficialidade publicitária do autor de «O Rinoceronte». Por que, esse namoro? Quais as razões do endeuamento do dramata romeno? Sem dúvida, a presença salutar de Sartre, um Sartre «engajado», um Sartre que não perdoa — sendo uma das maiores inteligências de nosso século — as mistificações de regimes decadentes, andou tornando irrespirável o ambiente. Era necessário que surgisse uma tábua de salvação. Simone de Beauvoir, é evidente, não servia. Podia até ser pior. Mulher quando cisma de ser inteligente... melhor não puxar pela língua. Casalzinho incômodo!

Ionesco, portanto veio a calhar. O «namoro» está em parte explicado. Mas esta é a razão do momento. E a coisa vem de longe. Quando Luis de Lima apresentou em um só programa (há cerca de dois anos) «A Cantora Careca» e a «Lição», as duas primeiras antipéças de Ionesco, surpreendeu-nos, não o sucesso de público. Afinal, tratava-se da estreia no Brasil de um ator dos mais comentados em nossos suplementos literários, dos mais controversos. E não só a tradução, realizada aliás pelo próprio L.L., era muito feliz, conseguindo, em nosso idioma, uma admirável correspondência com o original na desarticulação das palavras, como de primeira água o espetáculo. Surpreendeu-nos, isto sim, o unânime aplauso de alguns pseudo-intelectuais ao autor. É verdade que se poderá argumentar que Ionesco já era razoavelmente conhecido. Uma coisa no entanto é conhecer uma obra pela simples leitura. Outra, e particularmente no «antiteatro», é estar numa poltrona a suportar a progressiva mecanização dos atores em um palco que, se provoca inevitavelmente risos, produz também uma inequívoca sensação de cansaço, quando não um completo mal-estar. Por que, então, o aplauso unânime de nossa burguesia?

A explicação, cremos, está na própria obra de Ionesco. Inicialmente queremos dizer que não o consideramos, enquanto autor, um mediocre. Poderá parecer meio tolo, através das respostas aos jornais que o entrevistaram. Mas isso também não passa de atitude. Não é mediocre, pois. Tem até talento. É inegável a teatralidade da grande maioria de seus trabalhos, apesar de que muitos deles, poderiam ser perfeitamente reduzidos à metade. Inegável a qualidade literária por

exemplo de «Como se desembaraçar» ou a sólida construção de «A Lição». Até mesmo em «Jacques ou a Submissão», que no seu todo é bastante fraca, poderemos encontrar uma certa dose de lirismo.

Ionesco é, outrossim, o introdutor em teatro de uma nova forma de humor. Um humor negro, retorcido, humor de desespero. Mas o que o torna profundamente interessante para a classe privilegiada dos torturados de barriga cheia, não é seu razoável talento e sim seu profundo negativismo, é «o mundo em uma luz insólita, com pessoas movendo-

se em um tempo sem tempo, em um espaço sem espaço»; é essa conversão do problema da «vacuidade das palavras» chaves de conversas rotineiras em solução; é a angústia metafísica, o irracionalismo doentio. A pregação do conformismo através da completa falência do ser humano, das suas mínimas aspirações em «As Cadeiras». Escrevendo aliás sobre a... antipeça em questão E. I. afirmou não serem os reveses da vida ou o desastre moral dos velhos o tema de seu trabalho. As cadeiras vazias significam a ausência de pessoas, a ausência do Impe-

rador, a ausência de Deus, a ausência de matéria, a irrealidade do mundo, o vazio metafísico; o tema de «As Cadeiras» é o nada. Afirmação que revela, quanto mais não seja, uma confusão digna de nota. Confusão que como outras tantas, já bastante comercializadas pelo autor, contribuem para que seja ainda maior a sua dívida perante a história. «Cada pensador», nos diz Lukacs, «é responsável, perante a história, pelo conteúdo objetivo de sua filosofia, independentemente dos desígnios subjetivos que a animem. Não há ideologia inocente».



SERGIO MAGALHÃES: CANDIDATO DOS INTELLECTUAIS

A candidatura do deputado Sérgio Magalhães, que corresponde aos anseios nacionalistas do povo da Guanabara, é a de maior penetração em todos os meios da antiga capital federal.

Ao contrário de seu opositor,

que foi há pouco corrido da Faculdade Nacional de Direito, onde, com seus parceiros do malfadado Clube da Lanterna, armou violenta baderna que resultou em vários estudantes feridos, o candidato nacionalista encontra boa acolhida em todos

os setores. O flagrante acima é de seu encontro com os intelectuais da Guanabara, realizado na ABI, onde expôs seu programa de governo, apoiado unânimeamente pelos presentes.

Uma Lutadora

Leitor deste nosso querido jornal (Não é verdade que «Novos Rumos» está um grande jornal, bem feito, sempre claro e limpo nas suas atitudes?) manda-me um recorte onde se lê que há, nesta cidade, uma senhora com oitenta e cinco anos de idade, acompanhando todos os movimentos políticos nacionais e estrangeiros. Chama-se D. Leontina e lê a «Gazeta de Notícias» desde criança. Todos nós sabemos do passado desse jornal, fundado em 1875 por Ferreira de Araújo e que está merecendo ou precisando de alguém que escreva sua longa e bela história, participante que foi das lutas do povo brasileiro.

Não me espanta a vida longa e bela de D. Leontina. Ela vem agora declarar que compunhou com decisão a verdadeira bandeira da Reforma Agrária esperando que o jornal que ela desde pequena lê, também o faça. Não pode aceitar que o jornal de Ferreira de Araújo no qual acompanhou as campanhas da abolição da escravidão e pela República, não tenha continuado a lutar, como ela própria o faz, pelas causas mais necessárias ao Brasil. Louva Fidel Castro de quem se declara fã incondicional e termina sua carta e a entrevista que deu à «Gazeta de Notícias» dizendo que vai voltar no marechal Lott.

Grande e bela lutadora essa mulher que aparece sorrindo num retrato de jornal, com a cabeça toda branca, mas afirmando sem medo suas convicções políticas. Grande e bela lutadora que os anos não tornaram mais fraca e que não se deixou convencer pelos preconceitos que transformam os velhos em pessoas apáticas e sonolentas. Não é velha, não envelheceu, dona Leontina. Os anos que viveu foram muitos e por isso mesmo fortificaram-na para que não deixasse de ver e sentir os problemas do povo brasileiro que são também os seus problemas. Não pediu para si — pelo lado da reportagem ou melhor, no recorte que o leitor me mandou — nada; não quis um título qualquer desses que enchem várias páginas desta cidade, uma única razão levou-a a vir do público dizer à «Gazeta» sua idade: é demonstrar que ela analisa os problemas, sente-os e está ao lado de todos aqueles que, analisando-os, sentindo-os, defendem suas convicções.

Saúdo daqui dona Leontina; saúdo essa lutadora que sabe desfraldar as bandeiras das justas causas; ela que assistiu à libertação dos escravos, ela que assistiu à queda da monarquia, queria agora — é o que diz — ver o seu jornal defender como ela está defendendo, a reforma agrária, a luta pelos nossos direitos nacionalistas, e a vitória do marechal Lott em 3 de outubro.

Disse: — A notícia que até hoje mais me alegrou foi quando da Abolição da Escravidão, mas muito maior alegria eu teria se o marechal Lott for o vitorioso nas próximas eleições.

Não é verdade que são úteis e férteis os oitenta e cinco anos de dona Leontina? Viva mais, viva muito para que outras alegrias possam tornar seu sorriso mais claro, mesmo que seus cabelos fiquem mais claros também.

Dona Leontina é um bom exemplo, principalmente para certos jovens que nem sabem usar a mocidade em favor das justas causas do povo brasileiro. Viva ela.

Inédito

Tópicos Típicos

Nosso anticlericalismo — aliás notório, porém isento de sectarismo — não impede que tenhamos um grande amigo de batina. Trata-se do padre Monte, sagacíssimo reverendo, dotado de inequívoca predisposição para o pensamento dialético. Domingo último, em conversa com ele, inquirimo-lo sobre o restabelecimento de Assis Chateaubriand e a fúria entregulista com que o velho escriba voltou à atividade.

— O homem esteve tão perto de um justo (e definitivo) repouso... não lhe parece que Deus tenha desperdiçado uma boa oportunidade de levá-lo?

Padre Monte advertiu-nos: — Deus escreve direito por linhas tortas, meu caro. Não devemos desprezar a possibilidade de uma recaída...

No O CRUZEIRO, David Nasser fez o elogio de Carlos Lacerda e o elogio de Tendorio Cavalcanti. Se houver tempo, até as eleições, fará provavelmente o elogio de Mendes de Moraes. Só não há de fazer — com toda a certeza — o elogio de Sérgio Magalhães. Sérgio é o tipo do candidato que não convém aos padrões do David. Por isso mesmo, seu elogio vai ser feito é pelo povo carioca no próximo dia 3 de outubro.

Segundo o cronista Antonio Maria, houve quem dissesse no «Country Club»:

— Prefiro Milton Campos a Sartre. Para vocês verem o que é o «Country».

Por outro lado, Ionesco, chegando ao Brasil e interrogado sobre Sartre, deu-se ares de surpreendido:

— Quem é este cavalheiro? Não o conheço. Ionesco é muito apreciado no «Country».

E, se por acaso no «Country» circulasse algum suplemento literário, haveria de ser o do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, que, além do Corção («esquerdismo católico me parece como uma assustadora bobagem») tem o campeão nacional do puxa-saquismo agressivo, um certo Vito Santos, que escreve o seguinte, a respeito daquele cidadão estreito de mentalidade e largo de quadris que ora concorre ao governo da Guanabara:

«Carlos Lacerda, estudioso, culto, inteligentíssimo... suas campanhas se sustentam na bravura cívica, na sinceridade, no desprendimento... não dão a paisagem física e humana a C. Lacerda porque é o poeta que se levanta... o pensador político não desmerece o artista da palavra... poesia e humanidade... um homem de letras...»

Aliás, como homem de letras, seu trabalho mais famoso foi mesmo a «Carta Brandia». Mas a idéia de Vito Santos de organizar uma «Pequena Antologia de Carlos Lacerda» é boa e merece o nosso apoio; sugerimos apenas que ela seja impressa em papel «Tico-tico» (15 por 20).

Pedro Severino

O PEIXE MORRE PELA BÓCA!

Sob o título «Uma piada sobre Ike diz muito acerca das eleições de 1960», artigo de autoria de Lady Jean Campbell, o jornal londrino «Evening Standard», de 13 do corrente publicou a seguinte anedota: Chega às portas do céu Pablo Casals e bate.

— Quem é? perguntam os anjos.

— Pablo Casals.

— Prove!

Casals pega o violoncelo e toca.

— Pode entrar.

Daí a pouco chega Picasso e bate à porta.

— Quem é?

— Pablo Picasso.

— Prove!

Picasso toma os pinceis e pinta.

— Pode entrar.

Mais alguns momentos e chega Eisenhower. Bate.

— Quem é? perguntam os guardiães.

— Dwight D. Eisenhower.

— Prove!

Ike pensou, pensou e respondeu:

— Confesso que não sei como provar quem sou eu.

— Ora, disseram alguns anjos, hoje mesmo chegaram Casals e Picasso e provaram facilmente quem eram.

Ike pôs-se novamente a pensar, coçou a orelha e perguntou:

— E quem são esses dois?

Aí a porta abriu-se e algumas vozes angelicais disseram em coro:

— Pode entrar, Presidente Eisenhower!

aguarde:

BRASIL SÉCULO XX

Noticiários Cavallares

Agripino Grieco fez uma conferência na sede social do Jockey Club sobre Cinco Panfletários Brasileiros. Não podemos ir lá. Buscamos então a notícia no jornal do dia seguinte.

Lemos no Jornal do Brasil que o conferencista falou sobre «coito» em vez de «cinco» panfletários. O Globo porém diz que foram «sete».

Segundo o JB, três dos panfletários em questão eram «padres»: José Severiano, Flgueiredo Pimentel e Enéias Ferraz. Que o poeta e crítico José Severiano de Resende era padre, todo mundo sabe; mas Flgueiredo Pimentel! mas Enéias Ferraz!

O Globo não se refere a estes dois últimos, mas chama o outro de «frei» José Zeferino de Resende. Aliás o padre José Severiano, que era padre mesmo, já não usava mais batina, e vivia em Paris na boa vida. O que não lhe impedia de escrever um untuoso e seráfico O Meu Flor Santorum.

Outro panfletário citado por Agripino, segundo ainda O Globo, foi o «comerciarão» Eduardo Prado. Se o repórterzinho marinho quiser saber quem era Eduardo Prado (e não confundir com o «prado» do Jockey Club), leia A Cidade e as Serras de Eça de Queiroz: lá o encontrará sob o pseudônimo de Jacinto. Se não souber ler, pergunte a alguém que o saiba e que lhe poderá também informar que Eduardo Prado é autor de um famoso panfleto intitulado A Ilusão Americana, com sucessivas edições. Poderá mesmo aprender que se trata precisamente da «ilusão»

que O Globo alimenta, em suas páginas, diariamente, a péso de dólar.

Mas onde O Globo supera de longe de todos os panfletários, nada menos que o engenheiro Carlos Maximiliano Pimenta de Laerte. Escreve ainda o foca bisonho que este «abordou principalmente em seus ataques a religião e a monarquia». Que confusão! Ora, o panfletário em apreço era simplesmente o Carlos de Laet, professor do Pedro II, membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, colaborador permanente do católico Jornal do Brasil (além de outros jornais), monarquista intransigente, católico empederado.

A respeito de outro panfletário, que usou em certo tempo o pseudônimo de João Barafunda, informa O Globo que ele ficou apenas conhecido por esse pseudônimo, a tal ponto que «não encontramos em nenhum documento o seu verdadeiro sobrenome». Aqui JB acertou e deu-lhe o nome exato — Coelho Cavallari, conhecido também como tal nos meios jornalísticos do seu tempo, amigo de Lima Barreto, e que acabou morrendo no hospício em 1938. Erram por igual o JB e O Globo quando o tomam por gaúcho: nada. Coelho Cavallari era de Alagoas.

Como a conferência de Agripino Grieco foi realizada no Jockey Club, ficamos a pensar que as notícias do Jornal do Brasil e de O Globo foram escritas por cavalos do referido Jockey.

P.S.

Teatro

Beatriz BANDEIRA

Teatro Infantil

Data de muito pouco tempo o aparecimento do Teatro Infantil, entre nós. Mas de um ano para cá vão-se multiplicando os grupos que incluem em sua programação peças para crianças e mesmo outros que se dedicam exclusivamente a fazer teatro para os pequeninos. Consideramos um tal cometimento de tão grande responsabilidade, diante das consequências que pode acarretar, que não exitemos em dizer que é quase tão grave fazer teatro infantil sem estar apto para isso, quanto recitar sem ser médico. Comparemos a dois espetáculos esta semana, devidamente acompanhada de Soninha, garota de cinco anos. Assistimos à peça de Sila Moreira «Plá-plá-plá-Plutão», que está sendo levada no teatrinho da Pequena Cruzada, à Av. Epitácio Pessoa, e ao «Palhacinho Triste» de Ruy Duarte, encenado no Teatro de Bólo, pelo grupo dos Duendes. A peça de Sila é muito boa, tão boa que esperamos que a autora não fique nessa. E se apegue em fazer outras no mesmo gênero. É peça pedagógica, simples, alegre, sem nada que possa atemorizar ou excitar a criança. E sendo um texto para meninos já em idade escolar, dos últimos anos do curso primário, pelas noções que contém e pelos termos que usa, é entretanto apresentada de maneira tão agradável e bonita que prende a atenção mesmo de crianças que ainda não podem entender nem dela participar. Digamos que interessa mesmo ao adulto pois, há sempre uma criança adormecida dentro de nós, pronta a despertar à mais leve solicitação. E aquele cenário bonito onde se apagam e acendem as estrelas, o Sol e a Lua tão bem trazidos, o velho e simpático mago, a bonequinha que vira menina, os brinquedos automáticos que atacam o palco, a borboleta que paira de vez em quando, voando, são bastante atraentes. Soninha, interessada todo o tempo, reclamou quando acabou. Já, o mesmo não se deu com o «Palhacinho Triste». Desde a entrada dos primeiros personagens aos berros, com vozes agudas e desagradáveis as crianças começaram a se agitar, havendo mesmo algumas menores que romperam em choro, obrigando seus acompanhantes a retirá-las da sala. Também nós não assistimos até o fim. Soninha que já reclamava desde o início pediu para ir embora. Por se tratar de assunto de suma importância, voltaremos a ele, assim que for possível.

Roland Corbisier marca encontro com intelectuais

Sexta-feira, dia 23, o pessoal de teatro e intelectuais de outros setores irão encontrar-se na ABI com o professor Roland Corbisier, candidato a constituinte do Estado da Guanabara sob a legenda do PTB (número 292). O encontro, que será às 18 horas, terá como objetivo o debate do candidato com os homens de cultura.

Conferência de Guerreiro Ramos sobre a China

A 22 do corrente, quinta-feira, o professor Guerreiro Ramos proferirá uma conferência sobre o tema «Aspectos sociológicos e filosóficos da Nova China». O ato é patrocinado pela Sociedade Sinobrasileira e terá lugar na ABI (9º andar). O professor Guerreiro Ramos visitou recentemente a República Popular da China.



O jovem operário paulista, que vai estudar em Moscou, posa para o fotógrafo ao lado de seus pais e de sua irmã caçula, Mariuzinha, que está contente por ter agora, como ela mesma diz, «um irmão famoso».

Album de família

A carestia e a luta do proletariado

JOSÉ ARMANDO DE CASTRO

Segundo os dados divulgados pelo Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, de janeiro de 1959 a maio de 1960 o aumento do custo da vida na Capital de São Paulo foi de 59,2%. De então para cá, os preços das mercadorias e gêneros essenciais de novo tremendo salto, contribuindo para isso a extinção dos órgãos estatais de controle de preços. A manobra seguinte do governo federal, com a finalidade evidente de apagar um pouco sua responsabilidade, de reestruturação desses organismos, não foi capaz de fechar a brecha pela qual continua a passar uma catadupa de elevações de preços. Cada dona de casa, cada chefe de família sabe bem o que está acontecendo com o preço do leite, da carne, dos medicamentos, das tarifas de energia elétrica e telefones, o que nos dispensa de maiores comentários sobre esta questão.

De acordo com a mesma fonte citada — a DIEESE — os alugueis de casas populares aumentaram em 1960, comparando com 1959, de 25,5% em média.

Como consequência disso tudo, o salário mínimo real é hoje menor que o de dezembro de 1958, ou seja, 3.700,00. Todos os demais salários e vencimentos também sofreram notáveis reduções no seu valor real, como consequência da desenfreada carestia. Acumulam-se desta maneira os fatores de descontentamento e os de lutas e movimentos, única maneira de o proletariado e o povo trabalhador em geral conquistar reajustamentos capazes de minorar suas dificuldades.

Ao mesmo tempo, os trustes estrangeiros, particularmente os norte-americanos, auferem enormes lucros (só a parte confiscada ultrapassa os 40%), lucros esses decorrentes dos altos preços — preço de monopólio — das mercadorias cuja produção controlam. A Light e a Bond & Share aumentam o preço da energia elétrica, fato que repercute no aumento do custo de uma imensidade de mercadorias. A Anderson Clayton, a Sanbra, a Swift, etc. aumentam o preço do óleo, e isso arrasta os demais gêneros alimentícios na alta. Os frigoríficos e os grandes criadores aumentam o preço da carne e derivados. A Good Year, a Firestone, a Pirelli, etc. aumentam os preços dos pneus e isso também repercute imediatamente no aumento geral dos preços dos gêneros alimentícios, que usam, numa porcentagem esmagadora a transporte rodoviário. Também os medicamentos, o trigo, etc. sofrem aumentos, constantes, em prejuízo do povo, mas em benefício dos trustes norte-americanos que controlam esses produtos.

O governo do Estado, que arranca do povo aproximadamente 100 bilhões de cruzeiros por ano, o que faz diante desta situação? Eleva impostos e taxas, faz novas concessões à Light, mantém os fatores de baixa produtividade das lavouros de gêneros de consumo interno.

Só este ano, a arrecadação do aumento do imposto de vendas e consignações aumentou de aproximadamente 53% em relação ao ano passado. A multiplicidade de vezes que é cobrado esse imposto (4 a 5 vezes em média) faz dele um dos mais importantes fatores de carestia. No preço de cada mercadoria estão incluídos em geral 20% desse imposto. Ao mesmo tempo, as tarifas ferroviárias são também aumentadas freqüentemente, e isso também repercute sobre o custo dos transportes e portanto sobre a carestia. A taxa da água foi aumentada. E com o Banco do Estado repleto de dinheiro, nega-se dinheiro à lavoura, seja para o financiamento da produção de gêneros alimentícios, seja para a defesa de produtores apertados pela ação dos trustes, como aconteceu com os plantadores de amendoim ainda há pouco.

Por outro lado, o aparelho de Estado é utilizado da forma mais descarada para a propaganda da candidatura de sr. Jânio Quadros. As obras do governo são transformadas em benefícios eleitorais, enquanto prefeitos, partidos, organizações populares, etc. são mobilizados pelo governo para a campanha eleitoral. Para os trabalhadores que pleiteiam reivindicações, há ameaças e prisões; para os lavouros de Santa Fé do Sul, que desejam

apenas plantar gêneros alimentícios, o governo destina as famosas cadeias construídas pelo sr. Jânio Quadros. Mas, para os especuladores, para os latifundiários que queimam as casas e as roças dos camponeses, o governo tudo garante. Para a polícia norte-americana, que deseja tomar conhecimento dos arquivos do DOPS, as portas estão abertas pelo servil governo do Estado. Para os reclamos do povo, ouvidos tampouco. E' esse o governo que o sr. Jânio Quadros aponta como um paradigma de que seria o seu próprio governo à frente do Brasil, caso eleito...

Por sua vez, o governo federal faz novas concessões aos trustes norte-americanos, ao mesmo tempo que permite manobras traiçoeiras, como a da extinção da COFAP e das COAPS; continua com a política cambial exigida pelos trustes americanos, o que alimenta tremendamente a inflação.

Cresce assim o descontentamento popular em relação tanto ao governo federal quanto ao Estadual, ao mesmo tempo em que aumenta também extraordinariamente a simpatia do povo para com a revolução cubana e as medidas que ela está tomando. Esse descontentamento já se traduz em formas de luta tão sérias como a greve geral de Santos, a greve dos estudantes de escolas superiores, a greve dos trabalhadores da Aymoré, os protestos populares na praça. Ao mesmo tempo, os trabalhadores acorrem cada vez em maior número para seus sindicatos, realizam o II Congresso Sindical Estadual e mandam uma grande delegação ao III Congresso Sindical Nacional.

Esta situação requer medidas imediatas e profundas. As forças populares, se forem mobilizadas e unidas, poderão obrigar o governo a intervir em alguns trustes norte-americanos que controlam a produção de gêneros essenciais e serviços públicos (energia elétrica, gás, telefones, moinhos, frigoríficos, etc.). Isso tornará possível o controle dos preços desses produtos, bem como da remessa de lucro desses organizações, abrindo caminho para sua encampação. Por outro lado, a mobilização e a ação das forças populares pode também fazer com que o governo do Estado coloque o serviço do povo as quantias fabulosas que dele são arrancadas sob a forma de impostos, pode fazer com que cessem as negociações que financiam a campanha do candidato dos trustes americanos e dos latifundiários, pode obrigar a que cessem os aumentos dos tarifas e taxas, bem como que se isente do imposto de vendas e consignações os gêneros de primeira necessidade.

Por sua vez, os operários, os empregados, os funcionários públicos devem exigir o aumento do salário mínimo, de maneira que seja restabelecido seu poder de compra, bem como o reajustamento de todos os salários e vencimentos. Na base da experiência dos anos anteriores, os trabalhadores sabem que a tática dos trustes e do patronato em geral tem sempre em vista conceder aumentos fracionados — por empresa, por setor, etc. — procurando sufocar o descontentamento do povo com uma migalha. A tática das soluções parciais dispersa as forças do proletariado diante do patronato unido.

A perspectiva para este ano, quando os trabalhadores já têm mais experiência e mais organização, deve ser outra a da luta organizada e unitária no Estado contra a carestia e por um aumento de salários e vencimentos de acordo com as necessidades. Nesta luta, os trabalhadores contam com as melhores condições de vitória, pois as candidaturas nacionalistas de Lott e Jango apoiam os trabalhadores das cidades e dos campos, os estudantes, os professores e os funcionários em suas lutas específicas — por um justo salário mínimo, pelo aumento de salários e vencimentos em geral, na defesa da escola pública, pela extensão da legislação trabalhista ao campo, pelo controle das remessas de lucros, pelo direito de greve, etc.

A justa perspectiva dos trabalhadores hoje e a unidade de ação por suas reivindicações imediatas e a luta pela vitória das candidaturas que já provaram estar mais vinculadas a suas principais aspirações nacionalistas e democráticas.

OS PAIS SÃO ANALFABETOS, MAS MIGUELZINHO SERÁ ENGENHEIRO

Operário Paulista Vai Estudar em Moscou

Miguel José Draetta, jovem trabalhador de 24 anos, sem outros predicados que uma grande dedicação ao trabalho e uma entusiástica vontade de estudar, conseguiu, como que por um passe de mágica, concretizar um dos seus maiores sonhos: fazer um curso de engenharia mecânica.

Pobre, terceiro filho de um casal de origem camponesa, desde os doze anos de idade cooperava na manutenção da casa, ajudando o pai nos serviços de comércio ambulante que o mesmo fazia entre as zonas urbana e campestre do Município de São Carlos, no Estado de São Paulo.

Assim, Miguel só consegue completar o curso primário aos 14 anos e, isso mesmo, freqüentando as aulas à noite. Dois anos mais tarde, matricula-se na Escola de Comércio D. Pedro II, ainda na sua cidade natal, que não chega a completar pois, muda-se para a Capital do Estado, sendo incorporado ao exército. Neste período de sua vida ocorre algo de que muito se orgulha: o exército nacional é mobilizado para impedir, a 11 de novembro de 1955, que a vontade popular seja traída; o praça Miguel participa das manobras militares de sua unidade e colabora, assim, com o seu humilde quinhão, para que a ordem democrática seja mantida.

Nos últimos tempos Miguel Draetta vinha trabalhando na Indústria de Móveis Probel, quando leu no «Diário de São Paulo» de 26 de abril último, que tinha sido organizado, em Moscou, uma instituição de ensino superior que possibilitava a jovens de todo o mundo a oportunidade de estudar, através da distribuição, de bolsas inteiramente gratuitas, tendo no que diz respeito aos estudos propriamente ditos, quanto às necessidades de estada e via-

gem. O rapaz inteirou-se mais completamente do assunto consultando NOVOS RUMOS e tomou as providências necessárias.

Conto. de fadas

Quando, no dia 31 de agosto último, recebeu o comunicado de que tinha sido admitido na Universidade da Amizade dos Povos, Miguelzinho, como é chamado pelos companheiros de trabalho, ficou completamente alônto. Então, poderia realmente estudar? Ele que não tinha diplomas, que nem sequer o curso secundário havia completado?

Era um conto de fadas, mas composto de elementos deliciosamente materiais e verdadeiros.

Dai para frente foi um desenrolar de festas e de carinhos. Os parentes, os amigos, que são muitos, cercaram-no de lódas as atenções.

O operário paulista transformara-se em estudante de Moscou, e nos olhos de seus colegas via-se respeito, admiração e a íntima convicção de que Miguel Draetta era um moço vitorioso e de sorte.

Quando a nossa reportagem visitou a sua casa e o acompanhou à fábrica Probel, aonde fôra despedir-se de seus companheiros, tivemos a oportunidade de participar da alegria de que todos estavam possuídos. Eram abraços e votos de felicidades de todos os lados, acompanhados sempre de um memo pedido — «agora que você vai se tornar um homem culto, não se esqueça da gente, mande postais, cartas contando-nos tudo o que fizer e como é a vida na União Soviética».

Pais analfabetos

Dona Concheta, como toda mãe, com lágrimas de felicidade e já com um

pouco de saudades, disse-nos: «Fico satisfeita por meu filho ir para um país bom como é a URSS. Sofro com a separação, mas sei que esta viagem é boa não só para o meu menino, como para o Brasil».

«Seu» José afirmou: «Quando meu filho voltar será um técnico, um engenheiro capaz, que colaborará para o desenvolvimento de nossa pátria. Minha esposa é analfabeta e eu, só agora depois de velho, é que estou fazendo o curso primário. Minha satisfação e meu orgulho são, neste momento, os maiores do mundo».

Miguel partiu no último dia 16. Durante o seu primeiro ano de estada em Moscou estudará a língua russa. Depois entrará para a Faculdade de Engenharia da Universidade de Amizade dos Povos onde permanecerá cerca de quatro anos.

Mensagem aos jovens

«Sinto-me satisfeito e comovido com a obtenção desta bolsa de estudos que me permite fazer um Curso Superior na União Soviética».

Gostaria que todos os jovens brasileiros, operários, estudantes e camponeses tivessem a mesma oportunidade.

A todos, os meus votos de felicidade que continuem lutando pela emancipação de nossa Pátria.

Aos amigos de S. Paulo, S. Carlos e Mogi das Cruzes, um forte abraço e o até breve do

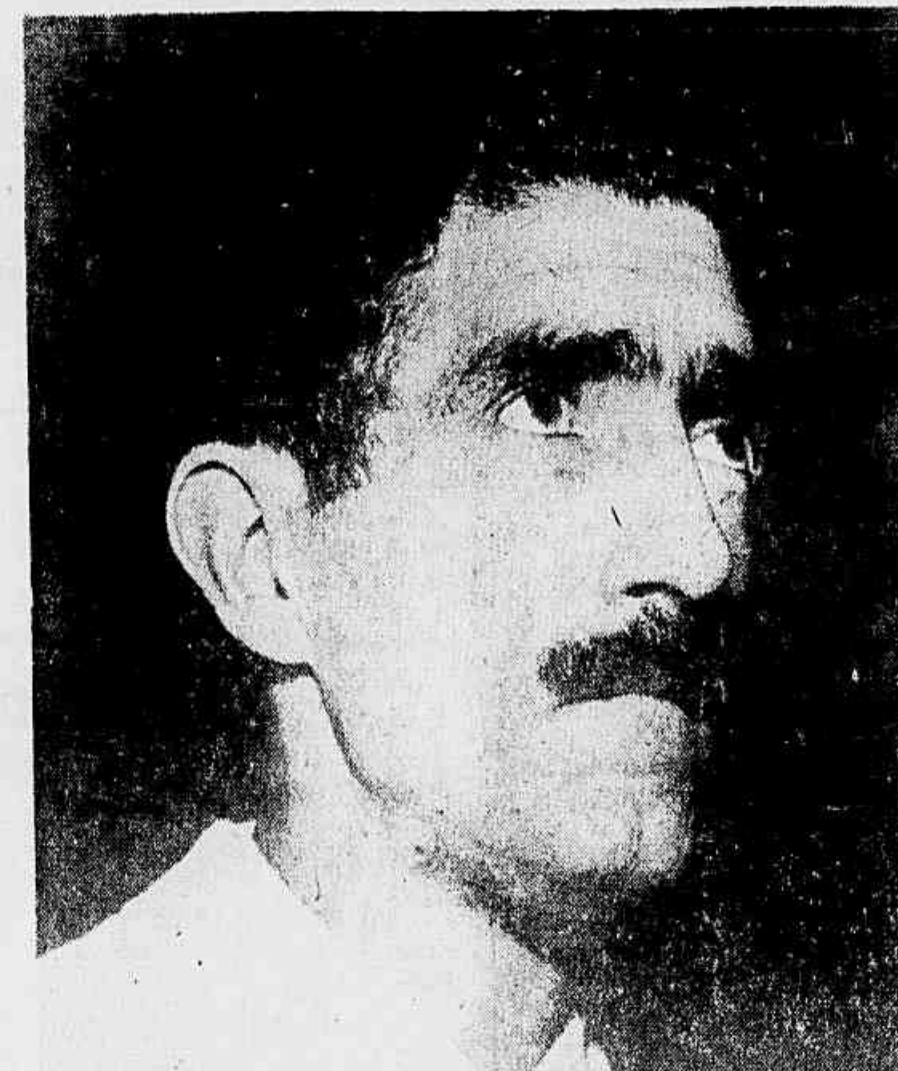
Miguelzinho

São Paulo, 15-9-60.



Miguelzinho é muito querido por todos os seus companheiros de trabalho, na Fábrica Probel. Ai está ele cercado pelo carinho de todos, na tarde do dia 15, quando ali compareceu, não para trabalhar, mas para despedir-se já que viajaria no dia seguinte para Moscou. A hora do café foi um momento de festa e de alegria, entre os que privaram com o jovem, no contato diário, no local de trabalho.

Querido por todos



Três anos e seis meses

Jofre Correia, líder dos camponeses de Santa Fé do Sul, acaba de ser condenado a três anos e seis meses de reclusão, por lutar contra o latifundiário Zico Diniz que deseja expulsar os camponeses de suas terras.

Notas de São Paulo

O desgaste da candidatura Jânio e o ascenso de Lott e Jango, de que falamos insistentemente nestes últimos dias jornais de todo o país, verifica-se também com grande intensidade aqui em São Paulo. Foi isso que fez com que o sr. Jânio Quadros atrasasse de 24 horas seus compromissos com o Nordeste, em dias da semana passada, para atender a reclamações da direção da UDN, que promoveu aqui uma reunião sob a presidência do sr. Magalhães Pinto. O vereador carioca Jair Marins declarou então que o apoio de Jânio e Carlos Lacerda está prejudicando sua candidatura, dados os escândalos em que se viu envolvido o homem do Clube da Lanterna. E o governador de Santa Catarina confessou que, no seu Estado, a votação de Jânio será mínima.

Num comitê de líderes sindicais que apoiam o sr. Jânio Quadros, o assunto foi debatido publicamente. Resolveram eles acusar o sr. Carvalho Pinto de responsável pelo desgaste que vem sofrendo seu candidato à presidência da República. Não apenas as violências cometidas agora, no caso da greve dos motoristas, foram profligadas com veemência. Lembrou-se que fatos idênticos haviam ocorrido na greve dos linheiros e na dos trabalhadores em calçados.

A essa altura, entretanto, um defensor do sr. Carvalho Pinto interveio: «Mas os senhores não vão dizer que o sr. Carvalho Pinto foi responsável pelo massacre do Largo da Sé, quando do aumento das passagens de ônibus, em outubro de 1958. Nessa época era o próprio sr. Jânio Quadros o governador e todo mundo tomou conhecimento de que a ordem de atirar contra o povo partiu diretamente dele...»

Não houve contestação e nesse dia todos saíram muito murchos do Comitê da rua Irmã Simpliciana. E mais murchos ficarão depois do 3 de outubro.

Os homens de cor de São Paulo estão tomando posição contra o sr. Jânio Quadros. Eles não se esquecem de que, quando prefeito, o atual candidato da UDN vetou o projeto de lei que mandava construir o monumento à mãe préta — uma ridícula verba de 300 mil cruzeiros — monumento que só se encontra hoje no Largo Paissandu porque a Câmara rejeitou o veto do prefeito. E também não se esquecem das perseguições sofridas pelo atleta Ademar Ferreira da Silva, demitido do cargo que exercia na Prefeitura pelo então governador da cidade, o mesmo sr. Jânio da Silva Quadros.

aguarde:

BRASIL SÉCULO XX

POR ORDEM DO GOVERNADOR CARVALHO PINTO

Juiz Condena Líderes Camponeses de Santa Fé

A condenação de quatro diretores da Associação dos Lavouros de Santa Fé do Sul, pelo juiz de direito de Jales, como incurso na Lei de Segurança, teve enorme repercussão em todo o Estado. Os protestos se fazem ouvir cada vez mais vigorosos. Jofre Correia Neto, presidente da Associação, foi condenado a 3 anos e seis meses de prisão, enquanto aos outros três diretores, Arlindo Chiosini, Olimpio Pereira Machado e Nelsinho Xavier foi imposta uma pena de um ano e quatro meses.

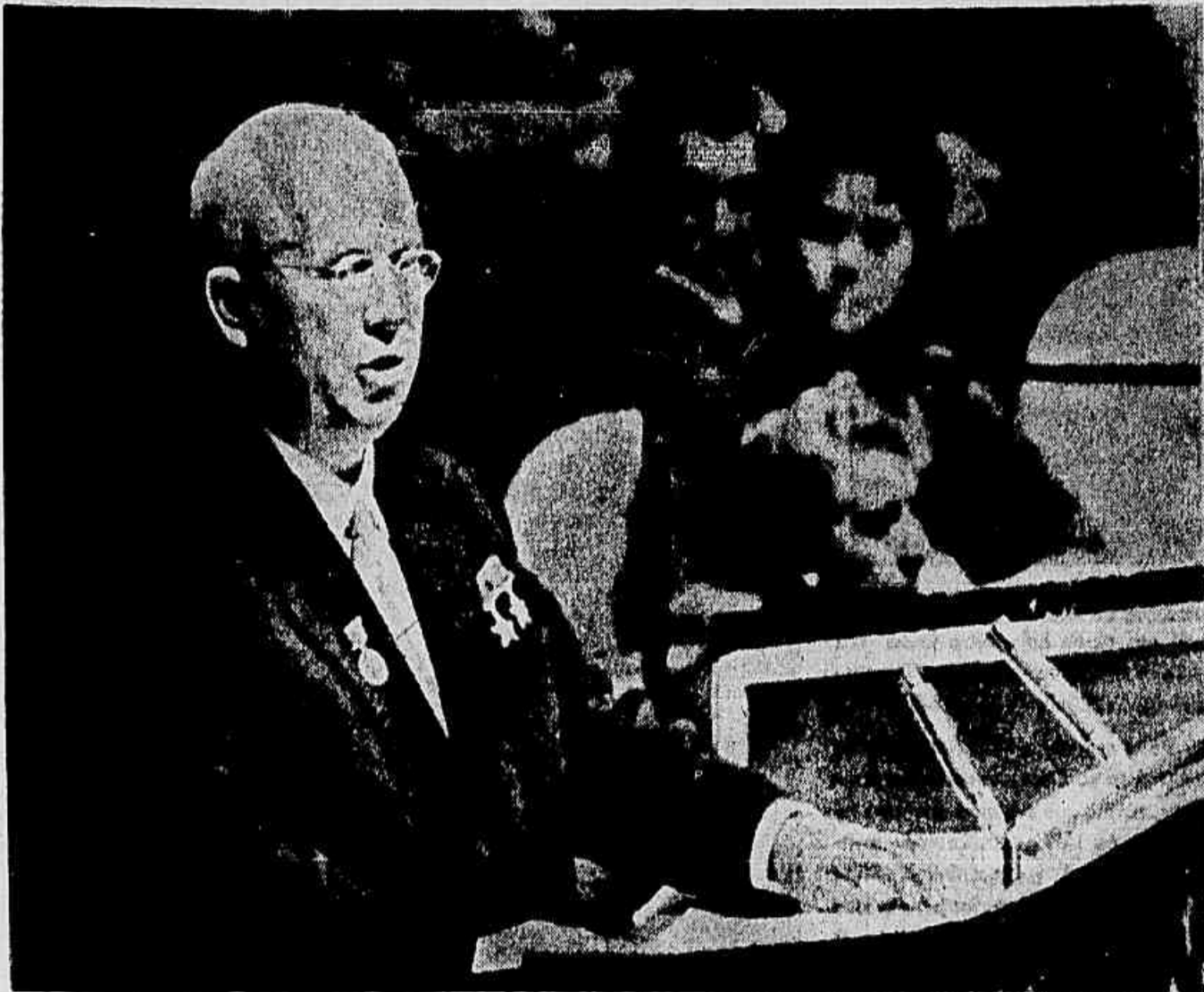
Como é sabido, já há muito tempo os camponeses de Santa Fé estão empenhados em luta contra o latifundiário Zico Diniz que lhes arrendou as terras e, depois de vê-las beneficiadas, determinou a retirada dos lavouros a fim de transformá-las em pastagens. O apoio vigoroso do movimento sindical paulista impediu que maiores violências fossem cometidas contra eles, apesar do desespero do latifundiário, que mandou certa vez balar Jofre Correia Neto e ainda recentemente, com testemunho de altos funcionários da secretaria da Agricultura e do próprio delegado de polícia local, man-

dou incendiar casas e destruir lavouros.

A condenação dos dirigentes da Associação foi a forma encontrada pelo governo estadual, aliado do latifundiário, para atirar ao desespero os lavouros. Para isso só havia um caminho: lançar mão da Lei de Segurança e encontrar um juiz disposto, em 1960, a aplicar esse código de castigos do Estado Novo. Mas, para servir ao latifundiário e ao governo, isso foi encontrado.

Na Assembléia Legislativa o deputado Luciano Lepera profligou veementemente a atitude do governo do Estado; em todas as assembleias sindicais, em todos os comícios de bairro da campanha Lott-Jango a denúncia dos ardores desperta a mais viva revolta do povo contra mais este crime do governo do sr. Carvalho Pinto, que desta maneira mais se identifica com seu candidato, o sr. Jânio Quadros.

Ao mesmo tempo que crescem os protestos, espera-se o julgamento do habeas corpus já impetrado perante o Supremo Tribunal Federal contra o ato do juiz de direito de Jales, que feriu os preceitos constitucionais.



Kruschiov está na ONU contra a vontade de Eisenhower. Numerosos outros chefes de Governo, atendendo ao apelo do Primeiro-Ministro Soviético, também para lá viajaram. Não tendo outro jeito, Eisenhower lá comparecerá, de passagem apenas e verdade. Como vêem os leitores o chefe do colosso do norte não pode, hoje, fazer o que quer.

Foi e levou

outros

NO CONGO:

Às Vésperas da Morte Colonialismo Esperneia

Existe na Bélgica uma companhia chamada «Sociedade Geral da Bélgica», que possui alguns bancos, uma empresa de mineração de carvão e dezenas de empresas industriais. Ela sózinha produz a metade do carvão da Bélgica. Grande número de ministros de Estados saíram diretamente da diretoria da «Sociedade» para ocupar suas pastas, ou vice-versa. Juntamente com duzentas outras companhias, estreitamente ligadas entre si e quase constituindo um único grupo, a «Sociedade Geral da Bélgica» controla toda a vida política e econômica do país. Grande parte deste controle provinha das possessões coloniais deste e de outros trustes que exploravam as riquezas e o povo do Congo.

Somente a «Sociedade Geral», através da «União Mineira do Alto Caranga» na qual possui a maioria das ações, controlava 70% da economia do Congo, até o momento da independência. A «União Mineira» fornece metade do urânio consumido pelos países capitalistas, é a maior fornecedora de coláto e a terceira fornecedora de cobre para esses países. Setenta mil operários trabalham em suas minas em troca de um salário de fome e fornecem lucros de mais de 50% sobre o capital anualmente. A própria companhia confessa que em 1959, depois das reinvenções de capital e a constituição do fundo de reserva, teve um lucro líquido de mais de três e meio bilhões de francos, para um capital de menos de dez bilhões, incluindo as reservas para melhor explorar o Congo, a «Sociedade Geral» se associou com

os interesses coloniais ingleses da «Concessões da Tanganica», com o grupo francês de Rotschild, com o Banco Barclay da Inglaterra, e com o grupo norte-americano de Rockefeller.

Em resumo, a «Sociedade Geral da Bélgica» conta inteiramente com o Governo belga e com o «apoio» dos governos e trustes dos Estados Unidos, Inglaterra e França, para manter seu tesouro no Congo. Não é outro o motivo real da «independência» das províncias ricas em minérios de Catanga e Casai, mediante a atividade dos «sócios menores» da «União Mineira» Moisés Tchombê e Albert Calonji.

Golpe com data marcada

O coronel Mobutu, o homem que deu o último golpe de estado para derrubar o Governo de Lumumba, confessou candidamente a um correspondente estrangeiro que tinha conversado longamente com funcionários da ONU no Congo e com elementos do grupo do presidente Cassavubu antes de se decidir a tentar a sublevação do exército contra Lumumba. Dado o golpe, os srs. Josef Ileo, «primeiro-ministro» do Congo por decisão de Casavubu e da União Mineira, Tchombê, Calonji e o próprio Governo belga se solidarizaram com Mobutu. Mais ainda, a rádio de Brazzaville, emissora francesa localizada do outro lado do rio Congo em frente a Leopoldville e protegida pelo governo de Fullbert Youlou, o «Salazar de batina» do antigo Congo francês, colocou-se inteiramente à disposição de Mobutu. Enquanto isto, a Rádio Nacional do Congo

era trancafiada pelas tropas da ONU que chegaram ao cúmulo de impedir que o primeiro-ministro do país entrasse numa propriedade pública.

Mobutu, entretanto, não pode contar com as tropas da ONU, e sim apenas com os funcionários designados pelo secretário geral Hammarskjöld, benfeitor perpétuo da «Sociedade Geral da Bélgica». As forças de Gana, da Guiné e da RAU foram imediatamente desligadas do comando da ONU e colocadas à disposição de Lumumba. O próprio Mobutu tentou prender o primeiro-ministro mas não o conseguiu em vista da oposição dos soldados congolezes e daqueles países. Apesar de todas as suas ameaças, o coronel golpista não conseguiu evitar que o governo do Congo se reúna sob a presidência de Lumumba e convoque o Parlamento. Casavubu, o político «moderado» segundo os belgas que o mantêm na esperança de evitar o pior, já começa a tentar uma reaproximação com Lumumba. Apesar de tudo, a vitória de Mobutu ainda está longe...

Sempre a ONU

Um dos principais motivos para o golpe de Mobutu consistia em que as tropas em que o sr. Hammarskjöld mais confiava para fazer pressão sobre Lumumba tiveram que ser mandadas para a Catanga onde o movimento dos operários mineiros contra Tchombê e os belgas tomava formas cada vez mais violentas. Ao mesmo tempo, os soldados de Lumumba apertavam o cerco sobre Catanga e Casai e, apesar de todo o apoio em armas e homens dado pela Bélgica e Tchombê e Calonji, seu fim se aproximava. Os dois «líderes» separatistas não conseguiriam enfrentar os fogos vibrados pelas tropas congolezas e pelo povo das duas co-

Bandeira: preço do Panamá na Costa Rica

O presidente Eisenhower resolveu finalmente aceitar a exigência panamenha de que a bandeira deste país fosse hasteada no Canal de Panamá, como símbolo da «soberania» do Panamá sobre a zona do Canal. Como se vê, era uma exigência até bem modesta. Tratava-se apenas de uma bandeira. Mas o Congresso e o Governo dos Estados Unidos temem qualquer concessão que possa dar mais disposição de luta às massas latino-americanas.

Na Conferência de Costa Rica, entretanto, a delegação panamenha tinha um preço: ou os Estados Unidos aceitavam a exigência do Governo conciliador de La Guardia, ou então o Panamá teria que votar a favor de Cuba, diante da tremenda pressão popular de solidariedade à Revolução de Fidel Castro. Christian Herter, que já tinha sofrido uma derrota quando os chanceleres latino-americanos se recusaram a aceitar seu plano de salvamento da ditadura trujillista, não teve outra alternativa: aceitou. Agora é a vez do Congresso entrar em cena e tentar anular a decisão de Eisenhower.

KRUSCHIOV NA ASSEMBLEIA DA ONU:

Possível Uma Nova Conferência de Cúpula

Os próprios comentaristas da UPI e de jornais norte-americanos afirmam que esta sessão da ONU que ora se inicia será a mais importante de toda a história das Nações Unidas. Além dos dirigentes dos países socialistas, governantes de países neutralistas tão importantes como Cuba, República Árabe Unida, Índia, Indonésia e muitos outros, já estão em Nova Iorque ou já marcaram a data de sua chegada à sede da ONU. Em outras palavras, apesar do boicote do Governo norte-americano e das medidas de discriminação anunciadas pelo Departamento de Estado, o Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética recebeu o apoio de países não comprometidos em blocos militares para que se concretizasse a conferência de cúpula mundial.

É claro que isto não acontece por acaso. A política de paz que caracteriza a atuação internacional da União Soviética desde a criação do primeiro Estado socialista, encontra atualmente, depois da constituição do sistema socialista mundial e

da formação de Estados independentes na Ásia, África e América Latina, com a destruição do colonialismo, uma acolhida inteliramente favorável.

Desarmamento: objetivo mundial

Em sua chegada a Nova Iorque, Kruschiov definiu o objetivo de sua ida às Nações Unidas. Disse o dirigente soviético que era necessário convencer «aqueles que têm o crânio muito duro» que a guerra atômica não é solução para os problemas internacionais em litígio. A delegação soviética, chefiada por Kruschiov, deverá apresentar propostas novas para que se consiga chegar a um acordo sobre o desarmamento geral e completo. Por outro lado, o simples fato de que Kruschiov compareça à ONU mostra claramente que a União Soviética está firmemente disposta a prestigiar este organismo internacional e não teme um contato direto e sério com os representantes dos

países com sistema social diferente do seu.

Referindo-se às acusações do Governo norte-americano, segundo as quais a decisão de Kruschiov não passava de um gesto de propaganda, o chefe do Governo da URSS ridicularizou a «lógica» dos imperialistas. De fato, qual é a lógica que permite aos herdeiros do sempre lembrado Foster Dulles afirmarem que não passa de propaganda uma proposta que poderá fazer com que as negociações sobre o desarmamento saiam do ponto morto, e no próprio território dos Estados Unidos, sob o controle e a influência do Departamento de Estado e das agências de notícias a serviço do imperialismo?

O problema da coexistência pacífica, como afirmou a Conferência afro-asiática de Bandung em 1955, não interessa apenas aos países livres dos dois sistemas mundiais que se chocam em nosso tempo. A própria presença de Nasser, Nehru, Sukarno, Fidel Castro e outros dirigentes neutralistas mostra que os povos de todo o mundo já compreendem que a Terceira Guerra Mundial representará uma hecatombe universal que põe em perigo tanto os países beligerantes como os que se mantiverem à margem do conflito.

Boicote não adiantou

A declaração de Herter não era apenas a manifestação de uma «opinião pessoal». O Departamento de Estado fez tudo o que estava ao seu alcance para que a reunião fracassasse. Durante dias seguidos, os porta-vozes se repetiam em acusações à União Soviética e em reafirmações da posição de Eisenhower de não comparecer à ONU. Nos bastidores diplomáticos, as palavras eram mais duras e diziam claramente de que se acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

Os dias passavam e aumentava o número da lista dos presentes. Eisenhower não teve outra alternativa senão concordar em fazer um discurso no dia 22. Na Inglaterra, Macmillan sugeriu a possibilidade de que acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

Os dias passavam e aumentava o número da lista dos presentes. Eisenhower não teve outra alternativa senão concordar em fazer um discurso no dia 22. Na Inglaterra, Macmillan sugeriu a possibilidade de que acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

Os dias passavam e aumentava o número da lista dos presentes. Eisenhower não teve outra alternativa senão concordar em fazer um discurso no dia 22. Na Inglaterra, Macmillan sugeriu a possibilidade de que acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

Os dias passavam e aumentava o número da lista dos presentes. Eisenhower não teve outra alternativa senão concordar em fazer um discurso no dia 22. Na Inglaterra, Macmillan sugeriu a possibilidade de que acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

Os dias passavam e aumentava o número da lista dos presentes. Eisenhower não teve outra alternativa senão concordar em fazer um discurso no dia 22. Na Inglaterra, Macmillan sugeriu a possibilidade de que acabaria por se decidir a chefiar a delegação britânica. O boicote fracassou. A reunião iria se realizar. Agora o jeito era participar, de um modo ou de outro, para evitar o desmascaramento completo. Mas as provocações continuariam enquanto fosse possível...

aguarde:
BRASIL SÉCULO XX

lônias, cansado de viver sob o chicote belga.

Os soldados dos países da OTAN e «neutros» não bastavam para manter a divisão do país contra a vontade dos congolezes. Era necessário afastar imediatamente o governo de Lumumba e substituí-lo por outro mais «moderado» e «compreensivo», disposto a colaborar com a ONU para restaurar pacificamente o colonialismo. Começa então nova onda de boatos espalhados pelos funcionários da ONU e pelas agências imperialistas. O comando da ONU interveio brutalmente na política interna do Congo e impede o Governo e o Parlamento de exercer seus poderes. A tão falada ajuda técnica e financeira da ONU é sistematicamente boicotada ou entregue a Casavubu, Tchombê, Calonji e Ileo.

A única ajuda efetiva que o Governo do Congo tem recebido é a prestada pelos países independentes.



O golpe militar pró-imperialismo do coronel Mobutu está encontrando pela frente a resistência cada vez maior do povo do Congo. Depois de conquistar a independência, à custa de duras lutas, os congolezes não cruzarão os braços.

Não gostaram do golpe

Republicano ou democrata: dá na mesma

O candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, senador John Kennedy, mandou à África um enviado pessoal para entrar em contato com os novos dirigentes do continente e preparar uma plataforma para o próximo Governo democrata, em caso de vitória nas eleições de novembro. Diante da propaganda democrata nos EUA e das afirmações de grande número de menos avisados no mundo inteiro, era de se esperar que o sr. Averell Harriman, o enviado de Kennedy, viesse dar realmente um elemento novo para a política norte-americana, que só não apóia as potências colonialistas contra os povos africanos quando este apoio prejudicaria seus interesses na luta que eles mesmo promovem contra esses povos.

Infelizmente, porém, o sr. Harriman se parece tanto com um monopolista republicano como um punhado de areia se parece com outro punhado. Exemplo: segundo o sr. Harriman, os povos colonizados pelos ingleses e franceses têm «enorme estima» para com seus antigos senhores...

EUA querem derrubar Govêrno do Laos

O reino do Laos, encravado entre a China, a Tailândia, e Viet-Nam e o Cambódia, ocupa boa parte da atenção do bloco militar que os norte-americanos construíram no sueste da Ásia com o término da guerra da Indochina. Viet-Nam, Cambódia e Laos, constituem na verdade um só problema para a política do Departamento de Estado, que não descansou enquanto não conseguiu derrubar o Governo neutralista laociano de Suvana Fuma. O entrosamento do Laos no bloco militar da OTASE prepararia o terreno para poder empurrar o Governo neutralista do Cambódia na parede e adiar sempre mais a unificação do Viet-Nam.

Com a volta do Príncipe Suvana Fuma ao poder, depois do movimento revolucionário chefiado pelo capitão Cong Lee, os Estados Unidos sofreram uma derrota grave. Procuram então provocar um conflito entre a Tailândia, dominada por uma ditadura chefiada por Washington, e o Laos, usando como pretexto uma invasão a partir da República Democrática Popular do Viet-Nam.

Nota Internacional

Berlim e a Guerra Fria

A situação existente em Berlim pode ser bem ilustrada com um fato significativo que ocorreu a 1º de setembro deste ano. Na capital da República Democrática Alemã, o setor democrático de Berlim, realizavam-se grandes manifestações e programas de todo o tipo para marcar o 21º aniversário da invasão da Polónia pelas tropas hitleristas, início da Segunda Guerra Mundial. Enquanto isto, no setor de Berlim ocupado pelos Estados Unidos, Inglaterra e França, essa data era realmente «comemorada» com uma reunião de antigos SS, ex-prisioneiros de guerra nazistas e refugiados que defendem a anexação de territórios hoje pertencentes à República Democrática Alemã, à Polónia, à Tchecoslováquia e à União Soviética. De nada adiantaram as advertências do Governo da RDA para que fosse impedida a provocação revanchista. E se a reunião fracassou não foi por falta de apoio de Adenauer ou de Willy Brandt, prefeito de Berlim Ocidental, mas porque os habitantes da cidade se negaram a compactuar com a volta ao nazismo.

Não se pense, porém, que esta reunião foi apenas um fato isolado. Pelo contrário ela representa a própria política seguida pela Alemanha Ocidental e pelas potências ocupantes de Berlim Ocidental, com a cumplicidade do governo social-democrata de Brandt. Ainda agora é anunciada a reunião do Parlamento da RFA no antigo prédio da assembleia hitlerista, o Reichstag, situado na fronteira entre os dois setores da cidade e especialmente reconstruído para a provocação. A realização desta sessão do Parlamento de um País numa cidade ocupada militarmente por potências estrangeiras e encravadas no território de outro país é algo que nada tem a ver com os princípios do direito, do cristianismo, da defesa da paz, ou qualquer outra coisa que não seja o militarismo. Funcionários ou políticos da RFA e de Berlim Ocidental realizam constantemente «visitas» à capital da RDA procurando causar conflitos com as autoridades locais. Ainda na semana passada o presidente da RFA, Luebbe, e o nazista Gerhard Schroeder, ministro de Adenauer foram a Berlim Ocidental declarando abertamente que o faziam para deixar claro que «ficarão» em Berlim, com a ajuda dos Estados Unidos, Inglaterra e França.

Essa política do imperialismo alemão renascido na RFA tem uma base objetiva. A opressão do povo alemão que vive sob a ditadura de Adenauer e os planos de domínio mundial da RFA dependem intimamente da continuação da guerra fria. Dessa forma, o novo imperialismo militarista alemão não tem e não pode ter qualquer proposta a apresentar para resolver o problema de Berlim. O plano defendido pela RDA e URSS de transformação de Berlim Ocidental numa cidade livre e desmilitarizada viria por fim a um dos principais focos de tensão internacional na Europa e no mundo, e não representaria qualquer prejuízo para a população da cidade. Acabaria os centros de espionagem e incitação, terminaria a situação anormal de território ocupado dentro de um país pacífico. Mas é precisamente isto que não interessa aos belicistas de Bonn e do Pentágono. Tal situação, entretanto, não perdurará por muito tempo. O Tratado de Paz será assinado, pelo menos com a RDA, e o tumor terá que ser extirpado.

Fausto Cupertino

ATÉ UM LÍDER UDENISTA RECONHECE:

Lacerda no Poder é Corrupção Sem Limite

Qualquer pessoa sabe que só pode comprar um imóvel ao seu legítimo dono. Qualquer pessoa sabe que só interessa comprar um imóvel que esteja livre e desimpedido. Assim se passam as coisas entre particulares. Por que havia de ser diferente quando o negócio é entre um particular e o Estado? Por que deve o Estado comprar um imóvel em situação irregular? Só porque é o Estado? É a isto precisamente que se chama uma negociata. E é essa negociata que o sr. Carlos Lacerda quer realizar com o Estado da Guanabara.

Vários são os aspectos escusos da já tão discutida permuta entre três lotes de terrenos da rua do Lavradio por um lote da Avenida República do Chile. A «Tribuna da Imprensa» acha-se instalada nos imóveis números 92, 94, 96 e 98 da rua do Lavradio, cuja desapropriação é reclamada pelo interesse público. Visando a tirar partido da situação, o sr. Lacerda, aproveitando-se de uma conjuntura que ele próprio criou, de uma barganha vergonhosa com o ex-prefeito Sá Freire Alvim, passou dos ataques ao elogio à administração, abrindo caminho para trocar os lotes da Rua do Lavradio (desvalorizados) por um lote (valorizadíssimo) da Avenida Chile. Por intermédio de vereadores a ele ligados na Câmara Municipal, arancou uma lei — a Lei n.º 3 — na qual envolveu também, como escudo, duas instituições sem fins lucrativos: uma loja maçônica e um templo religioso.

Diz o povo, entretanto, que a mentira tem pernas curtas; as do sr. Lacerda são curíssimas. As irregularidades vieram à tona e o mentiroso pegado pelo cós das calças.

PRIMEIRO: a Lei de número 3, ao especificar os imóveis de propriedade da «Tribuna da Imprensa», objeto da permuta, menciona apenas os de número 92, 94 e 98. Nada se diz sobre o de número 96.

SEGUNDO: a avaliação procedida pela Bolsa de Imóveis do Rio de Janeiro, de que publicamos um fac-símile em nosso último número, atribui ao terreno da Avenida República do Chile o valor de 98 milhões de cruzeiros. A avaliação feita pelo engenheiro Abelardo Xavier da Silveira e publicada na «Tribuna da Imprensa», como peça de defesa, atribui aos terrenos da Rua do Lavradio o valor de 17 milhões e 800 mil cruzeiros. O sr. Lacerda deseja trocar terrenos que valem 17 milhões e 800 mil cruzeiros

por um lote que vale mais de cinco vezes aqueles, isto é, 92 milhões, e ainda por cima, receber do Estado 100 mil cruzeiros de volta...

TERCEIRO: a Lei n.º 3 menciona como propriedade da «Tribuna da Imprensa» os imóveis de número 92, 94 e 98 da Rua do Lavradio. A verdade, porém, é que dos três lotes acima mencionados, apenas o de número 98 pertence à empresa jornalística do sr. Carlos Lacerda. Os outros dois — os de n.ºs. 92 e 94 — pertencem a um cidadão estrangeiro, o sr. Albert Henry Frisbee. Isso é o que informa a repartição competente, o Registro Geral de Imóveis. Portanto, está caracterizado que o sr. Carlos Lacerda pretendeu permutar com o Estado da Guanabara dois lotes de terrenos que não lhe pertencem, mas a um cidadão estrangeiro.

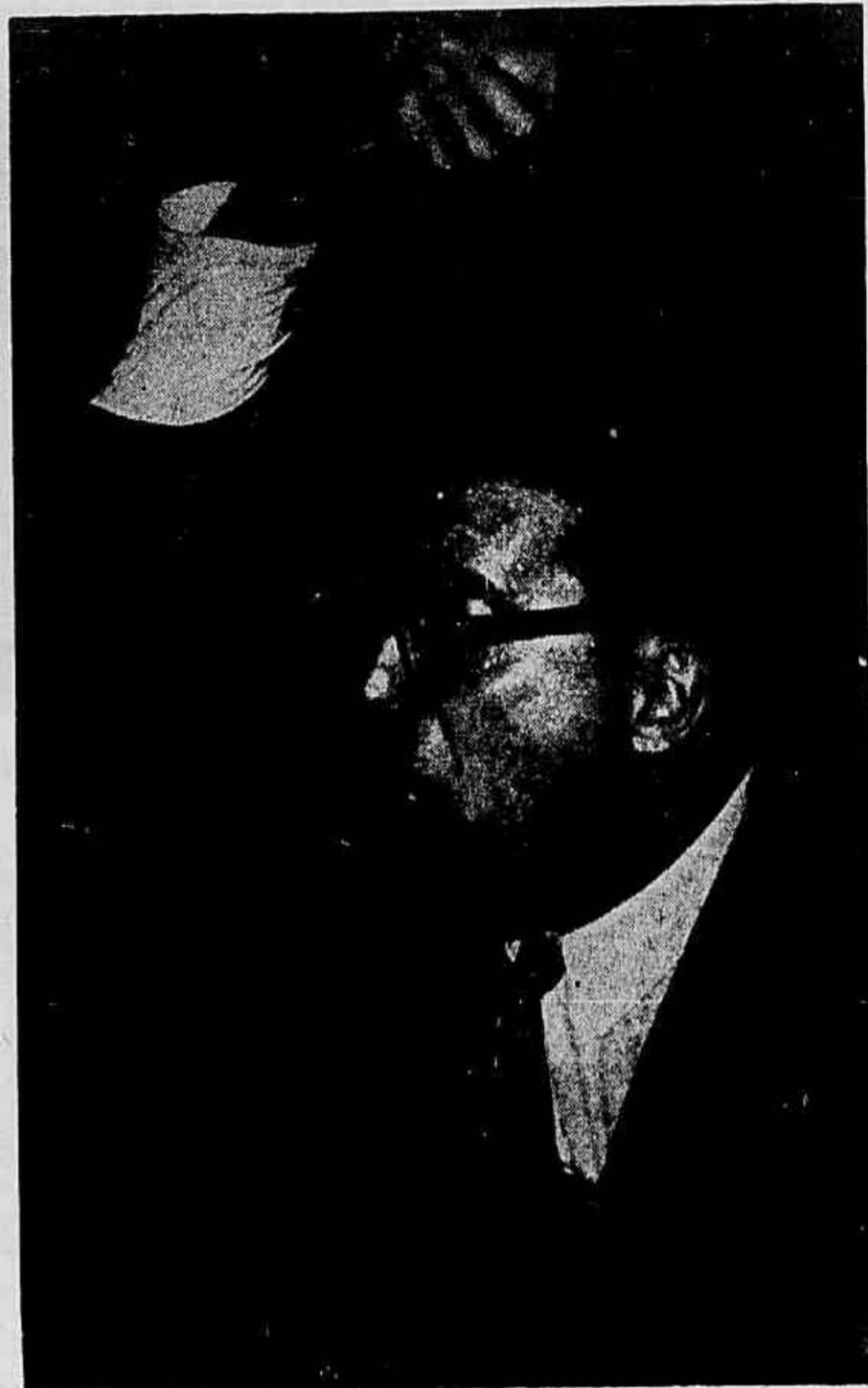
QUARTO: além do fato de que apenas um dos três lotes mencionados pertence à «Tribuna da Imprensa», acha-se ele gravado com uma hipoteca à Caixa Econômica, no valor de 1 milhão 150 mil cruzeiros; os outros dois lotes, de propriedade do sr. Frisbee, acham-se igualmente hipotecados a duas empresas inglesas de seguros, a «Pearl Assurance Company Limited» e a «Prudential Assurance Limited», no valor de 1 milhão e 500 mil cruzeiros.

QUINTO: resta a hipótese do sr. Albert Henry Frisbee ser um dos donos da «Tribuna da Imprensa». A audácia do sr. Carlos Lacerda ao entrar numa campanha eleitoral, tendo, ao mesmo tempo, tanta sujeira nas costas, autoriza-nos até mesmo a levar em conta esta enormidade. E dizemos enormidade porque o artigo 160 da Constituição veda expressamente a estrangeiros serem acionistas de sociedades anônimas proprietárias de empresas jornalísticas ou radiofônicas.

SEXTO: também não é demais lembrar que as duas companhias de seguros às quais aparecem hipotecados os lotes ditos da «Tribuna da Imprensa», há apenas quatro anos foram acusadas de fraudar o país, remetendo ilegalmente para o estrangeiro lucros aqui auferidos. Durante mais de vinte anos, a firma do sr. Albert Henry Frisbee foi representante da «Pearl» e da «Prudential» (esta é uma das maiores se-

guradoras do mundo) no Brasil e é provável que ainda hoje outra firma sua — Collir & Frisbee — continue a representá-las no Estado de São Paulo.

Para completar este breve retrato do corrupto sr. Carlos Lacerda, lembramos, ainda, que segundo informa oficialmente ao IAPI, o sr. Lacerda recebeu e embolsou as contribuições descontadas dos seus operários para a previdência social. Não só não destinou o dinheiro ao IAPI — como era sua obrigação — mas ainda gastou-o nas suas prolongadas viagens pela Europa. Pode haver maior exemplo de falta de escrúpulo de desonestidade, de vontade frustrada de realizar negociatas? Disse, com razão, o deputado Adauto Lúcio Cardoso, destacado político da UDN carioca, conversando em Brasília numa roda de políticos e jornalistas: «Tenho muito medo de ver o Lacerda no Governo da Guanabara. Não sei até onde poderá ir a corrupção ali...».



Desespêro da derrota

A certeza na vitória, com que Lacerda iniciou sua campanha eleitoral, desapareceu da face do candidato da corrupção e do golpe. O desespêro tomou conta do Corvo do Lavradio e o suor inunda o seu rosto transornado.

Lacerda se Apropriou de Milhões de Cruzeiros dos Institutos de Aposentadoria

setembro de 1960 7251

IR-60	—	Maria Couto	N.º 4.100	—	IR-60	—	Eduardo
4.ª	Vara						
IR-60	←	Roberto	N.º 5.310	—	IR-60	—	Carlos Fr-
2.ª	Vara						derico Werneck de Lacerda — 2.ª
IR-60	—	Antonio					Vara
4.ª	Vara						
IR-60	—	Hugo metti	N.º 5.112	—	IR-60	—	Resto Lau-
1.ª	Vara						
IR-60	—	Sebastião Silva Leal	N.º 5.114	—	IR-60	—	Almir da
1.ª	Vara						
IR-60	—	Ernani Hip-	N.º 5.116	—	IR-60	—	Julio Borges
1.ª	Vara						
IR-60	—	Joaquim Lemos	N.º 5.120	—	IR-60	—	Jose Lavradio
1.ª	Vara						
IR-60	—	Joaquim Lemos	N.º 5.122	—	IR-60	—	Paulo Ge-
1.ª	Vara						

Nem debaixo de vara

Além das dívidas para com IAPI e IAPC, o Corvo também está às voltas com o Imposto de Renda, conforme processo na 2.ª Vara da Fazenda. Na foto, fac-símile do D'O de 12/9, página 7.151.

A negociata da Avenida Chile não passa de um aspecto apenas das falcatruas em que se encontra envolvido, de corpo e alma, o candidato udenista ao Governo da Guanabara. Esta é a conclusão a que se chega, à base de um exame frio, sereno, dos delitos que assinalam cada passo das atividades desse aventureiro, verdadeiro caudilho de «ganga», que ainda tem a coragem de se apresentar como chefe de um movimento contra a «corrupção e o roubo».

De fato, um breve levantamento procedido nos últimos dias em relação às dívidas do jornal do sr. Carlos Lacerda para com os institutos de previdência revela cifras estorrecedoras e prova, concretamente, que muito mais do que um simples contribuinte em

atraso, o Corvo do Lavradio, fazendo jus à condição de ave de rapina, já se apropriou indebitamente de vários milhões de cruzeiros recolhidos de seus empregados e que, somados às suas contribuições de empregador atingem a cerca de vinte e quatro milhões de cruzeiros. E o Código Penal, como se sabe, prescreve penas até cinco anos de prisão para os autores desse delito.

As contribuições que embolsou

O sr. Carlos Lacerda vem sendo autuado há nada menos de oito anos pelo não pagamento das contribuições a que está sujeito como empregador, bem como pelo não recolhimento das contribuições que rigorosamente desconta de seus empregados. São quantias cujo total entre abril de 1952 e março de 1960 ascendem a Cr\$ 8.965.204,70, inclusive multas diversas, só no IAPI.

Não despreza nenhum recurso

Entretanto, nesse período, no curso do qual centenas de vezes escrevendo artigos, falando na Câmara ou manifestando seu pensamento por outros meios, não poupou os responsáveis pela «falência» dos institutos, Lacerda não o perdeu tempo em meio à sua ânsia incontrolada de acumular fortuna. Comprou apartamentos (na Rua Toneleros e na Praia do Flamengo), uma casa de campo, automóveis e outros bens, com dinheiro que não lhe pertencia.

É certo que o IAPI, fracassadas as suas tentativas de cobrança amigável, apelou para a Justiça e que o Tribunal Federal de Recursos condenou Lacerda a recolher as contribuições que havia escamoteado de seus empregados. Nem assim o negociata se declarou vencido, e apelou da sentença naturalmente porque não tem nas suas mãos, em dinheiro vivo, a quantia de Cr\$ 1.059.000,00 a que se refere a decisão judicial. E o mesmo deverá acontecer com outros oito milhões cuja cobrança seguirá, sem dúvida, o mesmo caminho.

15 milhões no IAPC

Já no que se refere às dívidas da «Tribuna da Imprensa» para com o IAPC a situação ainda é mais grave, mesmo porque esta deve ultrapassar os quinze milhões de cruzeiros, dos quais Cr\$ 4.061.412,00 estão sendo cobrados judicialmente. E aqui se repete o mesmo caso anterior de apropriação indebita, pois ao lado das contribuições de Lacerda como empregador figuram as contribuições dos seus empregados filiados a esse Instituto, ou sejam os redatores, repórteres, fotógrafos e revisores do seu jornal, todas por ele embolsadas sem a menor cerimônia. Em consequência, no Cartório do 1.º Ofício da 1.ª Vara da Fazenda Pública existem duas ações executivas movidas contra a «Tribuna da Imprensa» pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, referindo-se uma, no montante de Cr\$ 1.956.657,70 a contribuições de abril de 1953 a dezembro de 1955, e outra a uma dívida de Cr\$ 2.104.755,20, correspondente a contribuições de fevereiro a agosto de 1957.

Fêz acôrdos para enganar

Tais dívidas, em face da relutância de Lacerda em satisfazer o seu pagamento, já determinaram a penhora de bens da «Tribuna da Imprensa».

Foi somente nessas condições que Lacerda aceitou entrar em acôrdo para o pagamento parcelado de uma daquelas partes da sua dívida. Mas, mesmo assim, violou o compromisso assumido, que fixava sete prestações mensais para a sua liquidação, num total de Cr\$ 2.104.755,20. Somente dois anos após a data desse acôrdo, ou seja em julho deste ano, pagou a primeira prestação.

Quanto à outra parcela (Cr\$ 1.956.657,70) o acôrdo a que chegou o IAPC com o sr. Lacerda não tem encontrado melhor sorte, bastando assinalar que de trinta e três prestações sucessivas de Cr\$ 59.299,00 ele apenas pagou seis.



E agora José?

Depois de tentar o golpe do terreno da Av. Chile, de se apropriar de 24 milhões de cruzeiros do IAPI e IAPC, de sonegar o pagamento do Imposto de Renda e ver penhoradas as máquinas de seu passquim, o candidato do Clube da Lanterna faz uma pausa em sua campanha eleitoral e tenta, desesperado, encontrar uma saída para a enrascada em que se meteu. Terrivelmente embaraçado, pois todos que o acusam apoiam-se em provas irrefutáveis que exibem para quantos quiserem ver, o candidato chegou a fugir na semana passada, para Petrópolis, pretextando doença. E agora, Lacerda!

NOVOS RUMOS

SEIS MESES DE CAMPANHA DESMAÇARAM O DEMAGOGO E ENTREGUISTA JÂNIO

Seis meses atrás, Jânio era invadido por todos os aspirantes a demagogo, como um modelo no gênero. Candidato «da banqueira paulista e dos grupos internacionais», como bem o caracterizou o marechal Lott, Jânio centrava a sua campanha na tentativa de confundir as áreas populares, e obinha inegavelmente certos êxitos nesse terreno. Distinguindo-se nisso de um Lacerda, ele foi bastante inteligente para compreender que não conseguiria qualquer apoio popular se se apresentasse de público como defensor dos interesses e idéias que o sustentam. Pelo contrário, sua preocupação era aparecer como candidato «independente», de concepções novas sobre os problemas do país e, mesmo, como um «louco». O que, aliás, não lhe é muito difícil, uma vez que diversos depoimentos de médicos ilustres, em São Paulo, já apontaram nele alguns sintomas reais de loucura.

Com esse objetivo de confundir o público sobre o caráter de sua candidatura, Jânio foi à União Soviética, fez-se fotografar ao lado de Nasser e só faltou ingressar no Exército cubano, quando visitou Havana. Disse várias vezes que «não entendia porque os comunistas o atacavam», pois, afirmava, era um incondicional defensor da legalidade para o PCB e chegava mesmo a admirar os comunistas. Era, em palavras, um ardoroso partidário da reforma agrária, da revolução cubana, do direito de greve — enfim, de toda e qualquer idéia ou reivindicação esponsada pelo povo brasileiro.

Isso há seis meses. Hoje, dez dias antes das eleições, Jânio já perdeu qualquer ilusão de aparecer como líder das causas populares. Defende abertamente a perseguição aos comunistas e ao movimento operário, não perde oportunidade de atacar Fidel e a revolução cubana, e nem sequer pensa mais na União Soviética, a não ser para temer o «poderio» do socialismo. Sua preocupação, ao contrário de antes, é aparecer como defensor dos latifundiários, dos investimentos estrangeiros, e da diplomacia yanque. Que aconteceu, para uma mudança tão radical de comportamento?

O povo tirou a máscara do demagogo entreguista

Na verdade, a mudança é mais aparente que real. Em seis meses de cam-

panha eleitoral, Jânio foi gradualmente desmascarado pelo próprio povo brasileiro, como um vulgar e grosseiro demagogo entreguista. Para isso concorreram, além do crescente afirmação do conteúdo nacionalista, democrático e honrado da candidatura Lott, as próprias contradições em que se debate o demagogo. Embora gozasse de um largo crédito de confiança, por parte dos grupos yanques e reacionários que o financiam (o «Time», comentando a viagem de seu candidato à URSS, escreveu que Jânio podia ir onde quisesse, que ninguém iria suspeitá-lo de «simpatias pelo comunismo»; eram apenas «injunções» da campanha eleitoral), Jânio nunca pôde desembaraçar-se de todo de seus laços com os tristes. Mesmo sem o fazer, várias vezes ele foi «mal compreendido» pela reação; «O Globo», por exemplo, em editoriais de primeira página, fez críticas indignadas às suas declarações de apoio a Cuba.

Jânio foi assim obrigado a manter-se numa linha sinuosa e negoceante, que entrava em conflito aberto com suas pretensões eleitorais. Foi ao Kremlin e depois correu imediatamente a beijar a mão do Papa, em Roma. Declarou-se admirador de Fidel Castro, mas logo compensou sua «ousadia» com uma manifestação de amor a Rockefeller — «meu grande amigo», disse ele. Nessas idas e vindas do candidato entreguista, o povo aprendeu a rir dele. E sua desmoralização foi tão profunda que foi possível ao marechal Lott, na pequena cidade de Apucarana, no interior do Paraná, fazer estourar de rir a multidão que compareceu ao seu comício, com sua célebre charada: «O que é que anda da direita para a esquerda e da esquerda para a direita?» A resposta do povo foi unânime e imediata: «É Jânio!...»

O resultado foi que Jânio não ganhou apoio considerável de forças nacionalistas e populares, e viu ameaçado o seu prestígio junto a certos setores mais intransigentes da reação. Pena Bato foi um dos que chegaram a dar entrevista à imprensa, criticando acerbamente a demagogia janista, embora reafirmando o seu apoio ao amigo de Rockefeller. Daí a mudança de atitude: Jânio desistiu de olhar para o povo, e passou a aceitar de vez a sua caracterização como candidato de direita.

Ai se explica a obsessão anticomu-

nista demonstrada pelo candidato udenista, nas últimas semanas. Depois de desmascarado, na Convenção do PRP, como um verdadeiro inimigo do movimento operário e do socialismo («No governo, não darei tréguas aos comunistas» — foi o que Jânio prontificou-se a deixar escrito, para alegria dos integralistas, em conversa documentada com Plínio Salgado) Jânio embarcou numa aberta campanha de provocações, repetindo os «slogans» da propaganda yanque sobre o comunismo.

Em quatro dias, de 11 a 14 de setembro, Jânio não fez outra coisa senão marcar a sua posição de inimigo faz de movimento operário. Em cada cidade que passou, nesse período, deixava uma ameaça. Em Blumenau, revelou a sua hostilidade ao direito de greve para os trabalhadores, afirmando que «é claro que nenhum de nós apóia greves que promovam interesses subalternos». Em Recife negou o direito de atuação política para os comunistas, repetindo, como pretexto para essa posição, a velha calúnia de que «os comunistas obedecem à orientação de uma potência estrangeira». Em Joinville, também em Santa Catarina, aratou outra ameaça, afirmando que «jamais permitirei que as doutrinas do comunismo internacional prevaleçam na terra brasileira».

O amigo de Rockefeller também é contra Cuba

E Jânio não se limita a tirar a máscara de democrata e admirador dos comunistas, que tentou adotar no início de sua campanha, para marcar agora a sua posição reacionária. Também em outro problema vital para o imperialismo norte-americano — a revolução cubana — ele já está deixando perfeitamente clara a sua identidade com a diplomacia de Washington. Já se irrita francamente quando mencionam a sua viagem a Cuba, e as declarações que fez na época.

Depois de fixar sua «posição oficial» de cumplicidade com os planos imperialistas de intervenção em Cuba, no discurso que pronunciou na revista «Manchete», Jânio tem repetido com frequência declarações hostis à revolução cubana. Naquele discurso, ele defendeu a tática yanque de utilizar a Organização dos Estados Americanos para derrubar o governo de Fidel Castro, afirmando que Cuba deve conformar-se com as decisões da OEA, e deve renunciar à ajuda dos foguetes soviéticos no caso de uma agressão militar dos Estados Unidos. Em diversas oportunidades, depois disso, ele tem procurado justificar a derrubada do princípio da não-intervenção e da soberania nacional, por parte dos Estados Unidos, contra Cuba, no caso do governo cubano «ser dominado pelos comunistas». «Serei o primeiro a combater Cuba quando ali se instalar um governo comunista», afirmou a testada de ferro da Esso, para a Arcebispo de Porto Alegre, no último dia 13, em declarações divulgadas por escrito à imprensa.

Também na questão da reforma agrária, Jânio esqueceu completamente suas tiradas demagógicas de antes. Nas respostas que deu ao CONCLAP, também por escrito, chegou ao cúmulo de afirmar que a «reforma agrária» a ser adotada pelo Brasil é a pura e simples canalização dos recursos públicos para os latifundiários, para que estes «estejam em condições» de explorar suas terras. Da mesma forma desapareceram de circulação suas afirmações de preocupação pelos interesses do povo, contra a ganância dos tubarões e dos grupos econômicos. «Creio que dentro da prática da livre concorrência encontrarão, consumidores e produtores, os meios adequados de produzir e de se abastecerem sem intervenção do governo», disse ele, nas mesmas respostas ao sindicato de trustes chamado CONCLAP, ao expor a sua posição contrária a qualquer controle do Estado sobre as manobras e especulações dos grupos econômicos contra o povo.

Um plano escondido do «Our boy» de Washington

Repetido pelos trabalhadores e nacionalistas, e acuado pela campanha patriótica do marechal Lott, Jânio assume assim a sua verdadeira posição de boneco dos trustes e do latifúndio. Isso, é claro, não impede que, vez por outra, ele ainda tente confundir

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 23 a 29 de setembro de 1960

Nº 82

os incautos, pois seu descaramento é suficiente para desobrigá-lo de qualquer coerência. Ainda no último dia 13, em São Paulo, precisamente um dia depois de sua campanha anticomunista no Sul do país, ele não teve escrúpulos de afirmar, diante de uma suposta «Ação Socialista» formada para apoiar sua candidatura, que:

«Tenho certeza de que a democracia do futuro será um Estado socialista».

Jânio, contudo, já está queimado irremediavelmente, como «our boy» do Departamento de Estado, segundo a expressão famosa da «Hanson's Letter». E a opinião pública brasileira já está alertada, inclusive, de detalhes de seus planos de entrega imediata do petróleo à Esso, se fosse eleito. Informações trazidas por aquela mesma revista financeira lanque dão conta de pre-

parativos já em curso para a vinda de uma «missão econômica» composta de banqueiros norte-americanos, para «fazer um balanço» da situação econômica do Brasil — balanço que, obviamente, seria concluído pela afirmação da insolvência do país, e pela indicação do «único remédio» possível: a entrega do petróleo.

É o próprio Jânio, aliás, que confirma a veracidade dessa informação da «Hanson's Letter». Em uma resposta escrita que endereçou ao «Jornal da Bahia», em 29 de setembro passado, afirmou ele:

«É indiscutível a necessidade de uma participação maior dos governos estaduais nos proveitos da exploração do petróleo. As condições vigentes são de molde a desencorajar o indispensável apoio, quer à pesquisa, quer à lavra, pelos governos locais».

Qualquer pessoa ainda que pouco ligada ao assunto do petróleo no Brasil enxergará a vinculação entre essa declaração de Jânio e o célebre «plano Roberto Campos» de entrega do petróleo, divulgado no «O Globo» pelo ex-agente de Rockefeller no BNDE. É exatamente a concessão de autoridade aos governos estaduais para negociarem com os trustes estrangeiros a exploração do petróleo em cada Estado, limitando-se a Petróbrás às suas instalações existentes no Recôncavo baiano a linha básica desse plano de entrega do petróleo.

É um plano entretanto que, como muitos outros que vieram antes dele, não chegará a ser pôsto em prática; pois o povo brasileiro já conhece Jânio, e mostrará nas urnas a que pensa da sua demagogia e do seu caráter de instrumento dos trustes. Lott será eleito.

RELATION
TO
BRAZILIAN
ELECTION
APPRAISAL

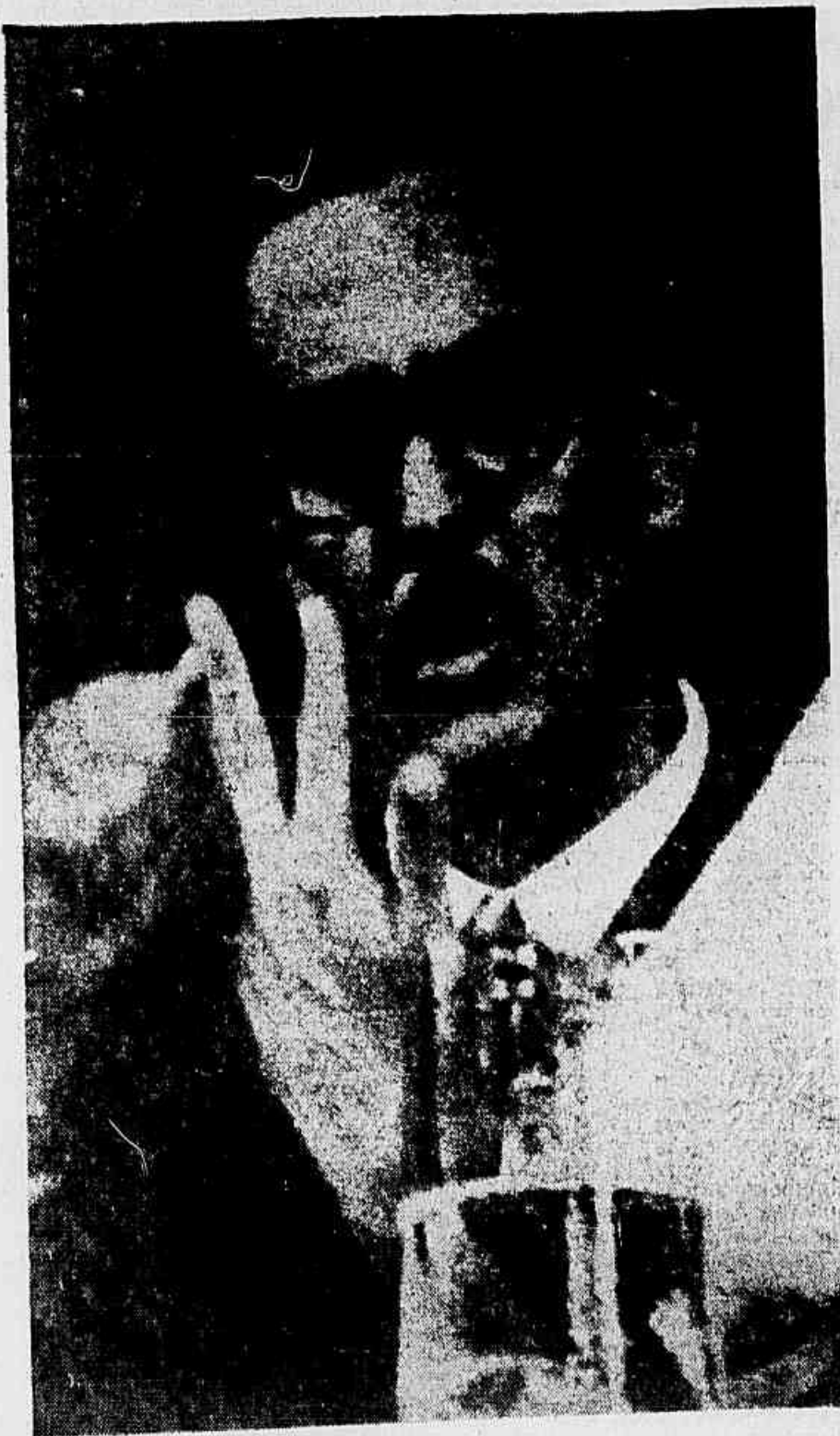
And for the U.S. the policy decisions go beyond Argentina too. It has generally been anticipated in Washington that the election of Quadros in Brazil would give the Department another Frondizi, that his campaign utterances and even a testing of the political usefulness of a flirtation with Castro could be ignored in anticipation of an easy shift from campaign promises once the election is won. But the Argentine election this week demands caution in the creation of any more "our boy" arrangements of this kind.

Patrão descuidado «deu o serviço»

Adianta-se geralmente em Washington que a eleição de Quadros no Brasil dará ao Departamento de Estado um outro Frondizi. Mas as eleições realizadas agora na Argentina exigem cautela em quaisquer novos arranjos de «nosso homem» desse tipo. Isso é o que afirmou a revista dos grupos financeiros yanques, «Hanson's Letter».

Quando está bêbado Jânio conta nos dedos

O recente escândalo do Recife, onde Jânio teve de cancelar um comício à última hora por estar «no porre», provou mais uma vez que o candidato dos trustes, depois de alguns copos de «whisky», só sabe contar nos dedos.



Toma da Light

Dicionário

Distribuição na Sociedade Primitiva

A noção de propriedade privada dos meios de produção não existia entre os homens primitivos. Apenas alguns instrumentos de produção que serviam, ao mesmo tempo, para a caça e como meio de defender-se dos animais, pertenciam a alguns indivíduos da comunidade. E o trabalho era realizado coletivamente. Não que isso decorresse de uma atitude consciente, de uma escolha prévia da socialização dos meios de produção, mas sim pelo fato de que, isoladamente, o homem era demasiado débil para enfrentar a natureza e dela retirar os meios para sua subsistência. Naquele estágio da sociedade, além do trabalho humano apenas bastava para prover suas necessidades mais indispensáveis, mas não dava para criar qualquer excedente, uma reserva para depois, isto é, uma produção suplementar. Não podia, desta maneira, existir classe social nem exploração do homem pelo homem.

O trabalho dos homens primitivos tinha como base a **cooperação simples**, isto é, o emprego simultâneo de uma quantidade mais ou menos considerável de mão-de-obra para a execução de trabalhos simples. A experiência mostra que a realização de uma mesma tarefa seria feita mais rapidamente por um grupo de homens do que por um homem trabalhando durante um tempo equivalente à soma do tempo de trabalho empregado por todo o grupo. E isto é certo ainda que os instrumentos de trabalho sejam os mesmos, assim como o nível técnico médio. Os mutirões realizados pelos nossos lavradores para a execução de um trabalho simples (o roçado de uma área, etc), constituem um exemplo de **cooperação simples**. Mas ainda, há trabalhos, mesmo simples, inacessíveis a um só indivíduo, e que só podem ser realizados por uma equipe. Na sociedade primitiva encontramos, entre outros a caça aos grandes animais (mamutes, por exemplo) que só podia ser realizada em grupo, mediante a **cooperação simples**.

Como a produção mal dava para a subsistência imediata da comunidade, havendo, portanto, insuficiência de objetos de consumo, a **distribuição** tinha que ser **igualitária**. Numa sociedade que produz o estritamente necessário ao sustento dos seus membros, uma distribuição desigual faria com que sucumbissem pela fome aqueles contemplados com um quinhão menor. E isso exporia a perigo a capacidade de sobrevivência de toda a comunidade.

Portanto, na sociedade primitiva a **distribuição igualitária** era decorrência de uma produção insuficiente, ao passo que a **distribuição igualitária** que Marx preconiza para a sociedade comunista baseia-se na abundância de produtos. A União Soviética e os demais países socialistas encontram-se na primeira etapa da sociedade comunista — o socialismo —, onde a **distribuição** ainda não é igualitária, mas feita de acordo com a quantidade e a qualidade do trabalho. Quem trabalha mais, ou executa um trabalho mais complexo, recebe mais.

Na sociedade capitalista, teoricamente, rege o mesmo princípio na distribuição dos bens produzidos. Entretanto, como as leis aqui atuam abrindo caminho em meio a tendências que a elas se opõem, esse princípio se verifica em média e nunca em casos individuais. Além disso, a existência da propriedade privada dos meios de produção faz com que só uma parte relativamente pequena da massa de bens produzidos se destine àqueles que os produzem, sendo a outra parte apropriada pelos donos desses meios de produção, isto é, os donos das fábricas, das fazendas, etc., os donos do capital.

Executivo. O que se pede do Legislativo é a elaboração de leis que garantam o bom funcionamento da máquina administrativa. Leis essas que não deixam dúvidas e que possam ser executadas pelo Poder Executivo, sem necessidade de novo exame pelo Legislativo, o que julgamos um absurdo".

Em abono da tese da inconstitucionalidade, cita o parecer duas opiniões, uma do Sr. Themistocles Cavalcanti e outra do Sr. Sampaio Costa, segundo as quais a fixação de tarifas, no regime da dependência dos preços, é uma atribuição do Poder Executivo.

Porque é constitucional

A respeito das alegações acima, da Procuradoria Jurídica do Departamento de Águas e Energia Elétrica, ouvimos o próprio autor do projeto, deputado Barbosa Lima Sobrinho, solicitando um pronunciamento seu, em particular sobre a suposta inconstitucionalidade e a alegada incapacidade dos órgãos legislativos para manifestar-se sobre tarifas. Disse-nos o deputado nacionalista:

— Um dos pilares do regime constitucional é o consentimento do povo. Foi na luta pelo respeito a esse princípio que se firmou o regime constitucional em todo o mundo, desde a Inglaterra da época de João Sem Terra. E esse consentimento deve ser dado pelo poder que, por excelência, representa o povo, isto é, pelo Poder Legislativo. Não pode haver criação de um novo imposto, ou qualquer alteração de imposto sem que o Poder Legislativo se pronuncie, aprovando. Assim é o regime constitucional, e é assim que se exerce o consentimento popular. Ora, as tarifas, fixadas para os serviços públicos, são um onus muito maior que os impostos para os usuários desses serviços, notadamente os assalariados. Por que, então, os impostos necessitam de aprovação legislativa e as tarifas não? Ignoro.

rar esse princípio seria, isto sim, violar a essência do regime constitucional.

Maior fiscalização

Continua o deputado Barbosa Lima Sobrinho:

— Uma segunda razão milita em favor da tese que defendo. A prévia aprovação da alteração das tarifas pelo legislativo implica na necessidade de uma maior fiscalização do assunto. A experiência brasileira mostra como é grande o poder corruptor das trustes da eletricidade e como é relativamente fácil ao trustee corromper os poucos elementos do Poder Executivo que com ele têm contato. Além disso, tal tramitação propiciaria um maior conhecimento do assunto, reduzindo a margem de que dispõem os trustes para fraudar o País.

Por fim, não resiste à menor argumentação essa alegação de que o legislativo não está aparelhado para opinar sobre tarifas. Efetivamente, as tarifas são estabelecidas através de um contrato firmado, pelo Poder Público e sujeito à aprovação do Poder Legislativo. E isto é assim, porque os contratos de concessão envolvem privilégios. A modificação da tarifa é, consequentemente, uma alteração do contrato e não poderia prescindir da aprovação, do consentimento do Poder que aprovou o contrato. Sem isso, sim, é que há uma delegação de poderes: dá-se ao Executivo a faculdade legislativa de reformar ou alterar contratos aprovados pelo legislativo. Aqui no Rio, até alguns anos atrás, havia uma lei pela qual as tarifas eram fixadas pela Câmara Municipal.

Essa é a tradição brasileira, autenticamente constitucional. Com a revogação daquela Lei, a Light, conseguiu um dos seus objetivos e ficou com as mãos livres.

Portanto, a tese contida no meu projeto é legítima tanto jurídica como moralmente. Querer concentrar essas atribuições nas mãos do Executivo não passa de uma desfaçanha. Porque os trustes ficam com as mãos livres.

Conveniente para a Light

Concluindo, afirmou-nos o ex-governador de Pernambuco:

— Portanto, inconveniência no meu projeto só existe para os trustes, que passarão a ter sua contabilidade fiscalizada ou que, na pior das hipóteses, encontrarão maior dificuldade para aplicar a técnica do suborno e da corrupção, em que são mestres.

aguarde:

BRASIL SÉCULO XX

Nota Econômica

Seria inexacto dizer-se que a Conferência Econômica de Bogotá constitui uma mera repetição de encontros semelhantes anteriormente realizados pelos Estados americanos. Sem dúvida, ainda que timidamente e sob a forma de generalidades, o documento final da reunião da «Declaração de Bogotá» atora alguns dos problemas que se encontram na base do subdesenvolvimento de toda a América Latina. Entretanto, cabe aqui uma outra indagação: teria sido possível que as coisas corresse agora de outro modo e que a delegação norte-americana mantivesse a mesma e glacial indiferença diante das justas queixas que em outras oportunidades têm sido apresentadas quanto à política dos Estados Unidos para com a América Latina? Seria isto possível depois dos movimentos populares vitoriosos na Colômbia, na Venezuela e, sobretudo, em Cuba, nos últimos três anos?

Por outro lado, somente interesses outros, como os do apoio incondicional ao imperialismo yanque, ou, mesmo, os de uma promoção pessoal do Sr. Frederico Schmidt, poderiam levar certos jornais a considerar a Conferência de Bogotá como «uma reviravolta» na posição norte-americana. Onde esta suposta reviravolta? Quais as suas manifestações concretas? No simples reconhecimento, através de formulações vagas e gerais, de que devem ser enfrentados alguns dos problemas realmente básicos da América Latina? Sim, os 500 milhões de dólares «para programas de desenvolvimento social» (veja-se bem: social e não econômico) não deixaram de exercer uma certa atração sobre diversos delegados. E a tal ponto que chegou a ser apresentada — embora depois retratada — uma ridícula moção de louvor aos Estados Unidos pela sua «nova atitude» de compreensão dos nossos problemas.

Não acreditamos que se tenha modificado a essência da política do imperialismo norte-americano em relação à América Latina ou a qualquer outra parte do mundo. Mas, não se pode negar que nas condições de hoje o imperialismo já não pode agir como antes, desembarcando fuzileiros para resolver diferenças ou armando braços mercenários para derrubar governos legítimos, como na Guatemala, em 1954. A revolução cubana é uma realidade e, por mais que isso desagrade ou desespere certas pessoas, não pode ser esmagada pela força norte-americana. Hoje, mais do que nunca, o mundo é um só e a existência do campo socialista, com seu poderio, assegura a Fidel Castro que ele poderá continuar levando avanti suas transformações revolucionárias, sem o temor de ver-se apeado do Poder por um desembarque norte-americano. Essa nova realidade esteve presente em Bogotá e pode-se afirmar que, sem ela, as melhores idéias da OPA seriam apenas palavras ao vento, como têm sido até agora. E, antes de tudo, a essa nova realidade, que se deve a pequena modificação — ainda que formal, de palavras, sem apoio em atos — na posição norte-americana.

O subdesenvolvimento da América Latina não resultou de uma fatalidade histórica incontrolável. E' fruto de causas já bem determinadas e que se podem resumir no seguinte: de um lado, a espolição imperialista (em primeiro lugar a norte americana) e, de outro, nas atizadas estru-

turas agrárias. Espolição e atraso entrelaçam-se e não raro apoiam-se mutuamente.

E' certo que a «Declaração de Bogotá», por insistência da Venezuela e vencendo a oposição inicial do Brasil, incluiu entre as recomendações relativas a «medida de progresso social» uma no sentido de que sejam revistas as atuais estruturas legais ou institucionais relativas à posse da terra. Essa indicação talvez tenha o mérito de como que «legalizar» as medidas de reforma agrária preconizadas em alguns países, inclusive no Brasil. Mas, sua inocuidade é patente. Que poderia fazer a Conferência, como estímulo real a programas de reforma agrária na América Latina? Teria que estudar as medidas já postas em prática em Cuba e, em certo grau, na Venezuela, aconselhando-as aos demais países. Pelo menos isto...

A espolição da América Latina pelo capital estrangeiro dá-se por duas vias principais: 1) pelo aviltamento progressivo e constante dos preços dos nossos produtos de exportação e pela transferência direta de rendas produzidas nos países latino-americanos para os Estados Unidos, através das remessas de lucros, dividendos, dos juros, das amortizações de empréstimos, do pagamento de royalties, de assistência técnica, etc, etc.

A respeito dos preços, cuja estabilização a delegação cubana reclamou, limitou-se a Declaração a uma referência geral. Compromisso, mesmo, por parte dos Estados Unidos, nenhum. No entanto, bastaria que os norte-americanos se dispusessem de fato a assinar acordos a longo prazo, garantidores de preços mínimos, para que a América Latina tivesse um mínimo de garantia para suas receitas cambiais. Bastaria que os Estados Unidos fizessem contratos, como foi feito no passado em Washington, com a diferença de que agora seriam estabelecidos preços mínimos e não máximos...

Outro tanto poderia ser dito no referente ao movimento de capitais. A Declaração é pouco mais que vazia neste particular. Não define uma taxa mínima de desenvolvimento econômico, que pudesse ser considerada satisfatória e, ao mesmo tempo, garantia por empréstimos públicos estrangeiros. Cuba propôs que a Conferência de Bogotá em 10 Estados Unidos uma ajuda de 30 bilhões de dólares em 10 anos para o financiamento de projetos básicos de desenvolvimento. A proposta cubana foi considerada um despropósito, se bem que, se a aceitassem, os Estados Unidos apenas restituíam à América Latina uma parte do que daqui têm levado. E nem a proposta cubana foi aprovada, nem qualquer outra que fixasse algo de concreto.

Enfim, como disse o ministro cubano Regino Boti, a Conferência resumiu-se a um parto em que um rato foi dado à luz, «trabalhosamente, pelo subsecrário de Estado Douglas Dillon, assistido por 15 ministros». Não há por que exagerar os resultados de Bogotá. 500 milhões de dólares (prometidos) são um preço muito baixo para tanto desenvolvimento.

A Rádio de Moscou transmite para o Brasil programas especiais a partir de 20 horas, hora do Rio de Janeiro, no diapasão de ondas:

16 metros (17,82 e 17,84 megaciclos)
19 " (15,21; 15,40 e 15,44 megaciclos)
25 " (11,79 e 11,92 megaciclos)

Os órgãos legislativos não estão aparelhados para opinar qual a tarifa que corresponde à justa remuneração de determinado capital, pois para isso não possui órgãos especializados, que se encontram no Executivo. Os serviços públicos são, em regra, controlados pelo Poder Legislativo por meio de leis, que são normas de caráter geral e cuja execução deve ficar a cargo do



Máquinas da RDA Para o Brasil

Vem crescendo nos últimos anos o intercâmbio comercial entre o Brasil e a República Democrática Alemã. As exportações brasileiras constam principalmente de café, enquanto da RDA, recebemos tratores e outras máquinas. Agora,

dando mais um passo no sentido de ampliar tal intercâmbio, vem de ser assinado em Leipzig um convênio comercial entre a «Still Sia», de São Paulo e a «Werkzeugmaschinenexport» da República Democrática Alemã. Na foto, o re-

presentante da firma brasileira, Sr. José Vaneck, aparece à direita e o diretor-geral da firma alemã à esquerda. A «Still Sia» importará da Alemanha, máquinas e ferramentas no valor de vários milhões de marcos.

João Almeida

J.U.C.

XVII CONGRESSO METROPOLITANO DOS ESTUDANTES

Reforma da Universidade e Defesa da Escola Pública

Um dos fatores positivos do fortalecimento do que se convencionou chamar movimento estudantil, terá sido o ingresso em suas fileiras, como organização, dos jovens católicos, através da Juventude Universitária Católica. A mocidade católica percebeu que a melhor maneira a seu alcance, de influir no processo brasileiro é a militância diuturna nas legítimas organizações estudantis: diretório acadêmico, a união estadual e a União Nacional. Para alcançar a esta posição, entretanto, estão enfrentando uma dura luta contra uma casta de intelectuais reacionários, arrogados em guias espirituais da juventude, e contra determinados setores retrógrados da Igreja. Na medida em que afastam tais trambolhos — e em que fazem certas descobertas, como a de que esse negócio de «movimento estudantil dominado pelos comunistas» é conversa remunerada da imprensa ligada ao imperialismo — os católicos têm podido dar inestimável colaboração para a conquista de novas posições pelas massas universitárias, e, em consequência, pelo movimento nacionalista. No XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes, encerrado domingo, isto ficou bem claro. Podemos mesmo dizer que eles representaram uma das mais fortes determinantes do sucesso do conclave, tido por todos que o presenciaram como o mais produtivo e o que melhores resoluções políticas adotou, de quantos a União Metropolitana dos Estudantes já realizou. A delegação juclista mostrou-se perfeitamente cônica do papel que deve ser executado pela mocidade das escolas nos países subdesenvolvidos. Procurou sempre evitar as questões que poderiam dividir o plenário. E, mesmo quando caíram num imperdoável radicalismo, tentando sustentar uma posição (sobre a Lei de Diretrizes e Bases) condenada pelas outras tendências representadas no Congresso, as moças e rapazes da JUC souberam re-assumir sua postura unitária: após derrotados no debate, aclamaram, também, a proposição vitoriosa, quando esta foi posta em votação.

M. A.

Da Terra à Lua

Documentos soviéticos sobre o segundo foguete cósmico (Lunik II) que atingiu a Lua e o terceiro foguete cósmico, (Lunik III) portador da Estação Automática Interplanetária que fotografou o lado invisível da Lua.

Publicação da
Editorial Vitória Ltda.

A venda nas livrarias
Cr\$ 130,00

Pedidos pelo reembolso para
Caixa Postal 165 — Rio de Janeiro.

Com sessões plenárias varando as madrugadas (algumas terminaram depois das 4 horas), reuniu-se, na semana de 11 a 17 do corrente, o XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes. 360 delegados representaram as 42 escolas de nível superior da Guanabara; Calendário e Temário foram cumpridos à risca; funcionaram 12 comissões técnicas; e não faltou «quorum» para deliberar em nenhum instante do conclave. O Congresso aprovou Tomada de Contas e Relatório da diretoria da UME, elaborou um Programa Mínimo Administrativo e uma Carta de Princípios, redigiu um Regulamento Interno para o Restaurante Central dos Estudantes (Calabouço), discutiu e adotou deliberações sobre Reforma Universitária, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sobre sabotagem que o CONCLAP vem fazendo ao movimento estudantil, tomou importantes resoluções de caráter político, elegeu o Tribunal Eleitoral Metropolitano (TEME), e ainda debateu com o sr. Sérgio Magalhães, candidato nacionalista ao Governo do Estado.

Unidade

O Congresso teve duas características principais: unidade e vitalidade. As reuniões plenárias e de comissões chegavam, não raro, quase ao despenhar do sol sem que ninguém se ausentasse. E isto a despeito de muitos dos congressistas terem de trabalhar 6 ou 8 horas no dia seguinte.

Os debates jamais tiveram iguais profundidade e entusiasmo, em reuniões dessa ordem. E, no entanto, a esmagadora maioria das resoluções foram tomadas por unanimidade. Não houve, em absoluto, divergência quanto aos objetivos. A discrepância, quando existiu, foi sempre em torno da maneira pela qual as questões devem ser enfrentadas.

Ao final das discussões chegava-se sempre a uma solução unitária, ocorrendo, frequentemente, ser decidida uma resolução pelo critério de aclamação.

Reforma e diretrizes

Reforma Universitária e Diretrizes e Bases da Educação foram os temas mais debatidos. É urgente colocar a Universidade em função das nossas necessidades, decidiram os jovens. Foi inscrita no Programa Mínimo, uma recomendação taxativa no sentido de que a UME promova uma intensa campanha pela reforma do ensino superior. Sobre Diretrizes e Bases da Educação os universitários reafirmaram a posição que vêm sustentando em sucessivas campanhas: contra a subvenção (sob qualquer forma) a estabelecimentos de ensino particulares, contra a participação de donos de escolas nos órgãos de administração do ensino, e pela defesa da autonomia dos Estados no que concerne à formação de seus sistemas escolares.

Denúncia

Apoiada em farta documentação, uma denúncia gravíssima foi levada a conhecimento dos congressistas. O CONCLAP (Conselho das Classes Produtoras), entidade que se notabilizou pelas campanhas sistemáticas que vem movendo contra o ISEB e outras instituições ligadas ao movimento nacionalista, criou e supervisiona uma organização clandestina, destinada a afastar os jovens de suas legítimas associações de classe. Esta organização é mantida por recursos doados por empresas privadas («nacionais e estrangeiras») e atua fundando grêmios estudantis de «recreação» e «cultura», «apolíticos»; promovendo, através de páginas de certos jornais e da voz de certos políticos, campanhas de calúnia e difamação das entidades, estudantis, visando com isso a desacreditá-las; e financiando o divisionismo de elementos oportunistas infiltrados no movimento estudantil. O Congresso delegou poderes à diretoria da UME para tirar fotocópias da documentação recolhida e encetar um amplo movimento de desmascaramento desses agentes do entreguismo.

Resoluções políticas

Afara o que ficou cristalizado na Declaração de Princípios, o Congresso aprovou as seguintes resoluções: I — Apoio aos planos da SUDENE, de recuperação do Nordeste, e contra a entrega da energia produzida por Paulo Afonso à Bond and Share; II — Apoio à Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga as atividades da HANNA, pelo controle estatal da exportação de minérios, contra a exportação de minerais atômicos; III — Pela criação de uma escola móvel de salários; IV — Contra o financiamento, nos moldes em que atualmente é feito, aos produtores de café; V — Pela criação da DISPETROL; VI — Apoio à Declaração de Brasília; VII — Apoio às Ligas Camponesas, voto de louvor ao deputado Francisco Julião; VIII — Repúdio ao Tratado Luso-brasileiro de Consulta e Amizade; IX — Contra as ditaduras; X — Pela unidade do movimento estudantil internacional; XI — Por uma reformulação da OPA; e XII — Solidariedade ao povo argelino e repúdio ao governo colonialista de De Gaulle.

Temé

Foi eleito o Tribunal Eleitoral Metropolitano (TEME), órgão encarregado de processar as eleições para a nova diretoria da UME. Nove jovens foram escolhidos para formar o Tribunal. Desde logo ficou estabelecido que a Presidência do mesmo será exercida pelo universitário Nelson Pompeia, da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica. As eleições terão início no dia 5 de outubro, e serão realizadas pelo processo de votação direta, com urnas em todas as



O XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes foi um dos mais importantes já realizados pela UME. Os debates giraram, em sua maioria, em torno dos dois problemas atualmente centrais dos estudantes, quais sejam, a reforma das universidades e a defesa da escola pública. Entre as muitas moções aprovadas, destaca-se a do apoio a Declaração de Havana, que foi aplaudida pelos jovens (foto).

Estudantes apóiam Cuba

escolas. Voltarão todos os alunos cujas matrículas estejam regularizadas e que não se encontrem em débito com seus respectivos diretórios acadêmicos.

Flagrantes

* Carlos Diegues (Faculdade de Direito da PUC e Diretor de «O Metropolitano») expendia conceitos sobre nacionalismo. Dizia: «Para nós, o nacionalismo só terá sentido enquanto aplicado em função das classes mais oprimidas». Nisto, César Guimarães (redator-chefe de «O Metropolitano») virou-se para Arond Abend (Escola Nacional de Engenharia), e perguntou: Por que ele não diz «em função do proletariado?»

* A brilhante universitária Ceusa (Faculdade Nacional de Filosofia e JUC) teve prorrogado por seis vezes o tempo de que dispunha para defender seu ponto de vista sobre a Lei de Diretrizes e Bases. Loura Camargo (Faculdade de Direito do Catele) foi seu ouvinte mais atento: solicitou quatro das seis prorrogações obtidas pela oradora.

* O Plenário funcionou sem serviços de alto-falante. João Carlos Muller (Faculdade de Direito da PUC) e Mário Mussi (Faculdade Nacional de Medicina), que revezaram-se na presidência do encontro, frequentemente perdiam a calma, quando tentavam recompor a ordem, perturbada pelo calor dos debates. Já com a secretária ocorria o contrário. Da bela Liana Silveira (Escola Nacional de Belas Artes) e de outra graciosa jovem, que exerceram o penoso mister de anotar tudo quanto foi dito pelos delegados, emanava uma serenidade largamente responsável pelo êxito do Congresso.

* Quando da votação da Carta de Princípios o universitário Carlos Callou apresentou proposta no sentido de que se acrescentasse a palavra improdutivo no trecho da Declaração que falava em «extinguir o latifúndio». Visou com isso a aprovação mais fácil do item. Levantou-se porém uma das moças da JUC e protestou: «Latifúndio, improdutivo ou não, é um mal, e cum-prir extirpá-lo».

Declaração de Princípios

Os Universitários Cariocas, reunidos no seu XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes, unidos pelos princípios democráticos e pela fraternidade universal, resolvem:

- 1 — Reafirmação dos direitos contidos na Declaração Universal dos Direitos do Homem, elaborada pela ONU;
- 2 — Consideramos que só uma política nacionalista do desenvolvimento brasileiro, dará ao País o progresso socio-econômico, que só será válido se visar fundamentalmente as classes menos favorecidas, revelando a preocupação humana no processo do desenvolvimento;
- 3 — O conceito constitucional de uso da propriedade informa a necessidade de uma reforma agrária urgente, em termos que assegurem, realmente, justa retribuição com igual oportunidade para todos;
- 4 — Assegurar a educação democrática e gratuita, em todos os graus, é um dos deveres fundamentais do Estado, reservados exclusivamente para as escolas públicas os recursos financeiros destinados ao ensino, bem como o cumprimento do dispositivo constitucional de emprego integral dos 20% a ele destinados;
- 5 — Por uma maior assistência e ajuda ao inventor brasileiro e pela criação no seio da classe de órgão representativo para maior divulgação dos inventos nacionais;
- 6 — A UME reafirma sua posição contra todas as formas de colonialismo;
- 7 — A política externa do País deve basear-se na absoluta independência de todos os governos, subordinada exclusivamente aos interesses nacionais, repudiados quaisquer acertos lesivos à soberania nacional;
- 8 — As relações diplomáticas e comerciais entre todos os países fundamentam-se nos interesses de todos os povos e no anseio comum de paz. A confraternização e a união dos estudantes de todos os países é um dos fundamentos da paz universal;
- 9 — A defesa da soberania nacional, do desenvolvimento econômico do país, dos postulados democráticos e dos demais princípios aqui proclamados, não pode prescindir da participação atuante e permanente dos estudantes, como vanguarda vigilante e esclarecida do povo;
- 10 — Vigilância no setor eco-

nômico privado em relação às empresas estrangeiras, evitando que as mesmas façam remessas de lucros extraordinários e royalties para o exterior;
- 11 — Pela nacionalização imediata das indústrias de base, como também que o monopólio estatal seja a solução para exploração das fontes de energia;
- 12 — Lutar para que o governo estude e ponha em prática um novo plano de estabilização da moeda que não importe na paralisação ou diminuição do atual processo de desenvolvimento econômico;
- 13 — Apoio a todos os atos de intervenção e nacionalização nos frigoríficos;
- 14 — Pela nacionalização dos bancos, companhias de seguros e companhias de investimentos;
- 15 — Deveremos lutar sempre atentos às exigências dos trabalhadores e, como assunto de importância imediata, a defesa da completa autonomia sindical e de uma lei de greve firmada nesta liberdade de deliberação;
- 16 — A irrestrita solidariedade, através da aliança operário-estudantil, aos trabalhadores e amigos seniores do povo que fornecem a força de trabalho necessário a um desenvolvimento que se processa em detrimento de seus interesses, com um marcante caráter de espoliação;
- 17 — A necessidade do movimento estudantil lutar pela autodeterminação dos povos, contra a ingerência estrangeira em questões internas, preconizando uma política exterior independente dos dois grandes blocos e voltada para a unidade dos povos latino-americanos na sua luta contra o imperialismo;
- 18 — Exigir um desenvolvimento econômico em função dos interesses do povo brasileiro, tendo por objetivo o domínio pelo mesmo das fases de industrialização e comercialização das atividades básicas da nação;
- 19 — Pela independência do movimento estudantil e das classes que detêm o poder político, e no atual momento histórico é fundamentalmente instrumento dos interesses dos homens de indústria e, secundariamente, representa um estado agrário caracterizado por velhas formas de latifúndio semi-feudal;
- 20 — Apoio às nações africanas que atualmente estão travando luta pela sua libertação do colonialismo;
- 21 — Apoio ao povo cubano na sua luta contra o imperialismo, repúdio à declaração de São José;
- 22 — Consideramos a universidade uma instituição mantida pelo povo, que deve estar a serviço do povo, através do aprofundamento e difusão da cultura, da consciência das necessidades humanas da sociedade em que está inserida;
- 23 — O universitário, como um privilegiado, não tem direito a visar apenas a sua realização pessoal, mas deve colocar seu estudo a serviço das necessidades de sua coletividade;
- 24 — O voto do analfabeto e da praça de pré é uma medida necessária à democratização do processo político brasileiro;
- 25 — A unidade dos estudantes não visa tão somente a defesa de seus direitos, é, sobretudo, uma necessidade nacional.

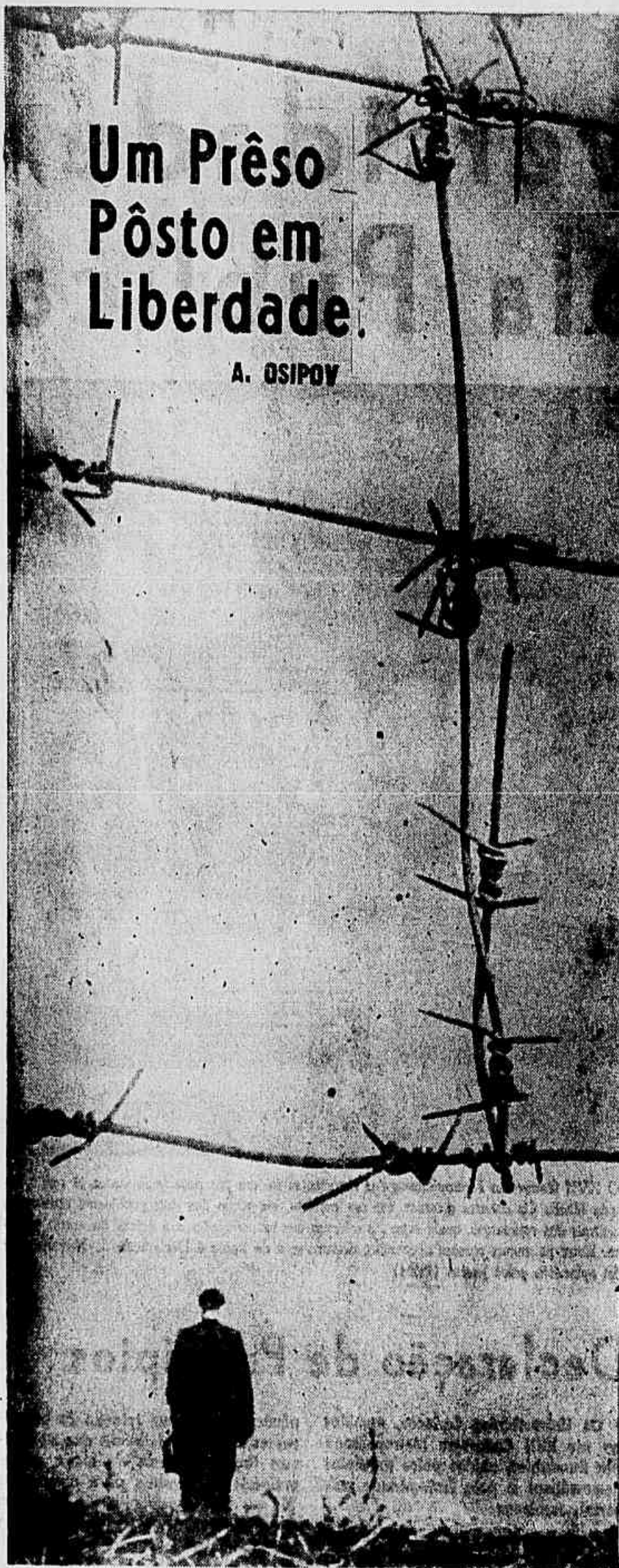
Declaração de Havana: Congresso Apóia

O princípio de auto-determinação dos povos e da não-ingerência nos negócios internos de outras nações se constituiu em um dos itens da Carta de Princípios votada pelo XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes. Como decorrência disso os estudantes aprovaram resoluções reconhecendo a Declaração de Havana como legítima portadora do corpo de atitudes que libertarão os países subdesenvolvidos da América Latina; dando integral apoio a todas as medidas tomadas pelo Governo Revolucionário de Cuba; e condenando a Declaração de São José.



Sérgio congressista

O deputado Sérgio Magalhães, candidato das forças nacionalistas ao Governo do Estado da Guanabara, compareceu, a convite dos jovens universitários, a uma das sessões plenárias do XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes. Depois de expor aos moços seu vasto programa, o candidato nacionalista foi homenageado, recebendo uma basta (foto) de congressista.



Um Prêso Pôsto em Liberdade.

A. OSIPOV

Foi pôsto em liberdade em um dia claro, sem nuvens. Atrás ficavam as atalaias dos sentinelas, os cercas de arame farpado... Nikolai Nachvai havia passado alguns «intermináveis» anos na colônia de correção por meio do trabalho, de Cheliábinsk.

Por que foi parar ali? Alguns delinquentes arrastaram o jovem operário para seu grupo, e afastaram do bom caminho. Em companhia deles, Nikolai cometeu um roubo. Foi descoberto, detido e julgado.

É difícil educar o homem

Há uma verdade bastante conhecida: é difícil educar o homem, mas é muito mais difícil reeducá-lo. Na União Soviética está traçado, em toda a sua amplitude, o problema da reeducação dos delinquentes. Os fundamentos da legislação penal da URSS e das repúblicas federadas estabelecem: «A pena não é somente castigo pelo delito cometido, mas tem também como finalidade corrigir e reeducar os condenados no espírito da atitude honrada para o trabalho, do cumprimento estrito das leis, do respeito às normas da convivência socialista, assim como no espírito de prevenir a perpetração de novos crimes, tanto pelos condenados como por outras pessoas. A pena não tem por objeto ocasionar sofrimentos físicos ou humilhar a dignidade humana». A colônia não é um cárcere; nela não há celas com grades nas janelas, nem grossos muros de pedra. O regime implantado para os reclusos se diferencia consideravelmente do carcerário, ainda que isto não faça supor, por certo, que se outorguem condescendências infundadas.

Nicolai Nachvai

A colônia se chama de correção por intermédio do trabalho. Nachvai, como todos os reclusos, tinha que trabalhar. Em oficinas bem equipadas aprendeu o ofício de cortador a maçarico que lhe ensinaram experientados mestres. Terminado o dia de trabalho, Nikolai dirigia-se à escola secundária, que não se diferenciava em nada das que existiam no outro lado das cercas de arame farpado. Quando foi pôsto em liberdade, Nikolai, junto com o dinheiro ganho na colônia com seu trabalho, recebeu o diploma de bacharel.

Ao sair da colônia, Nikolai não teve dúvidas sobre o que fazer e aonde dirigir-se. Iria, naturalmente, à fábrica de laminação de tubos, de Cheliábinsk, que patrocinava a colônia. Dir-se-ia que entre uma grande empresa industrial e uma colônia de reclusos não pode haver nada de comum. Entretanto, não é assim. Os soviéticos, educados no espírito da moral socialista, se preocupam profundamente com o destino de cada pessoa, participam ativamente da luta para suprimir a delinquência e ajudam aos que coem a pôr-se de pé e a abrir caminho na vida. E assim procede o pessoal da fábrica de laminação de tubos de Cheliábinsk.

Quer ser engenheiro

Para converter em bons trabalhadores os fascinados, especuladores e ladrões de ontem, a colônia necessitava de equipamentos industriais modernos. Tudo isto foi construído e montado com a cooperação da fábrica. As oficinas da colônia chegam, com frequência, operários de vanguarda, membros das brigadas de trabalho comunista. Ensinam os reclusos, os ajudam a adquirir verdadeira mestria em seus ofícios.

Puseram Nachvai para trabalhar na oficina de soldadura elétrica de tubos. O jovem alhava tudo com receio. E se, de repente, seu passado influísse na atitude dos demais em relação a ele? E se no seu íntimo, desconfiassem dele e começassem a isolá-lo? Mas não ocorreu nada disso. Acolheram-no como

qualquer novato: instruíram-no detidamente acerca das medidas de segurança no trabalho, o informaram de tudo como camaradas e o ajudaram a familiarizar-se com o seu trabalho. Do passado, nem a menor alusão.

A Nikolai lhe agrada o ofício de cortador a maçarico. Mas quer adquirir mais conhecimentos e saber fazer mais coisas. Ao mesmo tempo que trabalha, Nikolai começou a estudar na seção preparatória de um instituto de ensino superior. E dentro de alguns anos pensa receber o título de engenheiro.

Vladimir Riazánov

Recordamos outro caso. Certa vez em que os patrocinadores visitaram a colônia, estava entre eles o famoso laminador de tubos Pável Grechkin, Herói do Trabalho Socialista. O pessoal da colônia o apresentou a Vladimir Riazánov, jovem de vinte anos que estava cumprindo a pena imposta por roubo. O jovem despertou o interesse do velho operário, e Pável Grechkin voltou a visitar mais de uma vez seu novo conhecido, sustentando com ele longas conversações paternais. Era evidente que Vladimir sentia na alma aquele tropéico que havia tido na sua vida.

— Olha, rapaz — lhe disse certa vez Grechkin —, tenho fé em ti, e te ajudaremos a fazer de ti um homem.

— Não duvido — respondeu Vladimir com voz trêmula, fixando a vista no rosto bondoso, afetadamente sério, do velho operário.

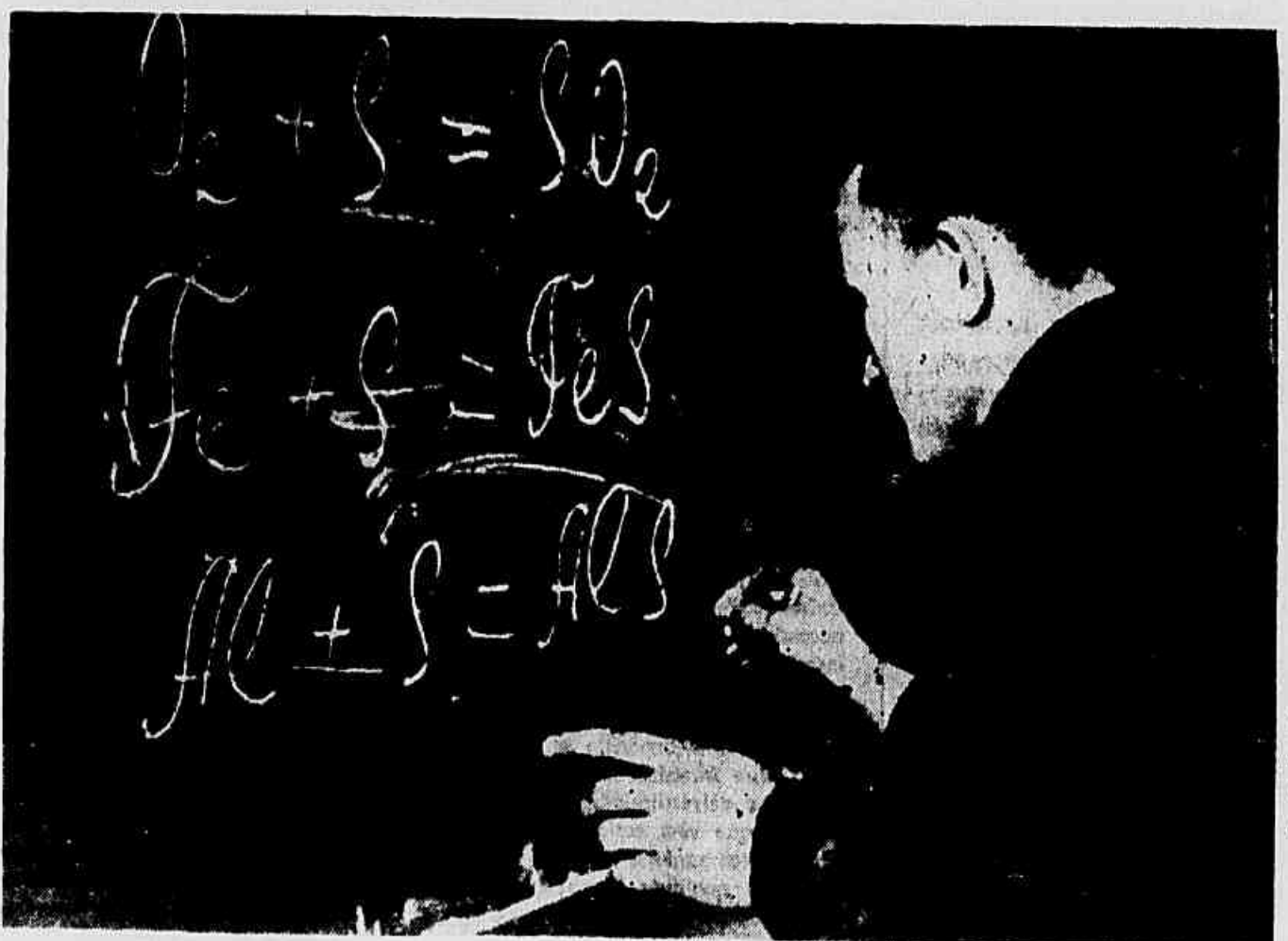
— Respondo por Riazánov, serei pai para ele um pai — anunciou Pável Grechkin.

Quando por sentença do tribunal, Vladimir foi pôsto em liberdade antes de cumprir a pena, Grechkin o recomendou para que o admitissem na fábrica de laminação de tubos. Alojaram o jovem na casa operária, onde agora se vê com frequência Pável Grechkin. Visitam também Riazánov os membros do comitê sindical da fábrica e camaradas da oficina em que trabalha. Eles se sentem também fiadores de Riazánov, mostram grande preocupação pela sorte do homem que se havia desviado e o ajudam com boas palavras, com seus conselhos e exemplo pessoal.



Primeiros contactos

Ao deixar a prisão, onde cumpriu longa pena por crime de roubo, o operário Nikolai Nachvai dirigiu-se à fábrica de tubos onde iria trabalhar, entrando em contacto com seus novos companheiros.



Deseja ser engenheiro

Durante os anos de reclusão Nachvai aprendeu uma nova profissão e fez os estudos secundários, preparando-se para ingressar na Faculdade de Engenharia tão logo fosse libertado. Na foto, Nachvai mostra no quadro negro os seus conhecimentos de Química, indispensáveis à carreira que pretende abraçar no futuro. O sistema penitenciário soviético dá oportunidade de recuperação a todos.

PERSEGUIDOS POLÍTICOS DE ESPANHA E PORTUGAL

Convocada a II Conferência Latino-Americana (Novembro)

A Comissão Latino-Americana Permanente pela Anistia para os presos e exilados políticos de Espanha e Portugal, está convocando para os dias 11, 12 e 13 de novembro do ano em curso, a sua segunda Conferência Latino-Americana. Estas reuniões, que congregam intelectuais e políticos de projeção dos países ao sul do Rio Grande, fazem parte de ampla campanha destinada a conseguir uma anistia que abra, em Portugal e Espanha, uma nova era de paz civil. A existência naqueles países, de milhares de presos políticos e de tribunais de exceção para castigar com duras penas, inclusive a execução sumária, simples delitos de opinião, assim como a violação a todo o momento dos direitos humanos, é reprovada por todos os cidadãos que não compreendem a permanência, numa época em que o desenvolvimento da sociedade atingiu um estágio de civilização que permite ao homem a dignidade de manifestar sem maiores represálias o seu pensamento, em terras de tão decantadas tradições culturais, de um regime inquisitorial, que chega a ser mais cruel, em cer-

tos aspectos, do que certas práticas repressivas usadas na Idade Média.

Em Buenos Aires

A II Conferência terá por local Buenos Aires. Para tomar parte na importante reunião a Comissão Latino-Americana Permanente convida as figuras mais prestigiosas do Continente, as instituições, movimentos, imprensa e povo a participarem do conclave, que deverá resultar numa demonstração em prol da democracia maior ainda do que a I Conferência realizada em abril na cidade de São Paulo. A Comissão solicita que as adesões sejam comunicadas ao seguinte endereço: Comisión Permanente Latinoamericana — Bartolomé Mitre 1260 — Montevideo — Uruguay.

Assinam a convocatória da II Conferência diversas personalidades de projeção da América Latina, entre as quais o embaixador Alvaro Lins, membro da Academia Brasileira de Letras, a dra. Delores de Melo Vasão, conhecida advogada paulista e o sr. Antônio Mastrocola, deputado estadual em São Paulo.



Como se forja um povo e um regime que põe sua marca indelével na vida de nosso tempo e na marcha da humanidade para o futuro.

1 volume, 830 páginas, em primorosa brochura.

Cr\$ 650,00

Pedidos a

Jurandir Guimarães

Agência Intercâmbio Cultural
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28
Telefone: 37-4983 — São Paulo

Atendemos pelo Recbôlso Postal. Solicite nosso catálogo de ATUALIDADES SOVIÉTICAS

RELATÓRIO DA COSEC ACUSA:

TRAGÉDIA DO ENSINO NA ÁFRICA PORTUGUÊSA

A VIII Conferência Internacional dos Estudantes, patrocinada pela COSEC (Secretaria Coordenadora de União Nacional de Estudantes, cuja sede é em Leiden, Holanda), realizada em 1958 em Lima (Peru), elegeu uma Comissão de Estudos e Informações sobre as condições dos estudantes nos países coloniais africanos. O trabalho da Comissão está sendo apreciado agora, quando a COSEC realiza a sua IX Conferência, em Zurich, na Suíça. Khau Kwang Hua, presidente da União Nacional dos Estudantes do Malaya, integrante da Comissão, foi encarregado de fazer uma investigação sobre a situação do ensino na colônia portuguesa de Angola. Divulgamos, hoje, alguns trechos de seu relatório. Trata-se de um documento muito oportuno para os brasileiros, pois aparece no exato momento em que alguns jornalistas patrióticos, membros da comissão da Presidente Juscelino às chamadas «comemorações henricquinas», tecem loas, no seu afã de justificar a assinatura do Tratado Luso-brasileiro de Consulta e Amizade, ao sistema de ensino salazarista e às maravilhas da colonização lusitana na África.

O país

«Angola — escreve Khau — é um vasto e rico território situado na costa da África Ocidental, com a superfície de 1.246.700 Km² e uma população de 4 milhões e meio de habitantes, colonizado pelos portugueses desde 1486, onde existe um dos mais elevados índices de analfabetismo de toda a África, numa média de 95 por cento».

Não há universidade

«Como nos demais territórios colonizados pelos portugueses, em Angola não existe ensino superior equiparado ao universitário. Os angolanos que desejarem estudar além do secundário, são obrigados a matricular-se nas universidades da metrópole, porém, devido ao elevado custo das bolsas, e à falta de assistência do governo, o seu número não vai além de uma dúzia por ano».

«Em declarações feitas à Comissão de Estudos e Informações, os alunos africanos em Lisboa condenam severamente a política educacional portuguesa adotada em África, declarando que a educação primária e secundária é

privilegio dos europeus, sendo que a porcentagem de crianças africanas que frequentam as escolas, não vai além de um por cento».

«Os nativos não têm o direito de receber nem a educação estatal, sendo que só as escolas missionárias lhes abrem as portas».

Quadro

«Em todo o território de Angola, existe apenas um total de 500 escolas incluindo primárias, secundárias e missionárias. No que se refere ao ensino secundário, o governo mantém ali apenas 5 liceus, com pouco mais de 600 lugares. Funcionam 37 estabelecimentos particulares».

«Em 1958 o total de alunos matriculados nas 500 escolas, era de 100.150, correspondendo a 2 por cento, assim distribuídos: 54.300 nas escolas de alfabetização, 31.945 nas escolas primárias, 5.784 nas escolas secundárias e 8.120 nas escolas missionárias».

Única

«Ainda hoje a única escola agrícola existente em Angola, é a escola

Vieira Machado, situada na Vila de Tchiningurio, com capacidade para apenas 50 alunos e exclusivamente para brancos, pois até 1958 nenhum aluno de naturalidade africana a havia frequentado, conforme o confirma o escritor James Duffy em seu livro sobre a África».

Ventos da Transformação

O presidente da União Nacional dos Estudantes do Malaya conclui da seguinte forma o seu relatório: «Sabese que os fatores que criaram esta deplorável situação e responsáveis pela grande atraso cultural dos territórios de Angola e Moçambique, são todos oriundos da ignóbil ditadura salazarista que oprime Portugal. Porém, os ventos da transformação estão girando na África, e brevemente estarão em Angola, quiza também na metrópole, fazendo com que aqueles povos se tomem livres. Já se notam movimentos no seio da população nativa e, na medida em que o sol vai penetrando nas plagas angolanas, o povo vai sacudindo a albarda dos odiosos opressores».

PASSADO E FUTURO DA ECONOMIA CUBANA

Acabar Com Latifúndio e Atraso Industrial é a Única Maneira de Defender a Economia

O professor Carlos Rafael Rodríguez, catedrático de Economia Política da Universidade de Havana e diretor do jornal «Hoy», órgão do Partido Socialista Popular (comunista), fez recentemente uma conferência na Universidade Popular sobre o tema «Defesa da Economia Cubana». NR publicou, em seu número 80, um condensado da primeira parte da conferência, onde Carlos Rafael analisa a estrutura da economia herdada pela revolução depois de mais de meio século de semi-dependência em relação aos trustes norte-americanos. Publicamos agora os trechos mais importantes da segunda parte. Rodríguez estabelece, em primeiro lugar, a diferença radical existente entre as que desejavam apenas algumas reformas de superfície, e as que, como Fidel Castro, compreenderam desde o início que era necessário mudar a própria estrutura adulterada da economia do país.

O que tínhamos de fazer para defender nossa economia era transformá-la. O primeiro passo da revolução era a ofensiva, para depois iniciar a defesa do que foi conquistado. E o programa da revolução poderia ser traduzido nos seguintes aspectos principais:

- 1) Transformar nosso país de economia agrária em economia industrial para depois construir uma economia totalmente industrializada na qual a agricultura, com toda a sua importância e embora continuasse crescendo continuamente, não fosse o fator principal, e sim um fator complementar e secundário.
- 2) Eliminar dessa forma o desemprego, porque daremos um golpe implacável à sua forma agrária agora e, com o desenvolvimento industrial, o eliminaremos num prazo mais ou menos curto, que o comandante Che Guevara calculou em dois anos e meio.
- 3) Eliminar também a dependência das exportações, não porque exportemos menos, e sim porque as exportações passarão a ser uma proporção cada vez menor do produto nacional total, de maneira que Cuba produza tanto que em vez do açúcar representar 25% de todo o produto nacional, mesmo com o desenvolvimento subsequente da produção açucareira, ela passe a representar apenas 15% ou 10%, ou até menos, de tudo o que é produzido no país.
- 4) Eliminar a dependência de um só mercado externo, romper o monopólio comercial que nos foi imposto pelo imperialismo norte-americano.
- 5) Finalmente, proteger desse modo, mediante um processo mais ou menos longo, de acordo com as circunstâncias históricas, com a força da revolução, com a solidariedade que a Revolução recebeu da América e do mundo, com o desenvolvimento do movimento nacional antilperialista da América Latina, proteger, nesse processo mais ou menos longo, todos os domínios da

economia; fazer com que passem para o controle da Nação, e, pelo menos, ter, como temos agora, um Governo capaz de impedir que a utilização dos pontos-chave por companhias estrangeiras diminua o bem-estar do povo e contradiga o desenvolvimento econômico do país.

Isto sim, constitui uma verdadeira revolução e é isto que está fazendo a Revolução Cubana que se iniciou há muitos anos e que começou a culminar a partir de 1º de janeiro de 1959.

Significação da Reforma Agrária

Por isso, começamos com a Reforma Agrária. A Reforma Agrária não é para Cuba unicamente um problema de caráter social, embora tenha um importante aspecto social. É claro que num país que tem mais de dois e meio milhões de cidadãos vivendo no campo e do campo, o fato de que só existissem 48 mil proprietários de terras, e dêssem alguns milhares fossem grandes proprietários, o fato de que existissem 32 mil camponeses em propriedades de menos de um terço de caballeria (cerca de 4,5 hectares), outros 30 mil em propriedades que iam de um terço a três quartos de caballeria; o fato de que 150 mil propriedades, que constituem 98% de todas as propriedades, fossem menores do que 37 caballerias e que, por outro lado, 114 propriedades, isto é, os grandes latifúndios tivessem sózinhos 20% de toda a terra disponível, todos estes fatos explicam a miséria tradicional do povo de Cuba.

Isto explica que, nos momentos de crises — e nós que vivemos os anos dramáticos da década de 1930 o sabemos — os camponeses tivessem que dormir nas calçadas e viver de esmolas com seus filhos e filhas, filhas que eram candidatas à prostituição, porque esse era o único caminho que os imperialistas e os latifundiários lhes deixavam.

Este aspecto social do problema agrário tem enorme importância e a revolução restaurou os direitos do camponês, ao converter mais de 100 mil arrendatários, subarrendatários, parcelos e colonos em donos de um pedaço de terra; e, sobretudo, ao transformar a situação centenas de trabalhadores agrícolas, que antes trabalhavam nas grandes plantações, e que trabalharam durante muito tempo por salários inferiores a 20 centavos diários. Aqui abro um parêntese para observar que este fato, apesar de dramático é pouco conhecido até hoje. Há alguns dias quando dizia a meus alunos na Universidade que em Cuba, até 1933, trabalhava-se no campo 12 a 14 horas diárias por salários inferiores a 20 centavos, houve em seus rostos um olhar de espanto.

Miséria acabou

Essa situação vai acabar, acabou definitivamente com a Reforma Agrária.



Carlos Rafael em NR

Mas esta reforma tem um caráter econômico que é importante quanto o social, o que está vinculada ao processo de nossa economia nacional: Cuba não podia ser um país industrial se a metade da população não tinha a possibilidade de consumir, se os camponeses cubanos viviam nestas condições de miséria, se a renda média dos camponeses era inferior a 15 pesos mensais para toda a família. Como poderia haver consumidores para a indústria de calçados? Como poderia haver consumidores para as indústrias de tecidos, de produtos alimentícios e todas as outras ramos da economia nacional? Por conseguinte, o primeiro resultado da Reforma Agrária está sendo e será a elevação do nível de consumo do campesinato e a criação de seu mercado para consumo interno de produtos industriais. De tal forma que com a aplicação inicial da Reforma Agrária, aumentou de forma extraordinária o consumo de todas as artigos industriais em nosso país.

Não existe atualmente em Cuba uma só fábrica que não esteja trabalhando em dois turnos e que não se destine ao consumo nacional. Existem mesmo fábricas que trabalham três turnos e que não conseguem satisfazer os pedidos existentes. Esta situação é inteiramente nova em Cuba.

País agrícola importava alimento

Por outro lado, este é um elemento econômico essencial para o desenvolvimento de nossa indústria e traz como consequência a poupança de divisas. Quando se diz a um estrangeiro que este país agrícola foi chamado de «terra mais linda que os olhos humanos jamais viram», que foi considerada por muitos estrangeiros como um país privilegiado por não ter, salvo na época dos ciclones, qualquer ameaça natural que ponha em perigo suas colheitas, quando se diz a um estrangeiro que este país importava 170 milhões de dólares em alimentos (dos quais 140 milhões vinham dos Estados Unidos), o assombro é total. Se somarmos os 80, 100, 130 ou 170 milhões de pesos que vimos importando em alimentos nos últimos 40 anos, veremos que foram gastos bilhões de pesos que deveriam ter sido empregados em maquinaria agrícola e em instalações industriais. Se isto tivesse sido feito, Cuba seria agora um país industrializado, muitas vezes mais prospero do que somos.

Por isso, cada peso que o camponês cubano poupa agora produzindo

uma viagem que realizou pela América Latina, Carlos Rafael Rodríguez, diretor do jornal «Hoy», de Havana, esteve em NOVOS RUMOS, conversando com seu diretor, Mário Alves, e redatores. Rodríguez é catedrático de Economia Política na Universidade de Havana, depois de um concurso em que ficou patentado seu conhecimento profundo sobre a economia cubana. Carlos Rafael, além de jornalista e professor, mantém intensa atividade política, como dirigente do Partido Socialista Popular, e como líder popular desde a década de trinta.

riqueza agrícola, cada quintal de arroz que é produzido a mais no país, vai nos emancipando da tutela estrangeira, representa divisas que iremos acumulando, não para gastar em coisas inúteis, mas para comprar máquinas que tornarão rentável e próspera a economia de nosso país.

Finalmente, esta Reforma Agrária dará à indústria uma fonte de matérias-primas. Ontem mesmo, um operário de uma das fábricas estatais me disse cheio de orgulho que pela primeira vez foi beneficiado em Cuba o algodão cubano para a fabricação de tecidos cubanos. O mesmo acontecerá com o azeite de soja e de amendoim, que substituirá os óleos importados. Outro aspecto da Reforma Agrária que não pode ser esquecido é o quantitativo. A economia deturpada que nos foi imposta pelo imperialismo fez com que, apesar do solo fertilíssimo de Cuba, tenhamos um rendimento de apenas 45.000 arrábas por caballeria, enquanto que em outros países este rendimento vai a 80, 90 ou 100 arrábas. Dêsse modo, a produção açucareira acumulou em suas mãos, às vezes sem utilizar, 179 mil caballerias de terra, quando necessitava apenas de 74 mil, usando os velhos métodos agrícolas, ou 50, usando métodos modernos. Com isso poderiam ser produzidos seis milhões de toneladas de açúcar. A mesma situação existe na pecuária. Se poupássemos estas terras mal empregadas, poderíamos utilizá-las para outros cultivos.

Esse é o outro aspecto da Reforma Agrária como parte da industrialização do país.

Que tipo de industrialização

Mas, chegando a este ponto, a industrialização, é preciso perguntar: que tipo de industrialização queremos? Muitos são os que têm aconselhado que Cuba continue sendo um país agrícola, que aproveitássemos nossos recursos naturais apenas para a indústria de consumo. Diziam estes senhores que já tínhamos dado passos suficientes no sentido da industrialização e que poderíamos nos contentar com a produção agrícola, impartando o resto dos países industriais avançados.

Vejamos alguns dados sobre a indústria que tínhamos. Em 1954, os técnicos do Banco publicaram o primeiro censo industrial de Cuba e, a despeito das insuficiências estatísticas, revelou-se que havia 1840 indústrias. Analisemos, porém, em que consistiam estas «indústrias». Dessas 1.840 em-

presas, 830, quase a metade, tinha 5 ou menos empregados. Em outras palavras, as pequenas oficinas artesanais de tabaco ou de calçado, em que o patrão trabalha com três ou quatro empregados, e violam as leis e o fisco para que se possam manter, são a metade das empresas industriais que possuíamos. São os 830 indústrias que nos legou o imperialismo...

Outras 336 empresas tinham de 6 a 10 operários, 320 tinham de 11 a 25 operários. Isto é, 80% dos empregos tinham menos de 25 operários e eram, portanto, pequenos ou pequeníssimas indústrias. Somente 14 empresas tinham mais de 500 operários, e eram, quase todas, empresas estrangeiras.

Indústria verdadeira

É esta a indústria que certos revolucionários queriam defender. Mas não é esta a indústria que vai ser construída e defendida em Cuba. Em seu último discurso, disse Fidel Castro: Cuba aspira ao melhor grau de industrialização possível e, embora vá realizar esse processo de forma sensata e por etapas, podemos estar certos de que nosso país terá o grau de industrialização necessário.

Temos todas as condições para que em nosso país, dentro de poucos anos, seja implantada a indústria siderúrgica. Já estão sendo ultimadas negociações com países amigos para construir uma usina siderúrgica com capacidade para 500 mil toneladas de aço por ano. Vamos iniciar também a construção das indústrias metálicas, como as que foram contratadas com a Tchecoslováquia, e que tanto aborrecem certos senhores porque, segundo dizem, vamos ser escravizados pelos países socialistas. E vamos preparar, nessas indústrias iniciais e incipientes, técnicos que mais tarde trabalharão nas empresas siderúrgicas mais avançadas. Da construção de refrigeradores passaremos à construção de motores e, no momento oportuno, produziremos nos mesmos as máquinas ferramentas de que necessitamos. Teremos também uma indústria química, porque necessitamos de centenas de milhões de pesos em adubos e inseticidas para levar adiante os planos de desenvolvimento agrícola que o INRA elaborou e não podemos nos dar ao luxo de continuar importando omonaco dos Estados Unidos para a fábrica de adubos nitrogenados de Matanzas. Com isso pouparemos milhões de pesos em divisas, ao mesmo tempo que colocaremos nas mãos da classe operária máquinas que se converterão em riquezas.

A GUERRA PODE SER EVITADA!

A paz e a guerra: eis a questão fundamental dos nossos dias. Dela depende o destino de cada ser humano, não importa onde ele viva. Será possível manter a paz, ou a guerra será uma inevitabilidade? Este problema constitui o tema central do artigo de Todor Jidkov, primeiro secretário do Partido Comunista Búlgaro, intitulado «A paz, problema crucial do nosso tempo» publicado no número 8 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Partindo do fato de que «o conteúdo fundamental de nossa época é a passagem do capitalismo para o socialismo», o autor mostra que está envelhecida a tese segundo a qual «a nossa época é a época do imperialismo, uma época de guerras e revoluções proletárias». Desta mudança naquilo que constitui o conteúdo fundamental da nossa época, decorre também que as guerras deixaram de ser uma inevitabilidade, pois as leis do imperialismo têm hoje um campo limitado. O autor dá, enfim, uma profunda explicação teórica, do ponto de vista filosófico marxista, da tese de que as guerras deixaram de ser inevitáveis e que é possível preservar a paz.

O número 8 de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO traz, ainda, outras matérias de grande interesse, como o artigo de F. Havlicek sobre a nova Constituição da Tchecoslováquia, na qual o autor estuda as modificações operadas na estrutura econômica e política do país; a continuação do debate sobre a função econômica do Estado no socialismo, três cartas inéditas de Lênin, artigos sobre algumas das retumbantes derrotas sofridas ultimamente pelo imperialismo lanque — no Japão na Coreia do Sul e na Turquia — e outras matérias de grande interesse.

Acompanhe as questões mais importantes da atualidade lendo regularmente

PROBLEMA DA PAZ E DO SOCIALISMO

cujo número 8 está à venda em todas as bancas de jornais e livrarias. Redação e Administração: rua da Assembleia, 34, salas 204 e 301, Rio. Preço do exemplar Cr\$ 30,00. Assinaturas: 1 ano Cr\$ 300,00 e seis meses Cr\$ 180,00



Açúcar só não chega

Durante mais de cinquenta anos a economia cubana foi inteiramente dominada pela produção de açúcar. Milhares de hectares de terras eram monopolizadas pelas grandes companhias açucareiras, em sua maioria estrangeiras

Janistas Espalham o Terror Para Impedir Eleições

Desesperados com a certeza, que serão derrotados nas urnas a 3 de outubro, os partidários do sr. Jânio Quadros perdem a cabeça e se lançam à prática de toda sorte de violências e fazem do terrorismo sua arma de amedrontamento do eleitorado. Esse desespero se faz sentir com maior intensidade nos Estados de São Paulo, da Guanabara e de Pernambuco. Em São Paulo e Pernambuco, cujos governos são janistas, os srs. Carvalho Pinto e Cid Sampaio assumem o comando dos atos de violência e terrorismo, lançando suas polícias contra trabalhadores em greve e jornalistas, processando líderes camponeses e apreendendo edições de jornais que apóiam a candidatura nacionalista do marechal Lott. Na Guanabara, os partidários dos srs. Jânio Quadros e Carlos Lacerda espalham o terror incendiando barracas de propaganda da candidatura do sr. Sérgio Magalhães, tentando tumultuar os comícios nacionalistas, espancando e ferindo gravemente estudantes da Faculdade de Direito e chegando ao ponto de atirar a tiros a residência do candi-

dato nacionalista, cuja família é submetida a uma tórpe campanha de intimidação pelo telefone. A violência se acentua mais no Estado de São Paulo, onde o governador Carvalho Pinto continua a tradição deixada pelo seu mestre, sr. Jânio Quadros, velho e conhecido inimigo dos trabalhadores. Ali, grupos de janistas apoiados pela indiferença da polícia tentam dissolver pela violência comícios de propaganda da candidatura Lott, a polícia massacra os motoristas de táxi, em greve, dos quais Jânio se revelou, quando no Governo inimigo declarado, e Carvalho Pinto manda condenar a anos de prisão conhecidos líderes camponeses de Santa Fé do Sul, como Jofre Correia. Com essa onda de terror e violência, os janistas procuram justificar uma solução extra-legal, já que estão certos da derrota nas urnas. E ainda têm o desprazer de afirmar que são os comunistas que tumultuam o processo eleitoral e não desejam a posse dos candidatos eleitos!

Jânio Quadros governa assim



Durante o Governo de Jânio Quadros em São Paulo, as violências contra os trabalhadores em luta por melhores condições de vida se sucederam, algumas com trágicas consequências. Jânio se revelou, particularmente, um inimigo declarado dos motoristas de táxi, aos quais quis obrigar a pintar os carros de amarelo, como nos Estados Unidos. O seu sucessor, Sr. Carvalho Pinto, não fica atrás. A semana passada, durante a greve dos motoristas, o governador paulista mandou sua polícia massacrar (foto) os grevistas e jornalistas que lá estavam fazendo a cobertura dos acontecimentos.



O desespero da derrota

O repúdio dos estudantes à candidatura do corvo (ou será rato?) Lacerda levou ao desespero os lanterneiros, que, anteendo a derrota nas urnas a 3 de outubro, desencadearam a onda de violência contra os partidários do deputado Sérgio Magalhães. A foto nos mostra o momento em que os arruaceiros rasgavam uma faixa do candidato nacionalista em frente à FND, dando início às badernas.



Também levaram o seu quinhão

Os lanterneiros acompanharam em grande número o candidato da negociata da Av. Chile, ao prédio da Faculdade Nacional de Direito, onde foram recebidos por estrepitosa vaia dos estudantes daquela escola. Ao perceberem que espécie de recepção aguardava seu candidato, armaram verdadeira baderna, passando a agredir os opositores. Mas também apanharam, conforme mostra a foto, onde vemos um desajustado do Clube da Lanterna sendo castigado.



Ganhar pela força

Na falta de argumentos para ganhar o apoio das massas, os lanterneiros começam a usar da violência, num desespero justificado de quem sente aproximar-se a derrota. Na Faculdade de Direito (foto) os partidários do Sr. Carlos Lacerda, rativos e incôntroláveis, lançaram-se contra os estudantes que estão em bloco com o candidato nacionalista Sr. Sérgio Magalhães.

NOVOS RUMOS